

MÁGICO DE VZ

**EU
LEIO**



O MÁGICO DE OZ

L. Frank Baum



Tradução

Luciano Machado

Apresentação e apêndice

Mário Vilela

**TEXTO
INTEGRAL**

ea
editora ática

Edição revista.

Título original: *The wizard of Oz*

Título da edição brasileira: *O Mágico de Oz*

DIREÇÃO PRESIDÊNCIA Mario Ghio Júnior

DIREÇÃO DE CONTEÚDO E OPERAÇÕES Wilson Troque

GERÊNCIA EDITORIAL Cintia Sulzer

COORDENAÇÃO EDITORIAL Fabio Weintraub

EDIÇÃO Andreia Pereira

PLANEJAMENTO E CONTROLE DE PRODUÇÃO Patrícia Eiras e Adjane Queiroz

REVISÃO Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.),

Brenda T. M. Morais, Claudia Virgilio, Gabriela M. Andrade e Sandra Fernandez

COORDENAÇÃO COMERCIAL Carolina Tresolavy

PROJETO GRÁFICO Ludo Design

CAPA E ILUSTRAÇÕES Amaury Filho

EDIÇÃO DE ARTE Daniela Amaral (ger.), Erika Tiemi Yamauchi (coord.), Nathalia Laia (assist.)

DIAGRAMAÇÃO Nathalia Laia

ICONOGRAFIA E TRATAMENTO DE IMAGEM Sílvio Kligin (ger.), Claudia Bertolazzi (coord.),

Fernando Cambetas (pesquisa iconográfica) e Fernanda Crevin (tratamento)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Baum, L. Frank (Lyman Frank), 1856-1919

O mágico de Oz / L. Frank Baum ; capa e ilustração
Amaury Filho ; tradução Luciano Machado. - 4. ed. - São
Paulo : Ática, 2019.
il. - (Eu leio).

Tradução de: *The wizard of Oz*

ISBN: 978-85-08-19359-2

I. Literatura infantojuvenil I. Amaury Filho
(ilustrador). II. Machado, Luciano (tradutor). III. Título.
IV. Série.

2019-0259

CDD: 028.5

Julia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

ISBN 978-85-08-19359-2

Código da obra CL 742359

CAE 659718

2019

4ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



SUMÁRIO

Apresentação **7**

- O ciclone **11**
- A conversa com os Munchkins **15**
- Como Dorothy salvou o Espantalho **22**
- O caminho pela floresta **28**
- O resgate do Homem de Lata **32**
- O Leão Medroso **39**
- Viagem em busca do Grande Oz **44**
- O campo de papoulas mortal **49**
- A Rainha dos ratos-silvestres **55**
- O Guardião dos Portões **59**
- A maravilhosa Cidade de Esmeralda do Mágico de Oz **65**
- Em busca da Bruxa Malvada **76**
- O resgate **85**
- Os macacos alados **89**
- A descoberta de Oz, o Terrível **95**
- A magia do grande impostor **103**
- Como o balão subiu **107**
- Rumo ao Sul **110**
- Atacados pelas árvores briguentas **114**
- A graciosa cidade de porcelana **117**
- O Leão se torna o Rei dos Animais **122**
- A terra dos Quadlings **126**
- Glinda atende ao pedido de Dorothy **130**
- De volta a casa **134**

L. Frank Baum:
Na estrada de tijolos amarelos **137**

Bibliografia **147**


O MÁGICO DE OZ

Um conto de fadas moderno, escrito para divertir as crianças de hoje. Foi assim que L. Frank Baum definiu em 1900 seu *O Mágico de Oz*, talvez o primeiro grande romance da literatura de fantasia americana. E, depois de tanto tempo, a história não dá sinal de ter perdido o fôlego.

No final do século XIX, estavam entrando na moda narrativas infantis menos carrancudas e sanguinárias. Era exatamente o que Baum se propunha a fazer. Dizia que duendes, gênios e fadas já estavam muito batidos e perigavam embolorar. Para ele, o conto de fadas moderno devia conservar apenas a novidade e o bom humor, descartando tristezas e pesadelos. Se as crianças precisavam de morais severas, que as aprendessem em casa ou na escola. Histórias eram para divertir.

A primeira versão do novo livro se chamava *A cidade esmeralda de Oz*. Mas se dizia que dava azar ter nome de pedra preciosa num título, e por isso Baum o alterou para *O maravilhoso Mágico de Oz*. O lançamento aconteceu em maio de 1900, quando o escritor acabava de completar 44 anos. Dez meses depois, já tinham sido vendidos 100 mil exemplares, um número que deixou os editores rindo à toa.

Boa parte desse sucesso se devia às quase 150 ilustrações de W. W. Denslow. Embora Baum não gostasse muito delas, eram tão boas que se transformaram em modelo para todas as outras edições



e versões do livro. O problema era que a maioria dos críticos preferia elogiar o ilustrador e esnoabar o escritor — uma injustiça que demorou a ser corrigida.

O estilo de Baum era bastante simples, tão simples que o achavam, e ainda acham, simplório. Só que muito do charme do livro estava exatamente aí. E as crianças, sempre os críticos mais exigentes, nunca deixaram de se empolgar com a história. A aventura da menina do Kansas que é levada por um ciclone para uma terra mágica, onde vivem personagens como o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde, acabou se incorporando ao folclore do século XX, e não apenas nos Estados Unidos. A série sobre Oz era tão popular que outros autores a continuaram com permissão da família Baum, e de tempos em tempos ainda surge um título novo.

No cinema, o primeiro *O Mágico de Oz* foi um filme mudo de 1925, hoje lembrado apenas por ter Oliver Hardy, da dupla o Gordo & o Magro, como um roliço Homem de Lata. Depois, veio o grande musical que Judy Garland estrelou em 1939. Mas também houve muitas outras versões, em filme, desenho animado, teatro, quadrinhos... E podem ter certeza de que haverá mais, pois existe mesmo algo de muito especial em Oz. Para chegar lá, basta virar a página e seguir uma estrada de tijolos amarelos...

Mário Vilela



O mágico
de Oz

O CICLONE



Dorothy vivia num lugar em meio às grandes campinas do Kansas, com o tio Henrique, que era fazendeiro, e com a tia Ema, sua mulher. A casa deles era pequena, porque os toros de madeira com que foi construída tiveram que ser carregados em carroças, por muitas milhas. A casa tinha quatro paredes, assoalho e telhado, que formavam um cômodo. Nesse cômodo havia um fogão enferrujado, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. Num canto ficava a cama do tio Henrique e da tia Ema; no outro, a cama de Dorothy.

Não havia sótão nem porão — só um buraco pequeno, cavado no chão, chamado “porão do ciclone”, onde a família podia ficar no caso de surgir um daqueles furacões fortes o bastante para destruir qualquer construção que estivesse em seu caminho. Entrava-se no buraco pequeno e escuro passando por um alçapão e descendo por uma escada.

Quando Dorothy saía à porta e olhava em volta, a única coisa que via, para onde quer que olhasse, era a grande campina. Nenhuma árvore ou casa quebrava a planura da região, que tocava os limites do céu, em todas as direções. O sol tinha cozido a terra arada transformando-a numa massa cinza e gretada. Nem mesmo a grama era verde, pois o sol queimara as longas folhas até elas ficarem da mesma cor cinza que havia em toda parte. A casa fora pintada uma vez, mas o sol queimara

a pintura, cobrindo-a de bolhas; as chuvas lavaram-na, e agora a casa estava tão desbotada e cinzenta como tudo o mais.

Quando tia Ema chegou para morar ali, era uma mulher jovem e bonita. O sol e o vento também a transformaram. Eles tiraram o brilho de seus olhos, que ficaram de um cinza suave; tiraram ainda o vermelho de suas faces e lábios, que também ficaram cinzentos. Ela era magrinha e fraca, e agora nunca ria. Quando Dorothy, que era órfã, veio ficar com ela, tia Ema ficou tão assustada com o riso da criança que tinha vontade de gritar e pôr a mão no coração toda vez que a voz alegre da menina chegava aos seus ouvidos; e ainda hoje ela se espantava de que a menina pudesse encontrar alguma coisa de que achar graça.

Tio Henrique não ria nunca. Ele trabalhava duro de manhã à noite e não sabia o que era alegria. Também ele era cinza, desde as longas barbas até as botas rústicas. Tinha uma aparência séria e severa, e raramente falava.

Era Totó que fazia Dorothy rir, e livrava-a de ficar tão cinza como tudo em volta. Totó não era cinzento; era um cachorrinho preto com pelos longos e sedosos e olhinhos pretos que piscavam alegremente de um e de outro lado do focinho pequenino e engraçado. Totó brincava o dia inteiro, e Dorothy brincava com ele, e amava-o muito.

Hoje, porém, eles não estavam brincando. Tio Henrique estava sentado na soleira da porta e olhava o céu ansiosamente. Este estava mais cinza que de costume. Dorothy, de pé, à porta, também olhava o céu, carregando Totó nos braços. Tia Ema estava lavando os pratos.

Vindo do distante Norte, eles ouviam o fraco lamento do vento. Tio Henrique e Dorothy viam onde as longas folhas de relva dobravam-se em ondas que se adiantavam à tormenta. Ouviram então um assobio agudo, vindo do Sul, e, quando eles voltaram os olhos para lá, viram ondas de relva que vinham também daquela direção.

De repente, tio Henrique levantou-se.

— Está vindo um ciclone, Ema — gritou para a mulher. — Vou cuidar dos animais. — Correu então em direção aos estábulos dos bois e dos cavalos.

Tia Ema largou o serviço e veio até a porta. Bastou um olhar para perceber o risco que já estava tão próximo.

— Depressa, Dorothy! — gritou ela. — Corra para o porão!

Totó pulou dos braços de Dorothy e escondeu-se sob a cama, e a menina tentou tirá-lo de lá. Tia Ema, assustadíssima, abriu o alçapão e desceu pela escada até o buraco pequeno e escuro. Dorothy finalmente conseguiu pegar Totó e foi em direção à sua tia. Quando ela chegou à metade do quarto, ouviu-se um grande guincho do vento, e a casa balançou tão forte que a menina perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão.

Então aconteceu uma coisa estranha.

A casa girou sobre si mesma duas ou três vezes e levantou-se lentamente no ar. Dorothy sentiu como se estivesse subindo num balão.

Os ventos do Norte e do Sul encontraram-se justamente no ponto em que a casa ficava, e fizeram dela o centro do ciclone. No ponto central do ciclone o ar costuma ser calmo, mas a grande pressão do vento em todos os lados da casa fez que ela fosse subindo cada vez mais, até chegar ao ponto mais alto do ciclone; e lá ela permaneceu, e foi carregada para muito longe, com a mesma facilidade com que se carrega uma pena.

Estava muito escuro e o vento uivava terrivelmente à sua volta, mas Dorothy percebeu que estava fazendo uma viagem tranquila. Depois dos giros do início e de outra vez em que a casa inclinou-se perigosamente, ela sentiu como se estivesse sendo embalada devagar, como um bebê num berço.

Totó não estava gostando nada daquilo. Ele corria pelo quarto, ia de um lado para outro latindo alto. Mas Dorothy ficou sentada no chão esperando para ver o que ia acontecer.

Uma hora Totó chegou bem perto do alçapão e caiu nele. A princípio a menina pensou que o tinha perdido, mas logo viu uma de suas orelhas aparecendo no buraco, pois a forte pressão do vento empurrava-o para cima, de forma que impedia a queda.

Ela correu para o buraco, pegou Totó pela orelha e puxou-o para dentro da casa; depois fechou o alçapão para evitar outros acidentes.

As horas foram se passando e aos poucos Dorothy venceu o medo; mas ela se sentia completamente só, e o barulho do

vento era tão alto que ela quase ficou surda. No começo ela se perguntou se não ia se quebrar toda quando a casa caísse no chão. Mas como o tempo passava e não acontecia nada de terrível, ela parou de preocupar-se e resolveu esperar calmamente para ver o que o futuro lhe reservava. Finalmente ela rastejou no assoalho ainda oscilante, chegou até a cama e deitou; Totó foi atrás dela e deitou-se ao seu lado.

Apesar do barulho do vento e do balanço da casa, Dorothy fechou os olhos e dormiu profundamente.

A CONVERSA COM OS MUNCHKINS



Ela foi acordada por um impacto tão súbito e forte que, se não estivesse deitada na cama macia, certamente teria se machucado. Mas, nas circunstâncias em que o choque aconteceu, ela apenas tomou fôlego, perguntando-se o que teria acontecido; Totó pôs o focinho frio no seu rosto e começou a ganir. Dorothy sentou-se e notou que a casa não estava se movendo, nem estava escura, pois o sol entrava pela janela e iluminava o pequeno aposento. Ela pulou da cama e, com Totó nos seus calcanhares, correu e abriu a porta.

A menina deu um grito de admiração e olhou em volta, com os olhos esbugalhados diante da beleza da paisagem.

O ciclone tinha colocado a casa, de forma muito suave para um ciclone, numa região de maravilhosa beleza. Havia encantadores gramados verdes em todos os lados, com árvores imponentes carregadas de frutas suculentas e deliciosas.

Por toda parte havia escarpas com flores belíssimas, e pássaros com plumas raras e brilhantes cantavam e assobiavam nas árvores e arbustos.

Logo ali adiante um riachinho de águas brilhantes corria entre as margens verdes murmurando de forma muito agradável para uma menina que passara a vida em secas e cinzentas campinas.

Enquanto ela observava com grande interesse a estranha e maravilhosa paisagem, percebeu que vinha em sua direção um grupo de pessoas muito esquisitas, as mais esquisitas que vira em sua vida. Elas não eram grandes como os adultos que conhecia, mas também não eram muito pequenas. Pareciam ser da mesma altura de Dorothy, que era uma menina bem crescida para sua idade, embora fossem, pelo que aparentavam, muito mais velhas.

Eram três homens e uma mulher, e todos estavam vestidos de uma forma estranha. Eles usavam chapéus que iam se afunilando até uns trinta centímetros acima da cabeça, com sininhos em toda a volta das abas. Quando eles se movimentavam, os sininhos tiniam docemente. Os chapéus dos homens eram azuis. O chapeuzinho da mulher era branco e ela usava vestido branco, com pregas que começavam desde os ombros, coberto de estrelinhas que brilhavam ao sol como diamantes.

Os homens vestiam roupas azuis, da mesma tonalidade dos chapéus, e usavam botas bem engraxadas com canos altos e azuis. Os homens, pensava Dorothy, eram da mesma idade do tio Henrique, pois dois deles tinham barba. Mas a mulher era sem dúvida muito mais velha: seu rosto era cheio de rugas, os cabelos quase brancos, e ela andava com certa dificuldade.

Quando essas pessoas chegaram perto da casa de Dorothy, que estava no vestíbulo, pararam e cochicharam entre si, como se estivessem com medo de chegar mais perto. Mas a velhinha aproximou-se de Dorothy, inclinou-se um pouco e disse com voz suave:

— Seja bem-vinda, nobre feiticeira, à terra dos Munchkins. Estamos muito agradecidos a você por ter matado a Bruxa Malvada do Leste e por ter libertado este povo do seu jugo.

Dorothy ouviu isso espantada. Por que a mulherzinha a estaria chamando de feiticeira e por que dizia que matara a Bruxa Malvada do Leste? Dorothy era uma menina inocente e pacífica, que fora carregada para milhas e milhas de distância de sua casa; e em toda a sua vida nunca matara nenhum ser vivo.

Mas a mulherzinha estava esperando que ela respondesse. Então Dorothy falou, hesitante:

— Você é muito gentil. Mas deve haver um engano. Não matei ninguém.

— Mas de qualquer forma sua casa matou — respondeu a velhinha com um sorriso. — O que vem a dar no mesmo. Veja! — continuou ela, apontando para um canto da casa. — Ali estão as pontas dos pés aparecendo embaixo daquele toro de madeira.

Dorothy olhou e deu um gritinho de medo. Era verdade: bem no canto da grande viga que sustentava a casa apareciam dois pés calçados com sapatos de prata de bico fino.

— Meu Deus! — gritou Dorothy, apertando as mãos desesperada. — A casa deve ter caído sobre ela. O que é que eu faço?

— Não precisa fazer nada — disse calmamente a mulherzinha.

— Mas quem era ela? — perguntou Dorothy.

— Ela era a Bruxa Malvada do Leste, como já disse — respondeu a mulherzinha. — Ela dominou os Munchkins por muitos anos, mantendo-os sob escravidão dia e noite. Agora eles foram libertados e estão gratos a você por esse favor.

— Quem são os Munchkins? — perguntou Dorothy.

— São o povo que vive nesta Terra do Leste, que era dominada pela Bruxa Malvada.

— Você é uma Munchkin? — perguntou Dorothy.

— Não. Mas sou amiga deles, embora viva na Terra do Norte. Quando eles viram que a Bruxa do Leste tinha morrido, mandaram um mensageiro veloz me chamar, e vim imediatamente. Sou a Bruxa do Norte.

— Meu Deus! — gritou Dorothy. — Você é uma bruxa de verdade?

— Sim, sou — respondeu a mulherzinha. — Mas sou uma bruxa boa, e as pessoas gostam de mim. Não sou tão poderosa quanto a Bruxa Malvada que mandava aqui, senão eu mesma teria libertado o povo.

— Mas eu pensava que todas as bruxas eram más — disse a menina, que estava com um pouco de medo da presença de uma bruxa de verdade.

— Oh, não. Isso é um grande equívoco. Havia apenas quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são bruxas boas. Eu sei porque eu mesma sou uma delas, e não posso estar enganada. As do Leste e do Oeste eram mesmo malvadas; mas agora que você matou uma delas, só restou uma bruxa má em toda a Terra de Oz, a que vive no Oeste.

— Mas — disse Dorothy, depois de pensar um pouco — tia Ema me falou que todas as bruxas já morreram há muito tempo.

— Quem é tia Ema? — perguntou a mulherzinha.

— É a minha tia que mora no Kansas, que é o lugar de onde vim.

A Bruxa do Norte pareceu refletir um pouco com a cabeça baixa e os olhos no chão. Então levantou a cabeça e falou:

— Não sei onde fica o Kansas. Nunca ouvi falar nesse lugar antes. Mas me diga uma coisa: é uma terra civilizada?

— Sim, claro — respondeu Dorothy.

— Então é por isso. Acho que não existem mais bruxas em terras civilizadas. Nem mágicos, nem feiticeiros, nem magos. Mas, sabe, a Terra de Oz nunca foi civilizada, porque estamos separados do resto do mundo. Por isso ainda temos mágicos e bruxas entre nós.

— Quem são os mágicos? — perguntou Dorothy.

— Oz é o Grande Mágico — respondeu a bruxa, baixando a voz num sussurro. — Ele é mais poderoso que todos os outros juntos. Ele vive na Cidade de Esmeralda.

Dorothy ia fazer outra pergunta, mas justamente nessa hora os Munchkins, que tinham estado em silêncio até então, deram um grande grito e apontaram para o canto da casa onde a Bruxa Malvada jazia.

— Que foi isso? — perguntou a mulherzinha. Ela olhou para onde eles apontaram e começou a rir. Os pés da bruxa morta tinham desaparecido restando apenas os sapatos de prata.

— Ela era tão velha — explicou a Bruxa do Norte — que secou muito rápido no sol. Ela acabou. Mas os sapatos de prata são seus, e você pode calçá-los. — Ela se agachou, pegou os sapatos e, depois de tirar a poeira deles, entregou-os a Dorothy.

— A Bruxa do Leste tinha muito orgulho desses sapatos de prata — disse um dos Munchkins —, e eles são encantados. Mas nunca soubemos que tipo de encanto eles têm.

Dorothy levou os sapatos para dentro de casa e colocou-os na mesa. Então voltou até os Munchkins e disse:

— Estou ansiosa para voltar para minha tia e meu tio, porque sei que eles vão ficar preocupados comigo. Vocês podem me ajudar a achar o caminho?

Os Munchkins e a bruxa primeiro se olharam; depois olharam para Dorothy e balançaram a cabeça.

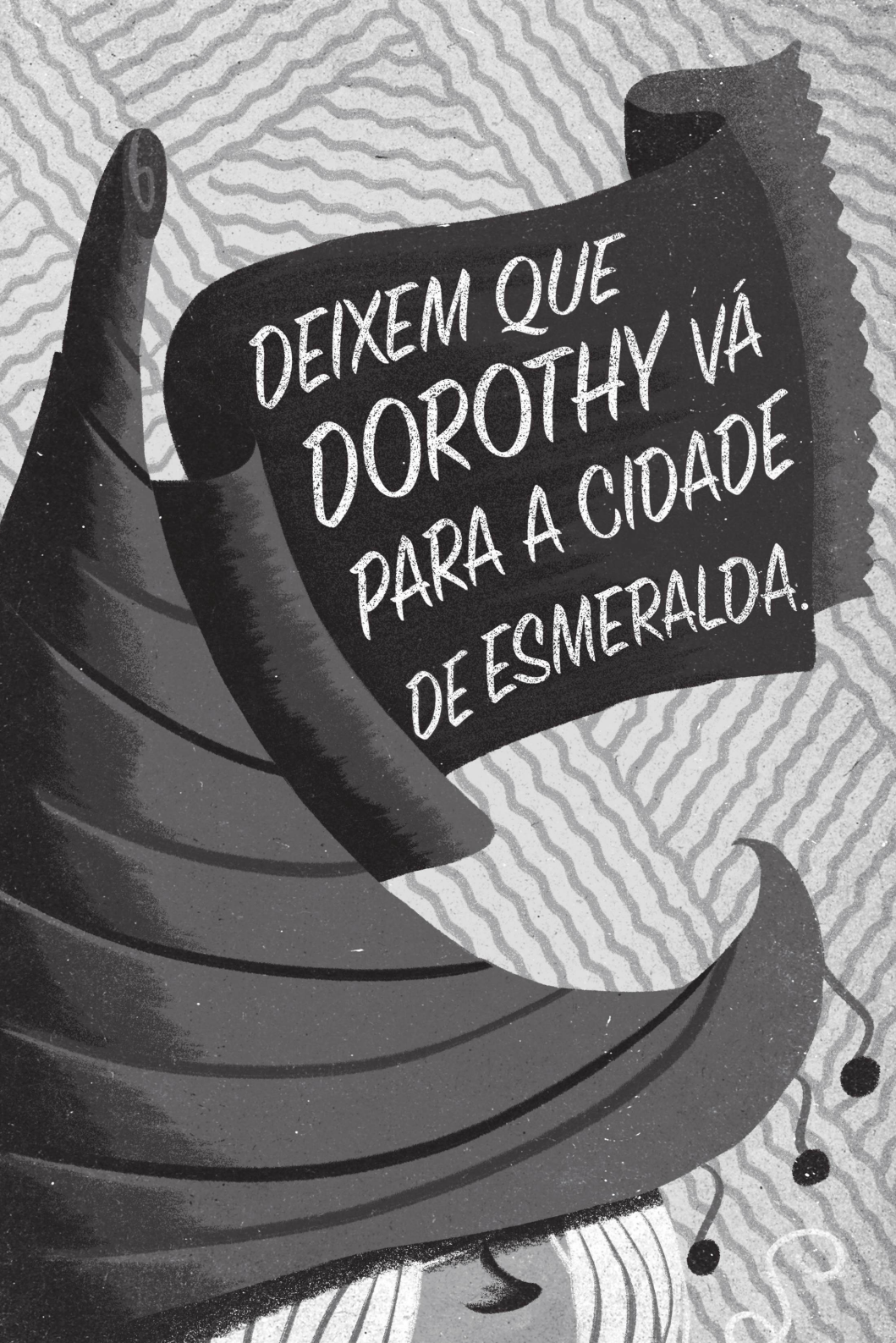
— No Leste, não longe daqui — disse um deles —, há um grande deserto que ninguém consegue atravessar.

— O mesmo acontece no Sul — disse outro. — Estive lá e vi. O Sul é a terra dos Quadlings.

— Disseram-me — acrescentou o terceiro — que no Oeste é a mesma coisa. E essa região, habitada pelos Winkies, é dominada pela Bruxa Malvada do Oeste, que a escravizaria se você cruzasse seu caminho.

— O Norte é minha terra — disse a velha dama. — Ela é limitada pelo mesmo deserto grande que rodeia a Terra de Oz. Temo que você, minha querida, tenha que ficar vivendo conosco.

Ouvindo isso, Dorothy começou a soluçar, pois estava se sentindo solitária em meio a toda essa gente desconhecida. Suas lágrimas pareceram causar pena aos generosos Munchkins, pois eles imediatamente tiraram seus lenços e começaram a chorar também. Quanto à velha senhora, tirou o chapéu e equilibrou-o na ponta do nariz enquanto contava “um, dois, três” com voz solene. Imediatamente o chapéu transformou-se numa lousa, onde se lia em grandes letras de giz:



DEIXEM QUE
DOROTHY VÁ
PARA A CIDADE
DE ESMERALDA.

A velhinha tirou a lousa do nariz e, depois de ler essas palavras, perguntou:

— Seu nome é Dorothy, minha filha?

— Sim — respondeu a criança, levantando os olhos e enxugando as lágrimas.

— Então você tem que ir à Cidade de Esmeralda. Talvez o Mágico de Oz a ajude.

— Onde fica essa cidade? — perguntou Dorothy.

— Fica bem no centro do país e é governada por Oz, o Grande Mágico de que lhe falei.

— Ele é um homem bom? — perguntou a menina ansiosamente.

— Ele é um bom mágico. Se ele é um homem bom ou não, não posso dizer, pois nunca o vi.

— Como posso chegar lá? — perguntou Dorothy.

— Você vai ter que ir andando. É uma longa viagem por uma região que em alguns lugares é agradável, mas em outros é escura e terrível. Mas vou usar todas as mágicas que conheço para protegê-la.

— Você não quer ir comigo? — pediu a menina, que começava a considerar a velhinha sua única amiga.

— Não, não posso fazer isso — respondeu ela. — Mas vou beijá-la e ninguém ousará fazer mal a quem foi beijada pela Bruxa do Norte.

Ela aproximou-se de Dorothy e beijou-a ternamente na testa. Onde os lábios tocaram a menina, deixaram uma marca redonda e brilhante, como Dorothy notou logo depois.

— A estrada para a Cidade de Esmeralda é calçada com tijolos amarelos, não dá para se enganar. Quando você encontrar Oz, não tenha medo. Conte-lhe sua história e peça sua ajuda. Até logo, querida.

Os três Munchkins fizeram uma medida e desejaram-lhe boa viagem; depois desapareceram entre as árvores. A bruxa fez-lhe um sinal com a cabeça, girou sobre si mesma três vezes apoiada no calcanhar esquerdo e logo desapareceu. Totó, muito surpreso, latiu bem alto quando ela sumiu porque tivera tanto medo da bruxa que não ousou latir em sua presença.

Mas Dorothy, sabendo que ela era uma bruxa, já esperava que desaparecesse exatamente dessa forma e não ficou nem um pouquinho surpresa.

COMO DOROTHY SALVOU O ESPANTALHO



Quando Dorothy ficou sozinha, começou a sentir fome. Foi até o armário, pegou um pedaço de pão e passou manteiga. Deu um pouco a Totó, pegou um balde da prateleira, levou-o ao riacho e encheu-o com água limpa e cristalina. Totó correu para as árvores e começou a latir para os passarinhos pousados nelas. Dorothy foi buscá-lo e viu frutas tão apetitosas nos galhos que colheu algumas delas, pois era exatamente o que estava precisando para o café da manhã.

Então, ela voltou para casa e, junto com Totó, tomou bons goles da água fresca; depois, começou a preparar-se para a viagem à Cidade de Esmeralda.

Dorothy tinha apenas mais um vestido e por sorte ele estava limpo, pendurado ao lado da cama. Ele era de algodão xadrez com listras brancas e azuis. Embora o azul já estivesse desbotado de tanto ser lavado, ainda era um belo vestido. A garota banhou-se cuidadosamente, pôs o vestido limpo e amarrou seu chapeuzinho rosa na cabeça. Pegou então uma cestinha e encheu-a com o pão do armário, cobrindo-o com um pano branco. Depois olhou para os próprios pés e viu como seus sapatos estavam velhos e estragados.

— Eles não vão aguentar uma viagem tão longa, Totó.

Totó olhou-a de baixo com seus olhinhos pretos, balançando a cauda para mostrar que tinha entendido.

Foi então que ela viu sobre a mesa os sapatos de prata que tinham sido da Bruxa do Leste.

— Será que eles me servem? — disse ela a Totó. — Eles são apropriados para viagens longas, pois não se estragam.

Dorothy tirou os sapatos velhos de couro e calçou os de prata, que lhe serviram como se fossem seus.

Por fim ela pegou a cesta.

— Vamos, Totó — disse ela. — Vamos para a Cidade de Esmeralda perguntar ao Mágico de Oz como fazer para voltar ao Kansas.

Ela trancou a porta e guardou cuidadosamente a chave no bolso do vestido. E assim, com Totó trotando ajuizadamente atrás dela, começou sua jornada.

Havia muitas estradas na redondeza, mas não foi difícil achar a que era pavimentada com tijolos amarelos. Logo ela estava andando animadamente para a Cidade de Esmeralda com os sapatos tinindo alegremente no duro leito da estrada amarela.

O sol brilhava, os passarinhos cantavam docemente e Dorothy não se sentia tão mal quanto era de se esperar de uma menina que fora arrancada de repente de sua terra e colocada numa terra estranha.

Ela ia admirando a beleza dos lugares por onde passava. Havia belas casas de ambos os lados da estrada, pintadas de um suave azul-celeste, e para além delas havia plantações de cereais e verduras em profusão. Era evidente que os Munchkins eram bons agricultores, capazes de produzir grandes colheitas. De vez em quando, ao passar por uma casa, as pessoas vinham vê-la e cumprimentá-la, pois sabiam que ela as tinha libertado, destruindo a Bruxa Malvada.

As casas dos Munchkins tinham um aspecto estranho. Todas eram circulares, tendo por teto uma grande cúpula, e pintadas de azul, pois nessa Terra do Leste o azul era a cor favorita.

Ao anoitecer, quando já se sentia cansada da longa caminhada e começava a se perguntar onde iria passar a noite, Dorothy chegou a uma casa um pouco maior que as outras. Muitos homens e mulheres estavam dançando no gramado verde em frente à casa. Cinco pequenos violinistas tocavam o mais alto que podiam e as pessoas estavam rindo e cantando. Havia também

uma mesa cheia de nozes e frutas deliciosas, tortas e bolos e muitas outras coisas gostosas.

As pessoas cumprimentaram Dorothy carinhosamente e a convidaram a cear e passar a noite com elas, pois aquela era a casa de um dos mais ricos Munchkins da região, e seus amigos se reuniram para comemorar juntos sua libertação da Bruxa Malvada.

Dorothy fez uma bela ceia servida pelo próprio dono da casa, o rico Munchkin, cujo nome era Boq. Depois ela sentou-se no sofá para ver as pessoas dançarem.

Quando Boq viu os sapatos de prata de Dorothy, falou:

— Você deve ser uma grande feiticeira.

— Por quê? — perguntou a menina.

— Porque você está usando sapatos de prata e matou a Bruxa Malvada. Além do mais, seu vestido tem a cor branca, e só bruxas e feiticeiras se vestem de branco.

— Meu vestido é listrado de branco e azul — disse Dorothy, alisando as dobras do vestido.

— É muito bom que você use essas cores — disse Boq. — O azul é a cor dos Munchkins, e o branco é a cor das bruxas. Assim ficamos sabendo que você é uma bruxa amiga.

Dorothy não sabia o que responder, porque todos pensavam que ela era uma bruxa e ela sabia muito bem que era apenas uma menininha que por acaso tinha sido levada a uma terra estranha por um ciclone.

Quando ela cansou de apreciar a dança, Boq levou-a para dentro de casa e deu-lhe um quarto com uma bela cama. Os lençóis eram de tecido azul e Dorothy dormiu profundamente até de manhã com Totó enrodilhado no tapete azul ao lado da cama.

No dia seguinte bem cedo ela tomou um belo café da manhã e ficou olhando um bebê Munchkin bem pequeno que, brincando com Totó, puxava-lhe o rabo, dava gritinhos e ria de um jeito que divertiu muito Dorothy. Totó despertava a maior curiosidade em todo mundo porque eles nunca tinham visto um cachorro antes.

— Qual a distância daqui à Cidade de Esmeralda? — perguntou a menina.

— Não sei — respondeu Boq muito sério. — Nunca estive lá. O melhor é ficar longe de Oz, a menos que se tenha alguma

coisa a tratar com ele. Mas a Cidade de Esmeralda é muito longe daqui e você vai levar muitos dias para chegar lá. Esta região é muito rica e agradável, mas para chegar ao seu destino você vai ter que passar por lugares inóspitos e perigosos.

Isso assustou um pouco Dorothy, mas como sabia que só o grande Oz poderia ajudá-la a voltar para o Kansas, ela decidiu corajosamente continuar em frente.

Despediu-se dos amigos e continuou a viagem pela estrada amarela. Depois de ter andado muitas milhas, decidiu parar e descansar um pouco. Então ela subiu numa cerquinha de madeira à margem da estrada e sentou.

Do outro lado da cerca havia um grande milharal. Não muito longe, Dorothy avistou um Espantalho bem no alto de um poste, para manter os passarinhos longe do milho maduro.

Dorothy apoiou o queixo na mão e olhou pensativamente para o Espantalho. Sua cabeça era um saquinho cheio de palha, com olhos, nariz e boca pintados para representar o rosto. Um chapéu azul, velho e pontudo, que pertencera a algum Munchkin, cobria sua cabeça. E todo o resto do seu corpo era um conjunto azul de peças gastas e desbotadas também recheadas de palha. Os pés eram calçados com botas velhas de couro azul, como as que eram usadas por todos os homens daquele lugar. O corpo, fincado numa estaca, levantava-se acima do milharal.

Quando Dorothy estava olhando atentamente a estranha face do Espantalho, surpreendeu-se ao ver um dos olhos piscar devagarinho para ela. A princípio pensou ter se enganado, pois os espantalhos do Kansas nunca piscavam; mas agora o Espantalho fazia um aceno amistoso com a cabeça. Então ela desceu da cerca e andou até ele, enquanto Totó corria em volta da estaca latindo.

— Bom dia — disse o Espantalho com a voz um tanto áspera.

— Você fala? — perguntou a menina admirada.

— Claro — respondeu o Espantalho. — Como vai você?

— Estou bem, obrigada — respondeu Dorothy educadamente.

— Como vai você?

— Não estou me sentindo muito bem — disse o Espantalho sorrindo. — É muito chato ficar espetado aqui em cima para espantar os corvos.

— Você não pode descer daí? — perguntou Dorothy.

— Não, por causa dessa estaca espetada nas minhas costas. Se você fizer o favor de tirar-me daqui, vou ficar muito grato.

Dorothy levantou os dois braços e tirou o Espantalho da estaca, o que foi fácil porque, sendo cheio de palha, ele era bem leve.

— Muito obrigado — disse o Espantalho, logo que foi colocado no chão. — Estou me sentindo um novo homem.

Dorothy ficou espantadíssima com isso porque lhe parecia muito estranho ver um homem de palha falar, fazer medidas e andar ao seu lado.

— Quem é você? — perguntou o Espantalho, depois de espreguiçar-se e bocejar. — E para onde está indo?

— Meu nome é Dorothy — disse a menina. — Estou indo para a Cidade de Esmeralda para pedir ao Grande Oz que me faça voltar ao Kansas.

— Onde fica a Cidade de Esmeralda? — perguntou ele. — E quem é Oz?

— Você não sabe? — retrucou ela surpresa.

— Não sei mesmo. Eu não sei nada. Sabe, sou empalhado, por isso não tenho cérebro — respondeu com tristeza.

— Oh! — fez Dorothy. — Sinto muitíssimo por você.

— Será que, se eu for para a Cidade de Esmeralda com você, esse tal de Oz pode me conseguir um cérebro?

— Não sei dizer — respondeu a menina. — Mas se você quiser, pode vir comigo. Mesmo que Oz não lhe dê um cérebro, você não vai ficar em pior situação do que está agora.

— Isso é verdade — disse o Espantalho. — Sabe — continuou ele em tom de confiança —, não me importo se minhas pernas, meus braços e meu tronco são empalhados, porque não sinto dor. Se alguém pisa no meu pé ou espeta um alfinete em mim, não tem importância, porque não sinto nada. Não gosto é que as pessoas me chamem de bobo. Mas se minha cabeça é cheia de palha e não tem um cérebro como a sua, como é que eu vou saber alguma coisa?

— Entendo como você se sente — disse a menina, que estava sentindo mesmo muita pena dele. — Se você vier comigo vou pedir a Oz que faça tudo o que for possível por você.

Dorothy ajudou-o a pular a cerca e eles começaram a andar no caminho pavimentado com tijolos amarelos em direção à Cidade de Esmeralda.

A princípio Totó não gostou muito do novo membro do grupo. Ele farejava em volta do homem empalhado como se desconfiasse que podia haver um ninho de ratos na palha. E muitas vezes rosnavava para o Espantalho.

— Não se preocupe com Totó — disse Dorothy a seu novo amigo. — Ele não morde.

— Não estou com medo — respondeu o Espantalho. — Ele não pode ferir a palha. Deixe-me levar a cesta para você. Não me custa nada, porque eu não canso nunca. Vou contar um segredo a você — continuou ele, enquanto andava ao lado da menina. — Só existe uma coisa no mundo que me dá medo.

— E o que é? — perguntou Dorothy. — O fazendeiro Munchkin que fez você?

— Não — respondeu o Espantalho. — É um palito de fósforo aceso.

O CAMINHO PELA FLORESTA



Depois de algumas horas a estrada começou a piorar cada vez mais. Eles andavam com tanta dificuldade que o Espantalho a toda hora tropeçava nos tijolos amarelos, que naquele trecho eram muito irregulares. Em alguns lugares havia tijolos quebrados ou faltando, com buracos sobre os quais Totó pulava e dos quais Dorothy se desviava. O Espantalho, como não tinha cérebro, andava sempre em linha reta e por isso metia o pé nos buracos e caía de comprimento nos tijolos duros. Mas ele nunca se feria e Dorothy o levantava e o punha de pé novamente, e ele voltava a acompanhá-la rindo alegremente de si mesmo.

As fazendas não eram tão bem cuidadas como no começo da estrada. Havia muito menos casas e árvores frutíferas. E quanto mais eles avançavam, mais triste e solitária a região ia se tornando.

Ao meio-dia eles sentaram-se à beira da estrada, perto de um riacho, e Dorothy abriu sua cesta e tirou um pedaço de pão. Ela ofereceu ao Espantalho, mas ele não aceitou.

— Nunca tenho fome — disse ele. — E ainda bem que é assim, porque minha boca é só pintada e, se eu abrisse um buraco para poder comer, a palha ia sair e minha cabeça se deformaria.

Dorothy percebeu que ele tinha razão, por isso fez que sim com a cabeça e continuou comendo seu pão.

— Conte-me alguma coisa sobre você mesma e sobre sua cidade — disse o Espantalho, quando ela terminou de comer.

Ela lhe contou tudo sobre o Kansas, como tudo era cinza e como o ciclone a carregara para essa Terra de Oz. O Espantalho ouviu-a com atenção e comentou:

— Não entendo como você pode pensar em sair desta bela terra e voltar para esse lugar seco e cinzento que você chama de Kansas.

— Isso é porque você não tem cérebro — respondeu a menina. — Não importa quanto a terra da gente é triste e cinzenta. Nós, gente de carne e osso, preferimos viver em nossa terra que em qualquer outra, por mais bonita que seja. Não há lugar melhor que a casa da gente.

O Espantalho suspirou e disse:

— Claro que não posso entender isso. Se a cabeça de vocês fosse cheia de palha como a minha, todos vocês iriam morar em lugares lindos, e ninguém viveria no Kansas. Sorte do Kansas que vocês têm cérebro.

— Você não quer me contar uma história enquanto a gente descansa? — pediu a menina.

O Espantalho olhou-a meio aborrecido e respondeu:

— Minha vida até aqui foi tão curta que na verdade não sei nada de nada. Só fui feito anteontem. Desconheço tudo que aconteceu no mundo antes disso. Felizmente quando o fazendeiro fez minha cabeça, uma das primeiras coisas que fez foi desenhar minhas orelhas, de forma que pude ouvir o que estava acontecendo. Ele estava com outro Munchkin e a primeira coisa que eu ouvi foi o fazendeiro dizendo:

— O que você acha dessas orelhas?

— Elas não estão certas — respondeu o outro.

— Não tem importância — disse o fazendeiro. — O que importa é que são orelhas — o que era verdade.

— Agora vou fazer os olhos — disse o fazendeiro. Então ele pintou meu olho direito e logo que acabou fiquei olhando para ele e para todas as coisas em volta com muita curiosidade, pois era a primeira vez que eu via o mundo.

— O olho ficou muito bonito — comentou o Munchkin que estava observando o fazendeiro. — Azul é a cor certa para os olhos.

— Acho que vou fazer o outro um pouco maior — disse o fazendeiro.

E, quando ele fez o segundo olho, pude ver muito melhor do que antes. Aí ele fez meu nariz e minha boca. Mas não falei nada porque não sabia para que servia a boca.

Diverti-me olhando-os fazer meu tronco, meus braços e minhas pernas. Quando eles colocaram minha cabeça, fiquei muito orgulhoso, pois achei que era um homem como qualquer outro.

— Esse aí vai espantar bem os corvos — disse o fazendeiro.
— Ele se parece muito com um homem.

— Mas ele é um homem — disse o outro. E eu concordei inteiramente com ele.

O fazendeiro me carregou debaixo do braço para o milharal e me colocaram numa estaca alta onde vocês me encontraram. Ele e seu amigo foram embora logo depois e me deixaram sozinho.

Não gostei de ser abandonado desse jeito. Tentei andar atrás deles, mas meus pés não alcançavam o chão e fui obrigado a ficar na estaca. Era uma vida muito solitária, pois eu não tinha nada em que pensar, uma vez que tinha sido feito há tão pouco tempo. Muitos corvos e outros pássaros vinham para o milharal, mas logo que me viam iam embora, pensando que eu era um Munchkin. Isso me agradava, porque me fazia sentir uma pessoa importante. Um velho corvo veio aproximando-se de mim aos poucos e, depois de me olhar atentamente, empoleirou-se no meu ombro e disse:

— Não sei como esse fazendeiro pensou que ia me enganar de forma tão boba. Qualquer corvo que tenha um mínimo de senso pode ver que você é recheado de palha.

Então ele pulou junto dos meus pés e comeu todo o milho que quis. Os outros pássaros, vendo que eu não lhe fazia nenhum mal, vieram comer milho também. Logo tinha um montão deles perto de mim. Fiquei muito triste porque isso significava que na verdade eu não era um bom espantalho. Mas o velho corvo me consolou, dizendo:

— Se você ao menos tivesse um cérebro, seria um homem como qualquer outro e melhor que alguns deles. O cérebro é a única coisa que vale a pena ter nesse mundo. Seja para um homem, seja para um corvo.

Depois que os corvos se foram, pensei muito sobre isso e decidi que ia tentar conseguir um cérebro. Por sorte você veio

e me tirou da estaca e pelo que você diz o Grande Oz vai me dar um cérebro logo que chegarmos à Cidade de Esmeralda.

— Espero que sim — disse Dorothy muito séria. — É tão chato alguém sentir que é bobo.

— Bem — disse a menina —, vamos embora. — E passou a cesta para o Espantalho.

Agora não havia mais cercas à beira da estrada e as terras não eram cultivadas. À noitinha eles chegaram a uma grande floresta onde as árvores eram tão altas e tão juntas que seus galhos encontravam-se no alto, acima da estrada de tijolos amarelos.

Sob as árvores estava quase totalmente escuro, porque os galhos tapavam a luz do dia. Mas os viajantes não pararam, e continuaram floresta adentro.

— Se a estrada vai floresta adentro, deve ir também floresta afóra e, se a Cidade de Esmeralda fica no fim da estrada, a gente deve ir por onde quer que a estrada passe — comentou o Espantalho.

— Todo mundo sabe disso — disse Dorothy.

— Claro, por isso eu também sei. Se se precisasse de cérebro para imaginar isso, nunca teria dito o que disse.

Depois de uma hora mais ou menos a luz sumiu por completo e eles começaram a tropeçar, envolvidos pela escuridão. Dorothy não conseguia ver nada, mas Totó sim, pois alguns cães veem muito bem no escuro. E o Espantalho afirmou ser capaz de ver tão bem como se fosse dia. Dorothy pegou no seu braço e conseguiu continuar andando sem dificuldade.

— Se você vir alguma coisa, ou algum lugar onde a gente possa passar a noite, me fale — disse ela. — É muito desagradável andar no escuro.

Logo depois o Espantalho parou.

— Estou vendo à nossa direita uma cabana feita de galhos e toros de madeira — disse ele. — Vamos até lá?

— Sim, claro — respondeu a menina. — Estou exausta.

Então o Espantalho conduziu-a por entre as árvores até chegarem à cabana, e Dorothy entrou e encontrou uma cama de folhas secas num dos cantos. Ela deitou-se imediatamente e, com Totó ao seu lado, caiu em sono profundo. O Espantalho, que nunca se cansava, ficou em pé no outro canto e esperou pacientemente até o amanhecer.

O RESGATE DO HOMEM DE LATA



Quando Dorothy acordou, o sol brilhava entre as árvores e Totó há muito estava fora caçando passarinhos. O Espantalho continuava de pé no seu canto, esperando por ela pacientemente.

— Precisamos procurar água — disse Dorothy.

— Por que você quer água? — perguntou ele.

— Para lavar o rosto da poeira da estrada e para beber com o pão seco, senão ele embola na garganta.

— Deve ser incômodo ser feito de carne e osso — disse o Espantalho —, porque pensativamente vocês precisam dormir, comer e beber. Mas, de qualquer forma, vocês têm cérebro e deve valer a pena todo esse sacrifício para ser capaz de pensar direito.

Eles saíram da cabana, andaram por entre as árvores e chegaram a um regato de águas claras, onde Dorothy bebeu e banhou-se. Em seguida tomou o café da manhã. Ela viu que não tinha sobrado muito pão na cesta e sentiu-se grata ao Espantalho por não precisar comer, pois a comida mal dava para ela e para Totó.

Quando ela terminou a refeição e estava prestes a voltar à estrada, tomou um grande susto com um gemido ali perto.

— Que foi isso? — disse ela apreensiva.

— Não tenho a menor ideia — respondeu o Espantalho.

— Mas a gente pode ir ver o que é.

Naquele instante ouviram outro gemido, e o som parecia vir de trás. Voltaram-se e andaram alguns passos floresta adentro, e Dorothy percebeu alguma coisa brilhando num raio de sol que atravessava os galhos das árvores. Ela correu até lá e parou com um grito de surpresa.

Uma das grandes árvores havia sido parcialmente cortada e, ao lado dela, com um machado levantado em uma das mãos, havia um homem totalmente feito de lata. Sua cabeça, braços e pernas eram colados ao corpo, mas ele estava completamente imóvel, como se não pudesse fazer nenhum movimento.

Dorothy e o Espantalho olharam-no assombrados, enquanto Totó latiu bem alto, deu uma mordida na perna de lata e machucou a boca.

— Você gemeu? — perguntou Dorothy.

— Sim — respondeu o Homem de Lata. — Gemi. Já faz mais de um ano que eu gemo e nunca ninguém me ouviu nem veio me socorrer.

— O que posso fazer por você? — perguntou ela gentilmente, porque estava comovida com o tom triste da voz do Homem de Lata.

— Pegue uma lata com óleo para lubrificar minhas articulações. Elas estão tão enferrujadas que não posso me mexer. Se forem lubrificadas, logo vou ficar bem novamente. A lata de óleo está numa prateleira na minha cabana.

Dorothy correu até a cabana, achou a lata de óleo, voltou e perguntou ansiosa:

— Onde são suas articulações?

— Primeiro lubrifique meu pescoço — respondeu o Homem de Lata.

Dorothy lubrificou a articulação do pescoço. Ela estava tão enferrujada que o Espantalho teve que pegar a cabeça de lata, movê-la devagarinho para um lado e para outro até voltar a funcionar normalmente e o homem poder virar a cabeça sozinho.

— Agora ponha óleo nos meus braços — disse ele. E Dorothy lubrificou-os e o Espantalho foi dobrando-os cuidadosamente até sair toda a ferrugem e eles ficarem como novos.

O Homem de Lata deu um suspiro de satisfação, baixou o machado e encostou-o na árvore.

— Foi uma grande ajuda — disse ele. — Fiquei segurando esse machado desde que enferrujei e estou contente em poder finalmente pô-lo no chão. Agora, se vocês lubrificarem as juntas de minhas pernas, vou ficar bom novamente.

Então eles puseram óleo em suas pernas e elas puderam mover-se livremente. O Homem de Lata agradeceu muitas vezes pela sua libertação, pois parecia ser uma criatura muito educada e muito reconhecida.

— Eu teria ficado lá para sempre se vocês não tivessem vindo — disse ele. — O fato é que vocês salvaram minha vida. Como vocês chegaram até aqui?

— Estamos a caminho da Cidade de Esmeralda para ver o Grande Oz — respondeu Dorothy. — Paramos em sua cabana para passar a noite.

— Por que vocês querem se avistar com Oz? — perguntou ele.

— Quero que ele me mande de volta ao Kansas. E o Espantalho quer que Oz ponha um cérebro em sua cabeça — respondeu a menina.

O Homem de Lata refletiu um instante, depois disse:

— Você acha que o Grande Oz pode me dar um coração?

— Bem, acho que sim. Seria tão fácil quanto dar um cérebro ao Espantalho.

— É verdade — respondeu o Homem de Lata. — Se você consentir, junto-me ao grupo e vou à Cidade de Esmeralda pedir que Oz me ajude.

— Vamos — disse o Espantalho animadamente.

E Dorothy acrescentou que a sua companhia lhes daria muito prazer. O Homem de Lata pôs o machado no ombro e eles andaram pela floresta até chegarem à estrada amarela.

O Homem de Lata pediu a Dorothy que guardasse a lata de óleo em sua cesta.

— Se eu tomar chuva e enferrujar novamente, vou precisar muito desse óleo.

Foi uma sorte ter esse novo companheiro com eles, porque logo que retomaram o caminho chegaram a um lugar em que as árvores eram tão grandes e grossas que fechavam a estrada. Mas o Homem de Lata fez seu machado funcionar e trabalhou tão bem que logo abriu caminho para a turma toda.

Enquanto andava, Dorothy estava tão absorta em seus pensamentos que não notou o Espantalho tropeçar num buraco e rolar para a beira da estrada. Ele teve de chamá-la para que o ajudasse a levantar.

— Por que você não deu a volta em vez de pisar no buraco? — perguntou o Homem de Lata.

— Eu não sei de nada — respondeu o Espantalho. — Sabe, minha cabeça é cheia de palha e por isso vou ao Grande Oz pedir-lhe que me dê um cérebro.

— Entendo — disse o Homem de Lata. — Mas no final das contas um cérebro não é a melhor coisa que existe no mundo.

— Você tem cérebro? — perguntou o Espantalho.

— Não, minha cabeça é completamente oca — respondeu o Homem de Lata. — Mas eu já tive cérebro e coração também. E tendo experimentado os dois, prefiro ter coração.

— Por quê? — perguntou o Espantalho.

— Vou contar-lhe minha história e você vai saber.

Então, enquanto andavam pela floresta, o Homem de Lata contou a seguinte história:

— Sou filho de um lenhador que cortava árvores na floresta e as vendia para ganhar o pão de cada dia. Quando cresci, tornei-me também lenhador e, depois que meu pai morreu, cuidei de minha mãe enquanto ela viveu. Então resolvi me casar, para não ficar sozinho.

Havia uma moça Munchkin muito bonita e logo me apaixonei por ela. A moça, por sua vez, prometeu se casar comigo quando eu ganhasse bastante dinheiro para construir uma casa para ela. Comecei então a trabalhar mais do que nunca. Essa moça, porém, morava com uma velha muito preguiçosa que não queria que ela se casasse, pois era ela que cozinhava e fazia todo o trabalho doméstico. A velha, então, procurou a Bruxa Malvada do Leste e prometeu-lhe duas ovelhas e uma vaca se ela conseguisse impedir o casamento. A Bruxa Malvada encantou meu machado e, quando eu estava trabalhando duro no meu melhor dia, pois estava ansioso para conseguir a casa nova e minha esposa o mais rápido possível, o machado escorregou de minha mão e cortou minha perna esquerda.

A princípio encarei aquilo como uma grande desgraça, porque sabia que com uma perna só não se pode ser um bom lenhador. Mas então fui a um ferreiro e ele me fez uma perna de lata. A perna funcionou muito bem, logo que aprendi a usá-la. Mas isto irritou a Bruxa Malvada do Leste, porque ela havia prometido à velha que eu não iria casar com a bela Munchkin. Quando comecei a cortar lenha de novo, meu machado escorregou e cortou minha perna direita. Voltei ao ferreiro e ele me fez outra perna de lata. Depois disso, o machado encantado cortou meus braços, primeiro um, depois o outro. Mas não me deixei intimidar e os substituí por braços de lata.

A Bruxa Malvada fez o machado escorregar e cortar minha cabeça e a princípio pensei que estava acabado. Mas aconteceu que o ferreiro veio e me fez uma cabeça nova de lata.

Imaginei que assim tinha derrotado a Bruxa Malvada e passei a trabalhar mais do que nunca. Mal sabia eu, porém, da crueldade de que minha inimiga era capaz. Ela imaginou uma nova maneira de destruir meu amor pela bela Munchkin. Fez que o machado escorregasse mais uma vez e cortasse meu corpo ao meio, dividindo-me em duas metades. Mais uma vez o ferreiro veio em meu socorro. Ele me fez um tronco de lata, fixou nele a cabeça, os braços e as pernas de lata, articulando-os de forma que eu podia me mexer tão bem quanto antes. Mas que tristeza! Agora eu não tenho mais coração, por isso perdi todo o amor que tinha pela moça Munchkin e não me importei mais em me casar com ela. Suponho que ela ainda more com a velha e espere por mim.

Meu corpo brilhava ao sol e eu me orgulhava muito dele. Pouco importava, agora, se o machado escorregasse, porque ele não podia mais me cortar. O único perigo era que minhas juntas poderiam enferrujar. Mas passei a ter uma lata de óleo na minha cabana e eu mesmo cuidava de me lubrificar sempre que era preciso.

Mas certo dia esqueci de fazer isso. Fui pego por uma tempestade e, antes que pudesse pensar no perigo que isso representava, minhas juntas tinham enferrujado e fiquei preso na floresta até ser socorrido por vocês. Foi muito difícil suportar, mas durante o ano que passei aqui tive tempo de refletir que a maior perda que sofri foi o meu coração. Quando estava apaixonado, eu era o homem mais feliz do mundo. Mas ninguém pode amar

se não tem coração, e por isso estou decidido a pedir a Oz que me dê um. Se ele fizer isso, volto para casar com a Munchkin.

Tanto Dorothy quanto o Espantalho interessaram-se muito pela história do Homem de Lata e agora entendiam por que ele estava tão ansioso para conseguir outro coração.

— De qualquer forma — disse o Espantalho —, vou pedir um cérebro em vez de um coração. Pois um bobo, mesmo tendo coração, não sabe o que fazer com ele.

— Vou querer um coração — respondeu o Homem de Lata. — Um cérebro não faz uma pessoa feliz, e a felicidade é a melhor coisa do mundo.

Dorothy não falou nada, porque não sabia qual dos dois amigos estava com a razão. Pensou então que, se conseguisse voltar para o Kansas e para sua tia Ema, não importava se o lenhador ficasse sem o coração e o Espantalho sem o cérebro, ou se ambos conseguissem o que queriam.

O que a preocupava era que quase todo o pão tinha acabado e que, da próxima vez que ela e Totó comessem, ficariam com a cesta vazia. É verdade que nem o Homem de Lata nem o Espantalho comiam, mas ela não era feita de lata nem de palha, e não podia viver sem se alimentar.



O LEÃO MEDROSO



Durante muito tempo Dorothy e seus amigos andaram pela mata cerrada. A estrada ainda era de tijolos amarelos, mas estes estavam cobertos de galhos secos e folhas caídas das árvores e eles andavam com muita dificuldade.

Havia poucos pássaros naquela parte da floresta, pois eles gostam de espaços amplos e cheios de sol. Mas de vez em quando ouvia-se o rugido de algum animal selvagem escondido entre as árvores. Esses ruídos faziam o coração da menina bater depressa, pois ela não sabia de onde partiam. Mas Totó sabia e andava grudado em Dorothy e nem ousava latir.

— Daqui a quanto tempo vamos sair da floresta? — perguntou a menina ao Homem de Lata.

— Não sei — respondeu ele. — Nunca estive na Cidade de Esmeralda. Mas meu pai certa vez esteve lá quando eu era menino, e ele falou que era uma viagem longa, por uma região perigosa. Mais perto, porém, da cidade onde Oz vive, o lugar é bonito. Da minha parte não tenho medo de nada, desde que tenha comigo minha lata de óleo. Quanto ao Espantalho, nada o pode ferir. E você tem a marca da Bruxa Boa na testa, e isso a protege de qualquer mal.

— Mas... e Totó? — perguntou a menina preocupada.
— O que o protege?

— Se ele estiver em perigo, nós mesmos o protegeremos — respondeu o Homem de Lata.

Justamente nessa hora veio da floresta um rugido terrível e logo depois um grande Leão saltou na estrada. Com uma pata-dele fez o Espantalho cair rolando no chão e atacou o Homem de Lata com suas garras afiadas. Mas, para surpresa do Leão, embora o Homem de Lata jazesse imóvel à margem da estrada, ele não sofreu nenhum arranhão.

O pequeno Totó, agora que tinha que encarar o inimigo, partiu latindo para o Leão. A grande fera abriu a boca para morder o cão, quando Dorothy, temendo que Totó fosse morto e indiferente ao perigo, avançou e esmurrou o focinho do Leão com toda a força, gritando:

— Não ouse morder Totó! Você devia se envergonhar disso. Um animal tão grande morder um pobre cãozinho!

— Eu não o mordi — disse o Leão, esfregando o focinho com a pata no local em que Dorothy o esmurrara.

— Não, mas você tentou — respondeu ela. — Você não passa de um covardão.

— Eu sei disso — disse o Leão, baixando a cabeça envergonhado. — Sempre soube disso. Mas que posso fazer?

— Não sei, ora bolas! Pensar que você atacou um homem de palha como o pobre Espantalho!

— Ele é de palha? — perguntou o Leão surpreso, vindo-pegar o Espantalho, pô-lo de pé e dar-lhe tapinhas para fazê-lo voltar à forma normal.

— Claro que ele é de palha — respondeu Dorothy, ainda com raiva.

— É por isso que foi tão fácil bater nele. O outro também é empalhado?

— Não — disse Dorothy —, ele é feito de lata. — E ela ajudou o Homem de Lata a se levantar.

— É por isso que ele quebrou as minhas garras — disse o Leão. — Quando elas raspam a lata, senti um arrepio nas costas. Quem é essa criatura de quem você tanto gosta?

— É meu cachorro Totó — respondeu Dorothy.

— Ele é feito de lata ou de palha? — perguntou o Leão.

— Nem uma coisa nem outra. Ele é um cachorro de... de... carne e osso — disse a menina.

— Oh! Ele é um animal interessante e me parece muito pequeno, agora que o estou observando. Ninguém pensaria em

morder uma coisinha assim, a não ser um covarde como eu — continuou o Leão com voz triste.

— O que faz com que você seja medroso? — perguntou Dorothy, olhando-o admirada, pois ele era do tamanho de um cavalo de pequeno porte.

— É um mistério — respondeu o Leão. — Acho que já nasci assim. Naturalmente todos os animais da floresta esperam que eu seja corajoso, porque em toda parte se pensa que o Leão é o rei dos animais. Aprendi que, se eu rugisse muito forte, todos os viventes se assustariam e fugiriam de mim. Toda vez que encontro um homem, tenho medo dele. Mas eu sempre solto meu rugido e ele foge o mais depressa possível. Se os elefantes, tigres e ursos tentassem me enfrentar, eu teria fugido de tão covarde que sou; mas logo que ouvem meu rugido eles fogem e claro que os deixo ir embora.

— Mas isto não está certo. O rei dos animais não pode ser covarde — disse o Espantalho.

— Eu sei disso — respondeu o Leão, enxugando uma lágrima do canto dos olhos com a ponta da cauda. — Esse é o meu grande desgosto, e faz minha vida infeliz. Sempre que há um perigo, meu coração dispara.

— Talvez você sofra do coração — disse o Homem de Lata.

— Pode ser — disse o Leão.

— Se você está doente do coração, você deve ficar contente — disse o Homem de Lata. — Isso prova que você tem coração. De minha parte, não posso ter esse tipo de doença, porque não tenho coração.

— Se eu não tivesse coração, talvez não fosse covarde — disse o Leão pensativamente.

— Você tem cérebro? — perguntou o Espantalho.

— Acho que sim. Nunca olhei para ver — respondeu o Leão.

— Vou ao Grande Oz pedir-lhe que me dê um, porque minha cabeça é cheia de palha — falou o Espantalho.

— E eu vou pedir um coração — disse o Homem de Lata.

— E eu vou pedir que me faça voltar para o Kansas — acrescentou Dorothy.

— Vocês acham que Oz poderia me dar coragem? — perguntou o Leão Medroso.

— Da mesma forma como ele pode me dar um cérebro — respondeu o Espantalho.

— Ou me dar um coração — disse o Homem de Lata.

— Ou me mandar para o Kansas — acrescentou Dorothy.

— Então, se vocês não se importam, irei com vocês, porque minha vida é insuportável sem um pouco de coragem.

— Você é muito bem-vindo — respondeu Dorothy —, porque você vai ajudar a espantar os outros animais ferozes. Eles devem ser muito mais medrosos que você, já que você os assusta com tanta facilidade.

— Realmente eles são — disse o Leão. — Mas isso não me faz mais corajoso, e enquanto eu me sentir covarde serei infeliz.

Então mais uma vez o pequeno grupo recomeçou a viagem, com o Leão andando a passos largos e dignos ao lado de Dorothy. A princípio Totó não viu com bons olhos esse novo companheiro, pois não podia esquecer que quase fora esmagado pelas garras do Leão. Mas depois de certo tempo foi ficando mais à vontade e logo Totó e o Leão Medroso ficaram grandes amigos.

O resto do dia transcorreu sem maiores incidentes que viessem perturbar a paz de sua jornada. É verdade que o Homem de Lata pisou num besouro que estava no caminho e matou o pobre animalzinho. O Homem de Lata ficou muito triste com isso, porque sempre tinha cuidado para não fazer mal a nenhuma criatura. Enquanto andava, enxugava algumas lágrimas de tristeza e de remorso. As lágrimas desciam lentas pelas suas faces e chegavam até as juntas dos maxilares, que se enferrujavam.

Quando Dorothy lhe fez uma pergunta, o Homem de Lata não conseguiu falar porque seus maxilares estavam emperrados. Ele ficou muito assustado com isso e fez muitos gestos para que Dorothy percebesse e o livrasse daquilo, mas ela não entendeu. O Leão também não conseguia entender o que estava acontecendo. Mas o Espantalho tirou a lata de óleo da cesta de Dorothy e lubrificou o queixo do Homem de Lata, de forma que um pouco depois ele já pôde falar como antes.

— Que isso me sirva de lição — disse ele — para que eu veja onde piso. Porque se eu pisasse em outro besouro, iria chorar novamente, meu queixo iria enferrujar e eu não ia poder falar.

Daí para a frente ele andou com bastante cuidado, olhando bem para o chão e, quando via uma formiguinha trabalhando, tinha o cuidado de levantar o pé para não lhe fazer mal. O Homem de Lata sabia muito bem que não tinha coração, por isso tinha muito cuidado para não ser cruel nem indelicado com ninguém.

— Vocês que têm coração — disse ele — têm como se orientar. Mas eu não tenho coração e por isso preciso ter bastante cuidado. Naturalmente que, quando Oz me der um coração, não vou precisar me preocupar tanto.

VIAGEM EM BUSCA DO GRANDE OZ



Eles foram obrigados a acampar sob uma grande árvore da floresta, porque não havia nenhuma casa por perto. A árvore dava uma boa proteção contra o sereno. O Homem de Lata cortou uma grande pilha de lenha com seu machado e Dorothy fez uma esplêndida fogueira que a aqueceu e a fez sentir-se menos solitária. Ela e Totó comeram a última porção de pão e agora a menina não sabia o que teriam para o café da manhã do dia seguinte.

— Se você quiser — disse o Leão —, vou à floresta e mato um veado para você. Você pode assá-lo na fogueira, pois o gosto de vocês é tão esquisito que preferem comida cozida. Será um belo café da manhã.

— Por favor, não faça isso — pediu o Homem de Lata. — Com certeza eu iria chorar se você matasse o pobre veado e meu queixo iria enferrujar novamente.

Mas o Leão foi até a floresta e achou seu próprio jantar e ninguém soube o que foi, porque ele não tocou no assunto. E o Espantalho encontrou uma noqueira carregada de nozes e encheu a cesta de Dorothy, de forma que por muito tempo ela não iria passar fome. Ela sentiu que aquilo era muita delicadeza da parte do Espantalho, mas riu gostosamente do cuidado com que a pobre criatura colhia as nozes. Suas mãos empalhadas eram tão malfeitas e tão pequenas que quase metade do que colocava na cesta caía no chão. Mas o Espantalho não se importava com o

tempo gasto para encher a cesta, porque enquanto se ocupava disso ficava longe da fogueira. Ele temia que uma fagulha caísse em sua palha e o queimasse inteiro. Então ele ficava a uma boa distância das chamas e só se aproximou para cobrir Dorothy com folhas secas quando ela se deitou para dormir. Dorothy ficou bem agasalhada e aquecida e dormiu profundamente até de manhã.

Quando o dia amanheceu a menina lavou o rosto num regato murmurante e logo depois começaram a andar rumo à Cidade de Esmeralda.

Este dia seria cheio de acontecimentos para os viajantes. Mal haviam caminhado por uma hora, viram à sua frente uma grande vala que cruzava a estrada e dividia a floresta em dois lados. Era uma vala bem longa e, quando eles foram de gatinhas até a borda e olharam para baixo, viram que era muito funda e que havia muitas rochas grandes e pontiagudas lá no fundo. As bordas eram tão íngremes que nenhum deles conseguiria descer. Por um instante pareceu que teriam que interromper a viagem.

— Que faremos? — perguntou Dorothy desesperada.

— Não tenho a menor ideia — respondeu o Homem de Lata, enquanto o Leão balançava a cabeça pensativo.

Mas o Espantalho falou:

— Não podemos voar, nem podemos descer esta grande vala. Portanto, se não pudermos pular por cima dela, temos que ficar onde estamos.

— Acho que posso pular por cima da vala — disse o Leão Medroso depois de avaliar a distância cuidadosamente.

— Então está resolvido — respondeu o Espantalho —, porque você pode atravessar todos nós nas costas, um de cada vez.

— Bom, vou tentar — disse o Leão. — Quem vai primeiro?

— Eu vou — disse o Espantalho. — Porque se o salto não der para chegar ao outro lado, Dorothy morreria e, se fosse o Homem de Lata, seria machucado nas rochas do fundo. Mas se eu estiver em suas costas não tem tanta importância, porque a queda não me faria tanto mal.

— Estou morrendo de medo de cair — disse o Leão Medroso —, mas acho que só nos resta tentar. Suba às minhas costas e vamos ver no que vai dar.

O Espantalho sentou-se às costas do Leão e o grande animal andou até a borda da vala e se agachou.

— Por que você não toma distância para correr e saltar? — perguntou o Espantalho.

— Porque nós, leões, não fazemos assim — respondeu ele.

Então, dando um grande salto, varou o espaço e caiu são e salvo do outro lado. Todos ficaram contentes em ver como foi fácil. Quando o Espantalho desceu das costas do Leão, este pulou a vala de volta.

Dorothy decidiu ir em seguida; pegou Totó nos braços, montou às costas do Leão e segurou firmemente a sua juba com a mão livre. No momento seguinte ela sentiu como se estivesse voando no ar. E antes que tivesse tempo de pensar sobre isto, já estava do outro lado. O Leão voltou pela terceira vez e pegou o Homem de Lata. Sentaram-se todos por um tempo, para que o Leão pudesse descansar, pois os grandes saltos deixaram-no ofegante, e ele resfolegava como um cachorro grande que tivesse corrido muito.

Eles acharam a floresta do outro lado muito cerrada, além de muito triste e sombria. Depois que o Leão descansou, retomaram a estrada amarela, perguntando-se no íntimo, cada um em seus próprios pensamentos, se algum dia conseguiriam chegar ao fim da floresta e ver a luz do sol novamente. Para aumentar ainda mais sua inquietação, começaram a ouvir ruídos estranhos vindos do fundo da floresta e o Leão sussurrou que era numa parte da mata onde viviam os Kalidahs.

— O que são Kalidahs? — perguntou a menina.

— São feras monstruosas com corpos de urso e cabeças de tigre — respondeu o Leão. — E com garras tão grandes e afiadas que poderiam me despedaçar com a mesma facilidade com que posso matar Totó. Morro de medo dos Kalidahs.

— Não me admira nem um pouco que você tenha medo. Devem ser feras terríveis!

Quando o Leão ia responder, eles se depararam com outro fosso cruzando a estrada. Mas este era tão largo e tão profundo que o Leão logo percebeu que não podia saltar sobre ele.

Eles se sentaram para refletir no que poderiam fazer e, depois de muito pensar, o Espantalho falou:

— Há uma árvore grande bem perto do fosso. Se o Homem de Lata puder cortá-la, ela vai cair atravessada sobre o fosso e poderemos passar facilmente.

— É uma excelente ideia — disse o Leão. — A gente quase acredita que você tem um cérebro na cabeça em vez de palha.

O Homem de Lata começou o trabalho imediatamente, e seu machado era tão afiado que logo a árvore estava praticamente cortada. Então o Leão apoiou suas fortes patas contra a árvore e empurrou-a o mais forte que pôde. Vagarosamente a grande árvore inclinou-se e caiu com estrondo sobre o fosso, com a ponta dos galhos mais altos do outro lado.

Quando eles começaram a cruzar aquela estranha ponte, ouviram um rugido cortante que os fez olhar em volta. E viram, aterrorizados, duas grandes feras com corpos de urso e cabeças de tigre correndo em sua direção.

— São os Kalidahs! — disse o Leão Medroso, começando a tremer.

— Rápido! — gritou o Espantalho. — Vamos cruzar o fosso.

Dorothy passou primeiro, carregando Totó nos braços. O Homem de Lata foi em seguida e o Espantalho por último. O Leão, embora com muito medo, voltou a cara para os Kalidahs e deu um urro tão alto e tão terrível que Dorothy gritou de susto e o Espantalho caiu para trás. As próprias feras bravias pararam e olharam-se espantadas.

Mas, percebendo que eram maiores que o Leão e lembrando que eram dois contra um, os Kalidahs continuaram a avançar e o Leão atravessou o fosso pela árvore e olhou para trás para ver o que eles iam fazer. Sem parar um instante, as feras também começaram a passar pela árvore. O Leão disse a Dorothy:

— Estamos perdidos, pois com certeza eles vão nos despedaçar com suas garras afiadas. Mas fiquem bem atrás de mim. Vou lutar com eles até morrer.

— Espere um instante! — gritou o Espantalho. Ele tinha refletido sobre o que era melhor fazer naquela situação e pediu ao Homem de Lata que cortasse a árvore no ponto em que ela se apoiava do lado do fosso onde eles estavam.

O Homem de Lata pôs imediatamente o machado para funcionar. E justamente quando os Kalidahs estavam quase

conseguindo chegar do outro lado, a árvore caiu com estrondo no fosso, levando com ela os feios e ferozes animais, e ambos se despedaçaram nas agudas rochas do abismo.

— Bem — disse o Leão Medroso, soltando um grande suspiro de alívio —, estou vendo que vamos viver um pouco mais e fico contente com isso, pois deve ser muito incômodo não estar vivo. Essas criaturas me assustaram tanto que meu coração ainda está disparado.

— Ah — disse o Homem de Lata com voz triste. — Eu gostaria de ter um coração que disparasse.

Essa aventura deixou os amigos ainda mais ansiosos para sair da floresta, e eles passaram a andar tão rápido que Dorothy ficou cansada e teve que montar no Leão. Para sua grande alegria, a floresta ia ficando cada vez menos cerrada à medida que avançavam e à tarde eles chegaram a um rio largo que fluía suavemente bem à sua frente.

Na outra margem eles viram a estrada de tijolos amarelos avançando por uma bela terra, com campinas verdejantes, belas flores e com árvores carregadas de apetitosas frutas em toda a margem da estrada. Ficaram contentíssimos em ver uma terra tão linda à sua frente.

— Como cruzaremos o rio? — perguntou Dorothy.

— Isso é fácil — respondeu o Espantalho. — O Homem de Lata constrói uma jangada para nós passarmos para o outro lado.

O Homem de Lata pegou o machado e começou a cortar árvores pequenas para a jangada, e enquanto ele se ocupava disso o Espantalho descobriu à margem do rio uma árvore cheia de frutas deliciosas. Isso agradou muito a Dorothy, que durante todo o dia só comera nozes. Ela fez então uma bela refeição de frutas maduras.

Mas é preciso muito tempo para construir uma jangada, mesmo quando se é habilidoso e incansável como o Homem de Lata. Quando a noite chegou, o trabalho ainda não tinha acabado. Eles acharam um lugar quentinho sob as árvores, onde dormiram até a manhã seguinte. Dorothy sonhou com a Cidade de Esmeralda e com o bom Mágico de Oz, que logo a iria mandar de volta para casa.

O CAMPO DE PAPOULAS MORTAL



Os viajantes acordaram na manhã seguinte revigorados e esperançosos, e Dorothy fez uma bela refeição matinal de pêssegos e ameixas das árvores que ficavam à margem do rio. Para trás ficara a floresta escura que eles tinham conseguido atravessar sãos e salvos, apesar de todas as dificuldades, e à sua frente havia uma terra bela e ensolarada que parecia convidá-los à Cidade de Esmeralda.

Na verdade, entre eles e a Cidade de Esmeralda ainda havia o rio. Mas a jangada já estava quase pronta e, depois que o Homem de Lata cortou mais uns troncos de árvores e os juntou com pinos de madeira, tudo ficou pronto para a partida. Dorothy sentou-se no meio da jangada com Totó nos braços. Quando o Leão Medroso subiu na jangada, ela se inclinou perigosamente, porque ele era grande e pesado. Mas o Espantalho e o Homem de Lata subiram do outro lado e equilibraram a embarcação. Com grandes varas de madeira, eles impulsionaram a jangada.

No começo, tudo ia bem. Mas quando chegaram ao meio da travessia, a forte correnteza carregou a jangada rio abaixo, cada vez mais longe da estrada amarela. A água ali era tão profunda que as longas varas não alcançavam o fundo do rio.

— Isso não é nada bom — disse o Homem de Lata. — Se não conseguirmos chegar até a margem, vamos ser carregados para a terra da Bruxa Malvada do Oeste, e ela vai nos enfeitizar e nos escravizar.

— E então não vou conseguir ter um cérebro — disse o Espantalho.

— E eu não iria me tornar corajoso — falou o Leão Medroso.

— E eu não conseguiria meu coração — lamentou o Homem de Lata.

— E eu nunca voltaria para o Kansas — acrescentou Dorothy.

— A gente vai conseguir chegar à Cidade de Esmeralda — continuou o Espantalho. E ele empurrou com tanta força a vara no fundo do rio que ela ficou grudada na lama e, antes que pudesse puxá-la de volta ou soltá-la, a jangada foi arrastada para longe e o Espantalho ficou pendurado na vara no meio do rio.

— Até logo! — gritou o Espantalho para os amigos, e eles ficaram muito tristes por se separarem do companheiro.

O Homem de Lata começou a chorar, mas felizmente logo se lembrou de que iria enferrujar e enxugou as lágrimas no avental de Dorothy.

Claro que a situação do Espantalho não era nada boa.

— Estou pior que quando encontrei Dorothy pela primeira vez — pensou ele. — Naquela ocasião eu estava numa vara num milharal onde pelo menos se pensava que eu poderia espantar os corvos; mas com certeza para nada serve um Espantalho no meio de um rio. Receio nunca conseguir um cérebro para mim!

A jangada continuava rio abaixo e o pobre Espantalho ficou bem para trás. O Leão falou:

— Precisamos fazer alguma coisa para nos salvar. Acho que posso nadar até a margem e arrastar a jangada se vocês segurarem firme a ponta da minha cauda.

Ele pulou rápido na água e o Homem de Lata segurou firme a sua cauda. O Leão começou a nadar com todas as suas forças em direção à margem. Era uma tarefa difícil, embora ele fosse tão grande; mas pouco a pouco eles foram puxados para longe da correnteza e então Dorothy pegou a longa vara do Homem de Lata e ajudou a empurrar a jangada para a terra.

Todos estavam exaustos quando chegaram à margem e pisaram a bela grama verde. Sabiam, também, que a correnteza os arrastara para bem longe da estrada que levava à Cidade de Esmeralda.

— Que vamos fazer agora? — perguntou o Homem de Lata, enquanto o Leão deitava-se na grama para se secar ao sol.

— Temos que voltar para a estrada de qualquer maneira — disse Dorothy.

— O melhor é andar margeando o rio até encontrar a estrada — observou o Leão.

Depois de descansarem, Dorothy pegou sua cesta e todos começaram a andar ao longo da margem coberta de grama, rumo à estrada. Era uma região muito bonita, cheia de flores e árvores frutíferas. O brilho do sol animava-os e, se não estivessem tristes pelo que acontecera com o Espantalho, eles poderiam estar muito felizes.

Andavam o mais rápido que podiam. Dorothy só parou uma vez para colher uma bela flor; a certa altura o Homem de Lata gritou:

— Olhem!

Todos olharam para o rio e viram o Espantalho pendurado na vara no meio da água, muito triste e solitário.

— Que podemos fazer para salvá-lo? — perguntou Dorothy.

O Leão e o Homem de Lata balançaram a cabeça, sem saber o que dizer. Sentaram-se todos à margem olhando com tristeza o Espantalho, até que uma Cegonha voou por perto e, vendo-os, parou para descansar um pouco à beira do rio.

— Quem são vocês e para onde estão indo? — perguntou a Cegonha.

— Eu sou Dorothy — respondeu a menina — e estes são meus amigos: o Homem de Lata e o Leão Medroso; e estamos indo para a Cidade de Esmeralda.

— O caminho não é por aqui — disse a Cegonha virando o pescoço e fitando o estranho grupo.

— Sei disso — retrucou Dorothy. — Mas nós perdemos o Espantalho e estamos pensando numa maneira de recuperá-lo.

— Onde está ele? — perguntou a Cegonha.

— Ali no rio — respondeu a menina.

— Se ele não fosse tão grande e pesado eu o traria para cá — falou a Cegonha.

— Ele não é nem um pouco pesado — apressou-se em dizer Dorothy. — Ele é cheio de palha; e se você o trouxer para cá nós ficaremos muito gratos.

— Bem, vou tentar — disse a Cegonha. — Mas se eu perceber que ele é pesado demais para carregar vou deixá-lo cair no rio.

Então o grande pássaro voou no ar por cima da água até chegar ao lugar onde se encontrava o Espantalho. A Cegonha pegou o Espantalho pelo braço com suas unhas enormes e levou-o para a margem do rio, onde estavam Dorothy, o Leão, o Homem de Lata e Totó.

Quando o Espantalho achou-se entre os amigos novamente, ficou tão feliz que os abraçou a todos, inclusive Totó e o Leão; e enquanto andavam ele cantava “Trá-lá-li-lá-lá” a cada passo, tão contente estava.

— Eu temia ficar lá no rio para sempre — disse ele. — Mas a gentil Cegonha me salvou e se algum dia eu conseguir um cérebro vou procurá-la e retribuir o favor de alguma forma.

— Não precisa se incomodar — disse a Cegonha, que os acompanhava voando devagar. — Gosto de ajudar a quem precisa. Mas agora tenho que ir porque meus filhotes me esperam no ninho. Espero que vocês cheguem à Cidade de Esmeralda e que Oz os ajude.

— Obrigada — respondeu Dorothy. E a Cegonha gentil levantou voo e logo desapareceu.

Eles foram andando e ouvindo o canto dos belos pássaros multicores e apreciando as flores maravilhosas que agora eram tantas que atapetavam o chão. Havia grandes flores amarelas, brancas e vermelhas, ao lado de grandes cachos de papoulas es-carlates cujas cores eram tão vivas e brilhantes que quase ofuscaram Dorothy.

— Não são lindas? — perguntou a menina, aspirando o picante perfume das flores.

— Acho que sim — respondeu o Espantalho. — Quando eu tiver cérebro, com certeza vou gostar mais delas.

— Se pelo menos eu tivesse um coração, eu poderia amá-las — acrescentou o Homem de Lata.

— Sempre gostei de flores — disse o Leão. — Elas parecem tão desprotegidas e frágeis. Mas não existem na floresta flores tão brilhantes quanto estas.

Agora eles encontravam cada vez mais papoulas vermelhas e cada vez menos flores de outro tipo. E logo se acharam no meio de um grande campo de papoulas. Todo mundo sabe que, quando existem muitas dessas flores juntas, seu aroma é tão forte que

faz dormir qualquer pessoa que o aspire. E, se essa pessoa não for levada para fora do alcance do perfume, continuará dormindo para sempre.

Mas Dorothy não sabia disso nem podia afastar-se das flores vermelhas e brilhantes que havia por toda parte. Ela começou a sentir as pálpebras pesarem e uma vontade de sentar para descansar e dormir um pouco.

Mas o Homem de Lata impediu que ela dormisse.

— Precisamos voltar rápido para a estrada amarela antes do anoitecer — disse ele, e o Espantalho concordou. Então continuaram todos a andar até o momento em que Dorothy não conseguiu mais manter-se de pé. Seus olhos fecharam-se contra a sua vontade, ela perdeu a noção de onde estava e caiu entre as papoulas, já adormecida.

— Que vamos fazer? — perguntou o Homem de Lata.

— Se a deixarmos aqui, ela morrerá — disse o Leão. — O perfume das flores está nos matando. A custo mantenho os olhos abertos. E Totó já dormiu.

Era verdade. Totó caíra junto de sua dona. Mas o Espantalho e o Homem de Lata, que não eram de carne e osso, eram imunes ao perfume das flores.

— Corra depressa — falou o Espantalho ao Leão. — E saia o mais rápido possível dessa maldita cama de flores. Vamos carregar a menina: se você adormecer, tudo se complica. Você é grande demais para ser carregado.

O Leão levantou-se e avançou o mais rápido possível. Num instante ele desapareceu.

— Vamos fazer uma cadeirinha com nossos braços para carregá-la — propôs o Espantalho.

Pegaram Totó e puseram-no no colo de Dorothy. Formaram um assento com as mãos e braços e carregaram a menina adormecida pela campina florida.

Andaram e andaram: parecia que o tapete de flores mortíferas não tinha fim. Seguiram o declive do rio e finalmente chegaram até onde estava o Leão, adormecido entre as papoulas. As flores foram mais fortes que a grande fera e ele finalmente deixou-se vencer e caiu a pouca distância do campo de papoulas, onde a doce relva espriava-se em belos campos verdes diante deles.

— Não podemos fazer nada por ele — disse o Homem de Lata com tristeza. — É pesado demais para ser carregado. Vamos deixá-lo aqui e ele dormirá para sempre, e talvez sonhe que finalmente conseguiu tornar-se corajoso.

— Sinto muito — disse o Espantalho. — O Leão era um bom companheiro, ainda mais quando se considera que era tão medroso. Mas vamos embora.

Eles carregaram a menina adormecida para uma clareira perto do rio, longe o bastante do campo de papoulas, para evitar que ela respirasse o perfume venenoso das flores. Colocaram-na delicadamente na relva macia e esperaram que a brisa fresca a acordasse.

A RAINHA DOS RATOS-SILVESTRES



— A estrada amarela não deve estar longe daqui — observou o Espantalho, que estava ao lado da menina. — Já andamos mais ou menos a mesma distância do desvio a que a correnteza nos obrigou.

O Homem de Lata ia responder quando ouviu um rosnado baixo e, voltando a cabeça (que deslizou suavemente no gonzo), viu um animal estranho aproximar-se aos saltos pela grama. Era um grande lince amarelo e o Homem de Lata imaginou que ele estivesse caçando algo, porque suas orelhas estavam bem encostadas na cabeça e sua boca bem aberta, deixando à mostra duas fileiras de dentes terríveis. Seus olhos vermelhos brilhavam como bolas de fogo. Quando ele chegou mais perto, o Homem de Lata viu, correndo na frente da fera, um ratinho-silvestre cinza. E, mesmo não tendo coração, o Homem de Lata sabia que não estava certo o lince tentar matar uma criaturinha tão bonita e tão inofensiva.

Então o Homem de Lata levantou o machado e, quando o lince passou por perto, deu-lhe um golpe rápido, separando a cabeça do corpo da fera, que caiu a seus pés dividida em dois pedaços.

O rato-silvestre, agora livre de seu inimigo, parou imediatamente. Aproximou-se, então, vagorosamente do Homem de Lata e falou com uma vozinha bem fraca:

— Muitíssimo obrigada! Muito obrigada por salvar minha vida.

— Não vamos falar mais nisso, por favor — respondeu o Homem de Lata. — Sabe, não tenho coração, por isso tenho todo o cuidado em ajudar os que precisam de um amigo, mesmo que seja apenas um rato.

— Apenas um rato! — gritou o animalzinho indignado. — Ora, eu sou uma Rainha. A Rainha de todos os ratos-silvestres!

— É mesmo? — perguntou o Homem de Lata, fazendo uma mesura.

— Portanto, você fez a façanha de um bravo, salvando minha vida — acrescentou a Rainha.

Nesse instante viram-se muitos ratos correndo tão depressa quanto lhes possibilitavam as perninhas curtas e, quando viram a Rainha, exclamaram:

— Majestade, pensávamos que fôsseis morrer. Como conseguistes escapar do grande lince? — e eles curvaram-se tanto que quase ficaram apoiados nas cabeças.

— Esse engraçado Homem de Lata — respondeu ela — matou o lince e salvou minha vida. Por isso vocês devem servi-lo e atender até ao menor de seus desejos.

— Nós o faremos! — bradaram todos os ratos, num coro de vozes fininhas.

E então eles fugiram em todas as direções porque Totó acordara e, vendo todos aqueles ratos à sua volta, deu um latido de alegria e pulou no meio do grupo. Totó sempre gostara de caçar ratos quando morava no Kansas, e não via nada demais nisso.

Mas o Homem de Lata pegou o cachorro nos braços, apertando bem, enquanto chamava os ratos:

— Voltem, voltem! Totó não vai fazer mal a vocês.

Ouvindo isso, a Rainha dos Ratos pôs a cabeça para fora de uma moita de grama e perguntou timidamente:

— Tem certeza de que ele não vai nos morder?

— Não vou deixar que faça isso — disse o Homem de Lata. — Não tenham medo.

Um após outro os ratos foram voltando devagar e Totó parou de latir, mas ainda tentava escapar dos braços do Homem de Lata, a quem teria mordido se não soubesse que era de lata. Finalmente um dos ratos maiores falou:

— Que podemos fazer para recompensá-lo por ter salvo a vida da nossa Rainha?

— Que eu saiba, nada — respondeu o Homem de Lata. Mas o Espantalho, que estava tentando pensar e não conseguia, porque sua cabeça era cheia de palha, respondeu rápido:

— Sim, você pode salvar nosso amigo, o Leão Medroso, que está adormecido no campo de papoulas.

— Um Leão! — gritou a pequena Rainha. — Ele ia nos devorar a todos.

— Oh, não — falou o Espantalho. — Esse Leão é um medroso.

— É mesmo? — perguntou o rato.

— Ele mesmo diz isso — respondeu o Espantalho. — E ele nunca iria fazer mal a um amigo nosso. Se você nos prometer ajudar a salvá-lo, prometo que ele vai tratá-los com toda gentileza.

— Muito bem — disse a Rainha. — Vamos confiar em vocês. Mas o que devemos fazer?

— Existem muitos ratos que a consideram Rainha e estão dispostos a obedecer a suas ordens?

— Sim. São milhares — respondeu ela.

— Então mande chamar a todos o mais rápido possível, e que cada um traga um pedaço de cordão bem comprido.

A Rainha voltou-se para os ratos que a serviam e ordenou que fossem imediatamente convocar todo o seu povo.

Ao ouvirem isso, eles se espalharam correndo o mais rápido possível em todas as direções.

— Agora — disse o Espantalho ao Homem de Lata —, vá até as árvores da margem do rio e faça um carro de madeira para carregar o Leão.

Então o Homem de Lata foi imediatamente até as árvores e começou a trabalhar. E logo fez um carro com troncos de árvores, das quais tirou todas as folhas e galhos. Juntou-os com cravos de madeira e fez quatro rodas com quatro pedaços de um tronco. O Homem de Lata trabalhou tanto e tão bem que, quando os ratos começaram a chegar, o carro já estava pronto.

Os ratos chegaram de todos os lados e havia milhares deles: ratos grandes, médios e pequenos. E cada um deles trazia um cordão na boca. Foi mais ou menos nesse instante que Dorothy

acordou de seu longo sono e abriu os olhos. Ela ficou espantadíssima de se achar deitada na grama com centenas de ratos à sua volta olhando-a timidamente. Mas o Espantalho contou-lhe toda a história e, voltando-se para a nobre ratinha, disse:

— Permita-me apresentar-lhe Sua Majestade, a Rainha.

Dorothy acenou gravemente com a cabeça e a Rainha fez uma mesura, após o que ela e a menina se entenderam muito bem.

O Espantalho e o Homem de Lata começaram a amarrar os ratos ao carro, usando os cordões trazidos por eles. Uma ponta do cordão era amarrada em volta do pescoço de cada rato e a outra ponta, no carro. Claro que o carro era mil vezes maior que qualquer um dos ratos; mas, quando todos os ratos estavam atrelados, puderam puxar o carro com facilidade. Até o Espantalho e o Homem de Lata subiram no carro e foram puxados depressa por seus estranhos cavalinhos para o lugar onde o Leão estava dormindo.

Depois de muito esforço, pois o Leão era pesado, conseguiram colocá-lo no carro. Então a Rainha apressou-se a dar a ordem de partida, pois temia que os ratos adormecessem no campo de papoulas.

A princípio as criaturinhas, embora numerosas, a muito custo conseguiram mexer o carro com uma carga tão pesada; mas o Homem de Lata e o Espantalho empurraram o carro por trás, e este começou a andar. Em pouco tempo eles carregaram o Leão para fora do campo de papoulas, onde ele pôde aspirar o ar fresco e suave, em vez do venenoso perfume das flores.

Dorothy veio ao seu encontro e agradeceu muito aos ratinhos por terem salvo seu companheiro da morte. Ela gostava muito do Leão e ficou muito feliz com seu resgate.

Os ratos foram desamarrados do carro e se foram pelo gramado para suas casas. A Rainha dos Ratos foi a última a partir.

— Se algum dia vocês precisarem de mim, venham até o campo e chamem que virei ajudá-los. Adeus!

— Adeus! — responderam todos, e a Rainha se foi enquanto Dorothy segurava Totó com firmeza, para que ele não corresse atrás dela, assustando-a.

Depois disso eles sentaram ao lado do Leão para esperar que ele acordasse. E o Espantalho trouxe algumas frutas de uma árvore que havia ali perto e Dorothy os comeu à guisa de jantar.

O GUARDIÃO DOS PORTÕES



Passou-se um bom tempo antes que o Leão acordasse, pois ele ficara aspirando o perfume mortal das papoulas. Mas quando abriu os olhos e desceu do carro, sentiu-se muito feliz por ainda estar vivo.

— Corri o mais que pude — disse ele, sentando-se e bocejando —, mas as flores eram mais fortes que eu. Como vocês conseguiram me tirar de lá?

Então eles lhe contaram dos ratos-silvestres e de como eles o salvaram da morte. E o Leão Medroso sorriu e disse:

— Sempre me senti muito grande e terrível. E contudo essas flores pequeninas quase me mataram e esses animaizinhos, os ratos, salvaram minha vida. Que coisa estranha! Mas, companheiros, que vamos fazer agora?

— Vamos continuar a viagem, até achar de novo a estrada amarela — disse Dorothy. — E então poderemos continuar a andar para a Cidade de Esmeralda.

Quando o Leão se sentiu descansado e bem-disposto novamente, todos recomeçaram a viagem, deliciando-se com a caminhada na relva fresca e suave. Não demorou muito e chegaram à estrada amarela. Recomeçaram, pois, a andar rumo à Cidade de Esmeralda, onde morava o Grande Oz.

Naquele trecho a estrada era plana e bem pavimentada, e a região era muito bonita. Os caminhantes alegraram-se por deixar a floresta bem para trás, com os perigos que escondia em

suas sombras tenebrosas. Voltaram a ver as cercas à margem da estrada, mas estas eram pintadas de verde. Quando chegaram a uma casinha, onde com toda certeza morava um agricultor, também ela era verde. Naquela tarde eles passaram por muitas dessas casas e às vezes as pessoas vinham às portas para vê-los, como se quisessem fazer-lhes perguntas; mas ninguém ousava aproximar-se ou falar com eles, por causa do grande Leão, de quem tinham muito medo. As pessoas vestiam roupas de maravilhosa cor de esmeralda e usavam chapéus pontudos como os dos Munchkins.

— Aqui deve ser a Terra de Oz — disse Dorothy —, e com certeza a Cidade de Esmeralda deve estar perto.

— Sim — respondeu o Espantalho. — Tudo aqui é verde, ao passo que na Terra dos Munchkins a cor favorita é o azul. Mas o povo aqui não parece tão amistoso quanto os Munchkins e receio que não vamos conseguir achar um lugar para passar a noite.

— Gostaria de comer alguma coisa além de frutas — disse a menina. — E acho que Totó está morto de fome. Vamos parar na próxima casa e falar com as pessoas.

Então, quando eles chegaram a uma casa de fazenda de bom aspecto, Dorothy andou resolutamente até a porta e bateu. Uma mulher abriu a porta apenas o bastante para olhar para fora e disse:

— O que você deseja, criança, e por que aquele Leão grande está com vocês?

— Queremos passar a noite em sua casa, se a senhora nos permite — respondeu Dorothy. — E o Leão é nosso amigo e companheiro e não iria, por nada no mundo, fazer mal a vocês.

— Ele é manso? — perguntou a mulher, abrindo um pouco mais a porta.

— Sim — disse a menina. — E ele é muito medroso também. Por isso ele vai ter muito mais medo de você que você dele.

— Bem — disse a mulher, depois de pensar um pouco e dar uma olhada no Leão —, nesse caso podem entrar. Vou servir-lhes um jantar e arranjar um lugar para vocês dormirem.

Então todos entraram na casa, onde havia, além da mulher, duas crianças e um homem. O homem tinha um ferimento na

perna e estava deitado num sofá. Eles pareceram espantar-se muito com um grupo tão esquisito. Enquanto a mulher estava arrumando a mesa, o homem perguntou:

— Para onde vocês estão indo?

— Estamos indo à Cidade de Esmeralda — disse Dorothy — para ver o Grande Oz.

— É mesmo? — exclamou o homem. — Você tem certeza de que Oz vai recebê-los?

— Por que não? — perguntou ela.

— Ora, diz-se que ele nunca recebe ninguém. Fui à Cidade de Esmeralda muitas vezes. É um lugar bonito, maravilhoso. Mas nunca me foi dado ver o Grande Oz, nem sei de ninguém que o tenha visto.

— Ele nunca sai? — perguntou o Espantalho.

— Nunca. Ele fica sentado dia após dia na sala do trono do seu palácio e mesmo as pessoas que o servem não o veem face a face.

— Como ele é? — perguntou a menina.

— É difícil dizer — disse o homem pensativamente. — Sabe, Oz é um grande mágico e pode assumir a forma que quiser. Por isso alguns dizem que ele parece um pássaro; outros, que ele se parece com um elefante. Outros ainda dizem que ele lembra um gato. A outros ele aparece na forma de uma bela fada ou um duende ou de qualquer coisa que ele queira.

Mas quem é o verdadeiro Oz e qual a sua verdadeira forma, ninguém pode dizer.

— Isso é muito estranho — disse Dorothy. — Nós temos que tentar de alguma forma vê-lo ou então teremos feito toda essa viagem em vão.

— Por que vocês querem ver o terrível Oz? — perguntou o homem.

— Quero que ele me dê um cérebro — disse o Espantalho ansioso.

— Oh, Oz poderia fazer isso sem dificuldade — disse o homem. — Ele tem muito mais cérebros do que precisa.

— E eu quero que ele me dê um coração — disse o Homem de Lata.

— Isso também não é problema para ele — prosseguiu o homem. — Ele tem uma grande coleção de corações de todos os tamanhos e formas.

— E eu quero que ele me dê coragem — disse o Leão Medroso.

— Oz tem um grande caldeirão de coragem na sala do trono, coberto com uma placa de ouro para que a coragem não escape — disse o homem. — Ele vai gostar de dar um pouco a você.

— E eu quero que ele me mande para o Kansas — acrescentou Dorothy.

— Onde é o Kansas? — perguntou o homem, surpreso.

— Não sei — respondeu Dorothy com tristeza. — Mas é meu lar e tenho certeza de que fica em algum lugar.

— É bem provável. Bem, Oz pode fazer qualquer coisa, por isso creio que ele vai achar o Kansas para você. Mas antes vocês precisam ser recebidos por ele, o que vai ser muito difícil. O Grande Mágico não gosta de avistar-se com ninguém, e as coisas são sempre do jeito que ele quer. Mas o que você quer? — continuou ele, dirigindo-se a Totó. Totó apenas balançou o rabo. Por incrível que pareça, ele não sabia falar.

A mulher informou-os de que o jantar já estava servido e todos reuniram-se à mesa. Dorothy comeu um mingau delicioso, um prato de ovos mexidos, um belo pão branco e adorou a refeição.

O Leão comeu um pouco de mingau, mas não gostou muito porque era de aveia. Ele explicou que aveia é comida de cavalos, e não de leões. O Espantalho e o Homem de Lata não comeram nada. Totó comeu um pouco de tudo e ficou contente de ter uma refeição outra vez.

A mulher deu uma cama para Dorothy, e Totó deitou do seu lado, enquanto o Leão guardava a porta do quarto para que ninguém a perturbasse. O Espantalho e o Homem de Lata ficaram de pé num canto por toda a noite, pois não precisavam dormir.

Na manhã seguinte, logo que se levantaram, retomaram a viagem. Pouco depois, avistaram um brilho verde no céu, bem à sua frente.

— Ali deve ser a Cidade de Esmeralda — disse Dorothy.

À medida que avançavam, o brilho verde ficava ainda mais forte e parecia que finalmente eles estavam quase no fim da viagem. Antes porém de chegarem à grande muralha que rodeava a cidade, já passara do meio-dia.

A muralha era alta, grossa e de um verde brilhante. À frente deles, no fim da estrada amarela, havia um portão grande todo incrustado de esmeraldas que brilhavam tanto ao sol que até os olhos pintados do Espantalho ficavam ofuscados.

Havia uma campainha ao lado do portão e Dorothy apertou o botão e ouviu um som argênteo. Então o grande portão abriu-se lentamente e todos passaram por ele, chegando a um aposento alto, encimado por uma abóbada, com paredes em que brilhavam inúmeras esmeraldas.

Diante deles estava um homenzinho mais ou menos do mesmo tamanho dos Munchkins. Ele estava vestido de verde da cabeça aos pés, e até sua pele era esverdeada. Ao seu lado, havia uma grande caixa verde.

Quando ele viu Dorothy e seus companheiros, perguntou:

— O que vocês vieram fazer na Cidade de Esmeralda?

— Viemos encontrar o Grande Oz — respondeu Dorothy.

O homem surpreendeu-se tanto com essa resposta que sentou para pensar sobre ela.

— Faz muito tempo que ninguém me pede para avistar-se com Oz — disse ele, balançando a cabeça perplexo. — Ele é poderoso e terrível. Se vocês vieram por um motivo fútil ou descabido, para perturbar as reflexões do Grande Mágico, ele pode se enfurecer e destruir todos vocês imediatamente.

— Mas o que nos traz aqui não é nenhuma bobagem — disse o Espantalho —, é uma coisa importante. E nos disseram que Oz é um mágico bom.

— Ele é mesmo — disse o homem verde. — Governa a Cidade de Esmeralda muito bem e com muita sabedoria. Mas para os desonestos e os que o procuram por mera curiosidade ele é terrível e poucos ousaram pedir para ver sua face. Sou o Guardião dos Portões e já que vocês pedem para ver o Grande Oz, devo levá-los ao seu palácio. Mas primeiro vocês precisam pôr os óculos.

— Por quê? — perguntou Dorothy.

— Porque se vocês não usarem óculos o brilho e o esplendor da Cidade de Esmeralda cegarão vocês. Mesmo os que moram na cidade precisam usar óculos dia e noite. Todos os óculos ficam trancados a chave, pois Oz assim o ordenou quando a cidade foi construída, e só eu tenho a chave que abre a caixa.

Ele abriu a caixa grande e Dorothy viu que ela estava cheia de óculos de vários tamanhos e formas. Todos eles tinham lentes verdes. O Guardião dos Portões achou um par que servia direitinho para Dorothy e o colocou em seu rosto.

Havia duas fitas que davam a volta à cabeça para fixar os óculos e eram presas uma à outra por um pequeno cadeado fechado à chave, a qual ficava pendurada numa corrente, no pescoço do Guardião dos Portões. Quando os óculos foram fixados, Dorothy não podia tirá-los, mesmo que quisesse. Mas claro que ela não queria ficar cega com o brilho da Cidade de Esmeralda, e por isso ficou calada.

O Guardião dos Portões colocou os óculos no Espantalho, no Homem de Lata, no Leão e até no pequeno Totó. E todos foram fechados com a chave.

O Guardião dos Portões pôs seus próprios óculos e disse-lhes que estava pronto para mostrar-lhes o palácio. Pegando uma grande chave de ouro de um grampo na parede, abriu outro portão e todos o seguiram, passaram pelo portão e entraram nas ruas da Cidade de Esmeralda.

A MARAVILHOSA CIDADE DE ESMERALDA DO MÁGICO DE OZ



Mesmo com os olhos protegidos pelos óculos verdes, Dorothy e seus amigos a princípio ficaram ofuscados com o brilho da maravilhosa cidade. As ruas tinham belas casas construídas de mármore verde e incrustadas com esmeraldas brilhantes. Eles andaram sobre um pavimento do mesmo mármore verde. Na junção de cada um dos blocos havia fileiras de esmeraldas, coladas umas às outras e brilhando como sóis. As vidraças das janelas eram verdes; até o céu e os raios de sol eram verdes.

Havia muita gente, homens, mulheres e crianças andando nas ruas e todos eles vestiam roupas verdes e tinham a pele esverdeada. Eles olhavam com olhos espantados para Dorothy e seu estranho grupo. Todas as crianças fugiam e se escondiam atrás de suas mães quando viam o Leão; mas ninguém falava com eles. Havia muitas lojas na rua e Dorothy notou que tudo era verde. Existiam doces verdes, pipocas verdes, chapéus verdes e roupas verdes, de todos os tipos. Em certo lugar um homem vendia limonada verde e, quando as crianças compraram, Dorothy percebeu que elas pagaram com moedas verdes.

Parecia não haver cavalos, nem animais de espécie alguma; os homens carregavam objetos em carrinhos de mão verdes. Todos pareciam felizes, contentes e prósperos.

O Guardião dos Portões levou-os pelas ruas até chegarem a um edifício grande, exatamente no meio da cidade, que era o

Palácio de Oz, o Grande Mágico. Havia um soldado diante da porta, trajando uniforme verde e com um bigode verde.

— Estes são estrangeiros — disse-lhe o Guardião dos Portões. — Eles querem ser recebidos pelo Grande Oz.

— Entrem — respondeu o soldado. — Vou levar-lhe sua mensagem.

Então eles passaram pelos portões do palácio e foram levados a uma grande sala com carpete verde e móveis verdes cravejados de esmeraldas. O soldado fê-los limpar os pés num capacho verde antes de entrarem na sala e, quando todos já estavam sentados, ele disse delicadamente:

— Por favor, fiquem à vontade enquanto vou até a porta da Sala do Trono dizer a Oz que vocês estão aqui.

Eles tiveram que esperar muito tempo até o soldado voltar. Quando, finalmente, ele voltou, Dorothy perguntou:

— Você viu Oz?

— Oh, não — respondeu o soldado. — Eu nunca o vi. Mas falei com ele através de uma tela e transmiti sua mensagem. Ele disse que vai recebê-los em audiência, se assim o desejam. Mas serão recebidos individualmente: um por dia. Assim, como vocês vão ficar no Palácio por muitos dias, vou mostrar-lhes os quartos onde poderão descansar confortavelmente de sua longa viagem.

— Obrigada — respondeu a menina. — É muita gentileza de Oz.

O soldado soprou um apito verde e imediatamente uma jovem com um lindo vestido de seda verde entrou na sala. Tinha belos olhos e cabelos verdes. Ela fez uma mesura diante de Dorothy e falou:

— Siga-me que vou mostrar-lhe seu quarto.

Dorothy despediu-se de todos os seus amigos, exceto Totó, e tomando o cachorro nos braços seguiu a jovem por sete passagens e subiu três lances de escadas até chegarem a um quarto que ficava na parte da frente do palácio.

Era o quartinho mais lindo deste mundo, com uma cama macia e confortável, lençóis de seda verde e uma colcha de veludo verde. Havia uma minúscula fonte no meio do quarto que lançava um jato de perfume verde no ar. O jato caía numa linda bacia

de mármore verde. As janelas eram enfeitadas com belas flores verdes e havia uma estante com uma fileira de livrinhos verdes.

Quando Dorothy teve a oportunidade de abrir esses livros, descobriu que tinham ilustrações verdes que fizeram-na rir, de tão engraçadas que eram.

Havia muitos vestidos verdes no guarda-roupa, feitos de cetim, seda e veludo. E todos eles coincidiam exatamente com as medidas de Dorothy.

— Fique à vontade — disse a moça verde. — E se precisar de alguma coisa, toque a campainha. Oz vai mandar chamá-la amanhã de manhã.

Ela deixou Dorothy sozinha e voltou para falar com os outros.

Ela levou cada um deles para seus quartos e todos ficaram instalados numa das partes mais agradáveis do palácio. É claro que todos esses confortos foram desperdiçados no caso do Espantalho. Quando ele ficou sozinho no quarto, postou-se estupidamente num canto, bem próximo ao vestibulo, para esperar o dia amanhecer. De nada lhe adiantaria deitar-se, e ele não podia fechar os olhos. Então ele passou a noite observando uma pequena aranha que estava tecendo sua teia num canto do quarto, como se não estivesse num dos mais maravilhosos quartos do mundo.

O Homem de Lata deitou-se em sua cama por força do hábito, pois ele se lembrava de quando era feito de carne e osso; mas, como não podia dormir, passou a noite movendo as juntas para cima e para baixo, para se certificar de que elas estavam funcionando bem. O Leão teria preferido uma cama de folhas secas na floresta e não gostou de ficar trancado num quarto. Mas ele era muito sensato para se deixar aborrecer por isso. Então pulou na cama, enroscou-se como um gato e adormeceu em um minuto.

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, a jovem verde veio buscar Dorothy e vestiu-a com um vestido belíssimo — feito de cetim verde brocado. Dorothy pôs um avental verde de seda, amarrou uma fita verde no pescoço de Totó e eles dirigiram-se ao Trono do Grande Oz.

Chegaram primeiro a um grande *hall* em que havia muitas senhoras e cavalheiros, todos com roupas riquíssimas. Essas pessoas nada tinham a fazer senão conversarem umas com as outras, mas todas as manhãs vinham ficar à disposição de Oz,



embora ele nunca lhes permitisse vê-lo. Quando Dorothy entrou, eles a olharam ansiosos e cochicharam:

— É verdade que você vai olhar a face de Oz, o Terrível?

— Claro, se ele quiser me receber — respondeu a menina.

— Ele vai recebê-la — disse o soldado —, embora não goste que as pessoas peçam para vê-lo. E, de fato, a princípio ele se enfureceu e disse-me que eu deveria mandar você para o lugar de onde veio. Depois ele perguntou como você era e, quando falei de seus sapatos de prata, ele ficou muito interessado. Por fim falei-lhe da marca de sua testa e ele se decidiu a recebê-la.

Justo nesse instante a campainha tocou e a jovem verde disse a Dorothy:

— Esse é o sinal. Você deve entrar na Sala do Trono sozinha.

Ela abriu uma portinha e Dorothy entrou resolutamente e achou-se num lugar maravilhoso.

Era uma sala redonda com teto alto e abobadado. As paredes, o teto e o assoalho eram cravejados de grandes esmeraldas. No centro do teto havia uma grande luz, brilhante como o sol, que fazia as esmeraldas brilharem de forma extraordinária.

Mas o que mais despertou a atenção de Dorothy foi o grande trono de mármore verde no centro da sala. Tinha a forma de uma cadeira e brilhava com pedras preciosas, como tudo o mais. No centro da cadeira havia uma Cabeça enorme, sem corpo em que se apoiar, nem braços, nem pernas. Essa cabeça não tinha cabelos, mas tinha olhos, nariz e boca, e era muito maior que a cabeça do maior de todos os gigantes.

Quando Dorothy olhou para aquilo cheia de espanto e pavor, os olhos moveram-se lentamente e lançaram-lhe um olhar duro e cortante. Então a boca moveu-se e Dorothy ouviu uma voz que dizia:

— Sou Oz, o Grande e Terrível. Quem é você e por que me procura?

Não era uma voz terrível, como era de se esperar daquela cabeça enorme. Por isso ela tomou coragem e respondeu:

— Eu sou Dorothy, a pequena e meiga. Vim pedir-lhe ajuda.

Os olhos a olharam pensativamente por um minuto. Então a voz falou:

— Onde você conseguiu esses sapatos de prata?

— Consegui da Bruxa Malvada do Leste, quando minha casa caiu sobre ela e a matou — respondeu a menina.

— Por que você tem essa marca na testa? — continuou a voz.

— Essa marca é o lugar em que a Bruxa Boa do Norte me beijou quando se despediu de mim e me mandou vir procurá-lo — disse Dorothy.

Mais uma vez os olhos lançaram-lhe um olhar penetrante e perceberam que ela dizia a verdade. Então Oz perguntou:

— O que você quer que eu faça?

— Mande-me de volta para o Kansas, para junto de minha tia Ema e do meu tio Henrique — respondeu ela gravemente. — Não gosto de sua terra, embora ela seja tão linda. E tenho certeza de que minha tia Ema está apavorada com minha longa ausência.

Os olhos piscaram três vezes, voltaram-se para o teto, depois para o chão e giraram de forma tão esquisita que pareciam ver todos os cantos da sala. E finalmente voltaram a fitar Dorothy.

— Por que eu faria isso por você? — perguntou Oz.

— Porque você é forte e eu sou fraca, porque você é um grande mágico e eu sou apenas uma menininha desamparada.

— Mas você foi forte o bastante para matar a Bruxa Malvada do Leste — disse Oz.

— Isso aconteceu independentemente de minha vontade — respondeu Dorothy.

— Bem — disse a Cabeça —, vou lhe dar minha resposta. Você não tem o direito de esperar que eu a mande de volta ao Kansas, a menos que você em troca faça algo por mim. Nesta terra todo mundo deve pagar por tudo que obtém. Se você quer que eu use meus poderes mágicos para mandá-la de volta a sua casa, precisa fazer alguma coisa por mim antes. Ajude-me que eu ajudo você.

— Que devo fazer? — perguntou a menina.

— Mate a Bruxa Malvada do Oeste — respondeu Oz.

— Mas eu não posso! — exclamou Dorothy surpresa.

— Você matou a Bruxa do Leste e está usando seus sapatos de prata, que são encantados. Agora só existe uma bruxa má nesta terra e, quando você puder me dar a notícia de que ela foi morta, vou mandá-la de volta ao Kansas... mas antes disso, não.

A menininha começou a chorar de desespero. Os olhos piscaram novamente e olharam a menina inquietos, como se o Grande Oz acreditasse que ela podia ajudá-lo, se quisesse.

— Nunca matei ninguém de propósito — suspirou ela. — E mesmo que eu quisesse, como poderia matar a Bruxa Malvada? Se você, que é grande e terrível, não pode matá-la, como espera que eu o faça?

— Não sei — disse a Cabeça. — Mas esta é a minha resposta. E enquanto a Bruxa Malvada não morrer você não poderá rever seus tios. Lembre-se de que a Bruxa é má, terrivelmente má, e deve ser morta. Agora vá, e não peça para me ver novamente até ter cumprido sua tarefa.

Muito triste, Dorothy saiu da Sala do Trono e voltou para o lugar onde o Leão, o Espantalho e o Homem de Lata a estavam esperando, ansiosos para ouvir o que Oz lhe dissera.

— Para mim não há esperança — disse ela com tristeza. — Oz não vai me mandar para casa, a menos que eu mate a Bruxa Malvada do Oeste. E isso nunca vou conseguir.

Seus amigos sentiram muito, mas não podiam ajudá-la. Então ela foi para o quarto, deitou-se na cama e chorou até dormir.

Na manhã seguinte o soldado foi chamar o Espantalho:

— Venha comigo, Oz mandou chamá-lo.

O Espantalho seguiu-o e entrou na Sala do Trono, onde ele viu uma jovem belíssima sentada no trono de esmeralda. Ela trajava um vestido de seda verde e tinha uma coroa de pedras preciosas sobre os cabelos. De seus ombros nasciam asas de cores deslumbrantes e tão leves que esvoaçavam ao mais leve sopro do vento.

Diante daquela linda criatura, o Espantalho fez uma mesura — a mais graciosa que lhe permitia seu corpo de palha. Ela olhou-o com doçura e disse:

— Sou Oz, o Grande e Terrível. Quem é você e o que quer de mim?

O Espantalho, que esperava ver a grande cabeça de que Dorothy falara, espantou-se, mas respondeu corajosamente:

— Sou apenas um Espantalho, cheio de palha. Portanto, não tenho cérebro e vim aqui para pedir que ponha um cérebro na minha cabeça, para que eu possa tornar-me um homem como qualquer outro que habita seus domínios.

— Por que eu faria isso por você?

— Porque você é sábio e poderoso e ninguém mais pode me ajudar — respondeu o Espantalho.

— Nunca faço favores sem receber algo em troca — disse Oz. — Mas posso lhe prometer uma coisa. Se você matar a Bruxa Malvada do Oeste, vou lhe dotar de um cérebro tão poderoso que você será o homem mais sábio da Terra de Oz.

— Pensei que você tinha pedido a Dorothy que matasse a Bruxa — disse o Espantalho surpreso.

— E pedi mesmo. Não me importa quem vai matá-la. Mas enquanto ela estiver viva, não vou atender seu pedido. Agora vá e não me procure mais até que tenha conquistado o direito de ter um cérebro, que é o seu maior desejo.

O Espantalho voltou muito triste para junto dos amigos e contou-lhes sua conversa com Oz. Dorothy espantou-se ao saber que o Grande Oz não era uma cabeça, como ela o vira, mas uma bela jovem.

— De qualquer maneira, ela também está precisando de um coração, como o Homem de Lata — comentou o Espantalho.

Na manhã seguinte o soldado dirigiu-se ao Homem de Lata:

— Oz mandou chamá-lo. Siga-me.

O Homem de Lata seguiu-o até a Sala do Trono.

Ele não sabia se Oz ia aparecer como uma cabeça ou como uma bela jovem, mas ele esperava que fosse como uma bela jovem.

— Se for a cabeça — disse para si mesmo —, tenho certeza de que não me dará um coração, porque ela também não tem, e por isso não pode sentir nada por mim. Mas, se for uma bela jovem, vou pedir ardorosamente por um coração, pois todos sabem que todas as jovens têm bom coração.

Mas, quando o Homem de Lata entrou na Sala do Trono, não viu nem uma cabeça nem uma jovem, pois Oz assumira a forma da mais terrível fera. Era tão grande quanto um elefante, e o próprio trono verde parecia mal suportar seu peso. A Fera tinha cabeça de rinoceronte, com cinco olhos. Tinha cinco braços compridos e cinco pernas compridas e magras. Todas as partes do corpo eram cobertas de pelos encaracolados e espessos. Não se poderia imaginar um monstro mais terrível. Foi sorte o

Homem de Lata não ter coração, porque este teria batido alto e rápido de terror. Mas como era só de lata, não se amedrontou nem um pouco, embora estivesse decepcionado.

— Sou Oz, o Grande e Terrível — falou a Fera, numa voz que era um grande rugido. — Quem é você e por que me procura?

— Sou o Homem de Lata, por isso não tenho coração e não posso amar. Peço que me dê um coração para que eu possa ser como todo mundo.

— Por que eu faria isso? — perguntou a Fera.

— Porque estou pedindo e porque você é o único que pode atender ao meu pedido — disse o Homem de Lata.

Oz rosnou ao ouvir essas palavras e respondeu asperamente:

— Se você realmente precisa de um coração, deve fazer por merecê-lo.

— Como? — perguntou o Homem de Lata.

— Ajude Dorothy a matar a Bruxa Malvada do Oeste — respondeu a Fera. — Quando a bruxa morrer, venha até mim e eu lhe darei o maior e mais terno coração de toda a Terra de Oz.

Então o Homem de Lata foi obrigado a voltar para junto dos amigos para contar-lhes sobre a terrível fera que vira. Todos se surpreenderam com a grande quantidade de formas que o Grande Mágico podia assumir, e o Leão disse:

— Se ele assumir a forma de uma fera, vou rugir o mais alto que puder para assustá-lo e conseguir o que quero dele. Se ele aparecer como uma bela jovem, penso em pular sobre ela e obrigá-la a satisfazer o meu desejo. E se ele aparecer na forma de uma cabeça gigantesca, vou ficar com o controle da situação: vou fazer a cabeça rolar pela sala até ela me prometer me dar o que desejo. Por isso, fiquem contentes, meus amigos, porque tudo vai dar certo.

Na manhã seguinte o soldado levou o Leão à grande Sala do Trono e ordenou que fosse à presença de Oz.

O Leão passou imediatamente pela porta e, olhando ao redor, viu, para sua surpresa, que diante do trono havia uma bola de fogo, tão ardente e brilhante que seus olhos mal podiam suportar. A princípio ele pensou que Oz se incendiara por acidente e estava queimando. Mas, quando ele tentou aproximar-se, o calor era tão intenso que chamuscou seus bigodes e ele recuou trêmulo para um canto próximo à porta.

Então uma voz calma e baixa veio da bola de fogo e falou assim:
— Sou Oz, o Grande e Terrível. Quem é você e o que quer de mim?

O Leão respondeu:

— Sou o Leão Medroso, que tem medo de tudo. Vim a você para pedir que me dê coragem, de forma que possa me tornar de fato o Rei dos Animais, como todos me chamam.

— Por que eu deveria lhe dar coragem? — perguntou Oz.

— Porque você é o maior de todos os mágicos e o único que pode atender aos meus desejos — respondeu o Leão.

A bola de fogo queimou ainda mais forte por um instante e a voz disse:

— Quando você me trazer provas de que a Bruxa Malvada morreu, vou lhe dar coragem. Mas, enquanto ela estiver viva, você continuará medroso.

O Leão ficou furioso com essa resposta, mas não podia dizer nada. E, enquanto ele ficou parado, observando a bola de fogo, ela ficou tão quente que ele deu as costas e saiu da sala. O Leão ficou contente ao ver que os amigos o esperavam e contou-lhes da terrível entrevista que tivera com o Mágico.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Dorothy com voz triste.

— A única coisa que podemos fazer — respondeu o Leão — é ir à terra dos Winkies, procurar a Bruxa Malvada e destruí-la.

— Mas e se a gente não conseguir? — perguntou a menina.

— Aí não vou ser corajoso nunca — falou o Leão.

— E nunca vou ter cérebro — acrescentou o Espantalho.

— E eu nunca terei um coração — disse o Homem de Lata.

— E eu nunca mais vou ver tia Ema e tio Henrique — disse Dorothy, começando a chorar.

— Cuidado! — gritou a moça verde. — As lágrimas vão cair no seu vestido e vão manchá-lo.

Dorothy enxugou as lágrimas e disse:

— Acho que a gente deve tentar. Mas tenho certeza de que não quero matar ninguém, mesmo que seja para ver tia Ema novamente.

— Vou com você, mas sou medroso demais para matar a Bruxa — disse o Leão.

— Eu também vou — disse o Espantalho. — Mas não vou poder ajudar muito, porque sou muito bobo.

— Não tenho coração para fazer mal nem mesmo a uma Bruxa — observou o Homem de Lata. — Mas, se vocês forem, vou com vocês.

Ficou decidido que partiriam na manhã seguinte, e o Homem de Lata afiou seu machado numa pedra de amolar verde e lubrificou todas as suas juntas. O Espantalho encheu o próprio corpo com palhas novas e Dorothy pintou os olhos dele novamente, para que ele enxergasse melhor. A moça verde, que era muito bondosa com eles, encheu a cestinha de Dorothy com comidas gostosas e amarrou uma sineta no pescoço de Totó com uma fita verde.

Eles foram para a cama cedo, dormiram até o amanhecer e foram acordados pelo canto de um galo verde, que vivia nos fundos do palácio, e pelo cacarejar de uma galinha que acabara de botar um ovo verde.

EM BUSCA DA BRUXA MALVADA



O soldado conduziu-os pelas ruas da Cidade de Esmeralda até o lugar onde morava o Guardião dos Portões. Este abriu o fecho de seus óculos, guardou-os na caixa grande e abriu gentilmente o portão para os nossos amigos.

— Que estrada devemos pegar para encontrar a Bruxa Malvada do Oeste? — perguntou Dorothy.

— Não há estrada — respondeu o Guardião dos Portões. — Ninguém nunca quer ir encontrá-la.

— Como posso chegar até onde ela se encontra, então? — quis saber a menina.

— Isso é fácil — respondeu o homem. — Quando ela souber que vocês estão na terra dos Winkies, ela vai achar vocês e escravizar a todos.

— Talvez não — disse o Espantalho. — Porque pretendemos destruí-la.

— Bom, aí a coisa muda de figura — disse o Guardião dos Portões. — Ninguém a destruiu antes, por isso imaginei que ela podia escravizá-los, como fez com os outros. Mas tenham cuidado, porque ela é brava e malvada e não vai permitir que vocês a destruam. Andem para o Oeste, onde o sol se põe, e vocês certamente vão encontrá-la.

Os amigos agradeceram, despediram-se e tomaram o caminho do Oeste, andando por campos de relva macia salpicados

aqui e ali de margaridas e botões-de-ouro. Dorothy ainda estava usando o lindo vestido de seda que vestira no palácio, mas, agora, para sua surpresa, notou que ele não estava mais verde, mas branco. A fita do pescoço de Totó também perdera a cor verde e estava tão branca quanto o vestido de Dorothy.

A Cidade de Esmeralda logo ficou para trás. À medida que avançavam, o terreno ia ficando cada vez mais acidentado e montanhoso.

Naquele trecho não havia fazendas nem casas, e a estrada não era pavimentada.

À tarde o sol queimava suas faces porque não havia árvores para dar-lhes sombra. Antes do anoitecer, Dorothy, Totó e o Leão estavam cansados. Deitaram na grama para dormir, enquanto o Homem de Lata e o Espantalho montavam guarda.

A Bruxa Malvada do Oeste só tinha um olho, mas ele era tão potente quanto um telescópio e podia ver tudo. Assim, quando ela estava sentada à porta de seu castelo, olhou em volta e viu Dorothy dormindo, com todos os seus amigos ao seu redor. Eles estavam a uma distância muito grande, mas a Bruxa Malvada ficou furiosa de vê-los em sua terra. Então ela tocou um apito de prata que trazia pendurado no pescoço. Imediatamente correu em sua direção um bando de grandes lobos, vindos de todos os cantos. Tinham pernas compridas, olhos duros e dentes afiados.

— Vão até aquelas pessoas e despedacem-nas — disse a Bruxa.

— Você não vai escravizá-los? — perguntou o chefe dos lobos.

— Não. Um é de lata, outro, de palha. Há uma menina e um leão. Nenhum deles serve para trabalhar, portanto façam-nos em pedacinhos.

— Está bem — disse o lobo, e ele partiu a toda velocidade, seguido pelos outros.

Por sorte o Espantalho e o Homem de Lata estavam acordados e ouviram os lobos aproximarem-se.

— Essa briga é minha — disse o Homem de Lata. — Fique atrás de mim que vou espantá-los quando chegarem.

Ele pegou seu machado muito bem afiado e, quando o chefe dos lobos veio, o Homem de Lata levantou o braço e cortou-lhe a cabeça, matando-o. Logo que conseguiu levantar seu machado novamente, veio outro lobo e caiu sob a lâmina afiada da arma do Homem de Lata. Havia quarenta lobos, e por quarenta vezes

um lobo foi morto. Ao final, todos eles jaziam mortos numa pilha na frente do Homem de Lata.

Então ele largou o machado e sentou-se ao lado do Espantalho, que disse:

— Foi uma boa luta, amigo.

Eles esperaram Dorothy acordar. A menininha ficou apavorada quando viu o monte de lobos peludos, mas o Homem de Lata contou-lhe tudo. Ela agradeceu e sentou-se para o café da manhã, depois do que recomeçaram a viagem.

Na mesma manhã a Bruxa Malvada foi à porta do castelo e olhou com seu olho que via a grandes distâncias. Viu todos os seus lobos mortos e os forasteiros, que ainda continuavam em suas terras. Isso a enfureceu ainda mais e ela tocou o apito de prata duas vezes.

Imediatamente um grande bando de corvos voou até ela, numerosos o bastante para escurecer o céu. A Bruxa Malvada disse ao Rei dos Corvos:

— Voem imediatamente até esses forasteiros, arranquem seus olhos a bicadas e estraçalhem-nos.

Os corvos selvagens voaram em grande bando até onde estavam Dorothy e seus companheiros. Quando a menininha os viu chegar, ficou com medo. Mas o Espantalho disse:

— Essa batalha é minha. Deitem-se atrás de mim que vocês estarão protegidos.

Todos deitaram-se no chão menos o Espantalho, que se levantou e abriu bem os braços. E quando os corvos o viram ficaram assustados, como eles sempre ficam quando veem um espantalho, e não ousaram avançar mais. Mas o Rei dos Corvos disse:

— É apenas um homem de palha. Vou arrancar-lhe os olhos.

O Rei dos Corvos voou até o Espantalho e este torceu o seu pescoço, matando-o. Um outro corvo voou até ele e o Espantalho torceu seu pescoço também. Havia quarenta corvos e por quarenta vezes o Espantalho torceu um pescoço, até todos jazerem mortos ao seu lado. Então pediu aos amigos que se levantassem e eles continuaram a viagem.

Quando a Bruxa Malvada olhou novamente e viu os corvos mortos, ficou furiosíssima e tocou seu apito de prata três vezes.

Logo se ouviu um grande zumbido no ar e uma negra nuvem de abelhas veio voando em sua direção.

— Procurem os forasteiros e deem-lhes ferroadas até morrem todos — ordenou a bruxa, e as abelhas foram até onde estavam Dorothy e seus amigos.

Mas o Homem de Lata viu que elas estavam se aproximando e o Espantalho já decidira o que fazer.

— Tirem minha palha e cubram com ela a menina, o cachorro e o Leão — disse o Espantalho — para impedir que as abelhas os piquem.

O Homem de Lata fez isso e, como Dorothy, o Leão e Totó estavam deitados bem juntos, a palha cobriu-os totalmente.

As abelhas vieram e só encontraram o Homem de Lata para picar. Voaram, pois, sobre ele e quebraram seus ferrões na lata sem causar-lhe nenhum mal. Como as abelhas não sobrevivem quando quebram os ferrões, elas morreram e caíram perto do Homem de Lata, formando pequenas pilhas, semelhantes a montinhos de carvão.

Então Dorothy e o Leão levantaram-se e a menina ajudou o Homem de Lata a recolocar a palha do Espantalho, até que ele ficasse como era antes. E eles recomeçaram a viagem mais uma vez.

A Bruxa Malvada ficou tão furiosa quando viu os montinhos de abelhas mortas que bateu os pés no chão, arrancou os cabelos e rillhou os dentes. Depois chamou doze escravos Winkies e deu-lhes espadas afiadas, ordenando-lhes que acabassem com os forasteiros.

Os Winkies não eram corajosos, mas tinham que obedecer. Andaram então até onde estava Dorothy. Nesse momento o Leão deu um grande rugido e pulou sobre eles. Os pobres Winkies ficaram tão apavorados que fugiram a toda velocidade.

Quando eles voltaram ao castelo, a Bruxa Malvada bateu neles com um chicote e mandou-os de volta ao trabalho. Sentou-se depois para pensar no que faria em seguida. Ela não conseguia entender como todos os seus planos para destruir os forasteiros falharam. Mas ela era uma Bruxa tão poderosa quanto má e logo atinou com o que deveria fazer.

Havia em seu armário um Capuz de Ouro cravejado de diamantes e rubis. Esse Capuz de Ouro era encantado. Quem o possuísse poderia chamar três vezes os macacos alados, que obedeceriam a qualquer ordem que lhes fosse dada. Mas ninguém

poderia dar mais que três ordens a essas estranhas criaturas. A Bruxa Malvada já usara por duas vezes os poderes do Capuz. Da primeira vez ela escravizou os Winkies e assumiu o governo da região, com a ajuda dos macacos alados.

A segunda vez foi quando ela lutou contra o próprio Oz, expulsando-o da Terra do Oeste. Também nessa ocasião os macacos alados a ajudaram. Só restava um pedido ao Capuz de Ouro e, por isso, ela não queria recorrer a ele antes de esgotar todos os outros recursos. Mas agora que os lobos ferozes, os corvos selvagens e as abelhas tinham sido dizimados e seus escravos afugentados, só lhe restava uma maneira de destruir Dorothy e seus amigos.

A Bruxa Malvada pegou o Capuz de Ouro do armário e o pôs na cabeça. Apoiou-se, então, na perna esquerda e disse devagar:

— Ep-pe, pep-pe, kak-ke!

Depois se apoiou na perna direita e disse:

— Hil-lo, hol-lo, hel-lo!

Em seguida ela se plantou sobre ambos os pés e gritou:

— Ziz-zy, zuz-zy, zik!

O encanto começou a fazer efeito. O céu escureceu e ouviu-se um ruído surdo no ar. Era o ruflar de inúmeras asas, grandes risadas e gargalhadas. O sol apareceu no céu escuro para mostrar a Bruxa Malvada rodeada por um bando de macacos, cada um com um par de asas nos ombros, imensas e poderosas.

Um deles, bem maior que os outros, parecia ser o chefe. Ele voou até a Bruxa Malvada e disse:

— Você nos chamou pela terceira e última vez. O que você ordena?

— Procure os forasteiros que estão em minha terra e destrua-os a todos, menos o Leão — disse a Bruxa Malvada. — Traga-me essa fera, pois pretendo arreá-la como um cavalo e fazê-la trabalhar.

— Suas ordens serão cumpridas — disse o chefe.

E então, com muito vozerio e com muito barulho, os macacos alados voaram para o lugar onde se encontravam Dorothy e seus amigos.

Alguns macacos pegaram o Homem de Lata e carregaram-no pelo ar até um lugar cheio de rochas pontudas. Ali eles jogaram o

pobre Homem de Lata, que caiu de grande altura sobre as rochas, onde ficou tão avariado que não podia mover-se sem gemer.

Outros macacos pegaram o Espantalho e com suas unhas compridas tiraram toda a palha do seu corpo. Fizeram uma trouxinha com o chapéu, as roupas e os sapatos e jogaram-na no alto de uma árvore.

Os outros macacos envolveram o Leão com cordas, dando muitas voltas em seu corpo, cabeça e pernas, até que ele ficou impossibilitado de morder, dar patadas ou lutar. Depois voaram com ele até o castelo da Bruxa e colocaram-no num pátio com um cercado de ferro tão alto que ele não podia fugir.

Mas eles não puderam fazer nenhum mal a Dorothy. Segurando Totó nos braços, ela ficou olhando o triste destino de seus amigos e pensando que logo chegaria a sua vez. O chefe dos macacos alados voou até ela com seus longos braços peludos e com um riso terrível em sua feia cara. Mas ele viu a marca da Bruxa Boa na sua testa e parou, ordenando aos seus companheiros, através de gestos, que não tocassem nela.

— Não podemos fazer mal a esta menina — disse-lhes. — Ela tem a proteção da Força do Bem, que é maior que a Força do Mal. A única coisa que podemos fazer é carregá-la para o castelo da Bruxa Malvada.

Então, com muito cuidado, pegaram Dorothy nos braços e carregaram-na rapidamente pelo ar até o castelo, onde a deixaram no degrau da entrada principal. O chefe disse à Bruxa:

— Cumprimos todas as suas ordens, até onde nos foi possível. Destruímos o Homem de Lata e o Espantalho, e o Leão está amarrado no pátio. Mas não ousamos fazer mal à menina nem ao cachorro que ela carrega nos braços. Seu poder sobre nós acabou e nunca mais você nos verá.

Então todos os macacos alados, com muitas gargalhadas, vozerio e barulho, levantaram voo e logo desapareceram.

A Bruxa Malvada ficou surpresa e contrariada quando viu a marca na testa de Dorothy, porque sabia que nem os macacos alados nem ela própria poderiam ousar fazer mal à menina. Ela olhou para os pés de Dorothy e, vendo seus sapatos de prata, começou a tremer de medo, porque sabia que eles eram encantados.

A princípio ela pensou em fugir de Dorothy. Mas ela olhou bem nos olhos da menina e percebeu a alma simples que havia por trás deles, e que a menininha não sabia do extraordinário poder que os sapatos de prata lhe conferiam.

Então a Bruxa Malvada riu consigo mesma e pensou:

— Posso escravizá-la, porque ela não sabe como usar sua força. — Então falou para Dorothy com voz áspera: — Venha comigo e preste bem atenção no que vou lhe dizer, senão vou acabar com você como fiz com o Homem de Lata e o Espantalho.

Dorothy seguiu-a através de muitas salas bonitas do seu castelo até chegarem à cozinha, onde a Bruxa ordenou-lhe que lavasse os caldeirões e caçarolas, varresse o chão e não deixasse faltar lenha no fogo.

Dorothy começou a trabalhar docilmente, decidida a aplicar-se bastante no serviço. Ela estava contente porque a Bruxa Malvada não iria matá-la.

Enquanto Dorothy trabalhava duro, a Bruxa pensou em ir ao pátio pôr arreios no Leão. Ela ia ficar muito contente de fazer o Leão puxar sua carruagem toda vez que quisesse sair. Mas, quando abriu o portão, o Leão deu um rugido fortíssimo e saltou em sua direção com tanta fúria que a Bruxa teve medo, fugiu e fechou o portão novamente.

— Não posso pôr arreios em você, mas posso matá-lo de fome — disse a Bruxa ao Leão, por entre as grades do portão. — Vou deixá-lo com fome até você fazer o que eu quero.

Depois disso ela deixou o Leão com fome e todos os dias ao meio-dia vinha até o portão e dizia:

— Você está disposto a se deixar arrear como um cavalo?

O Leão respondia:

— Não. E se você vier aqui vou mordê-la.

O Leão não era obrigado a obedecer à Bruxa, porque, todas as noites, enquanto ela dormia, Dorothy levava comida do armário para ele. Depois de comer, ele deitava em sua cama de palha. Dorothy deitava do seu lado, encostava a cabeça em sua juba macia e eles conversavam sobre seus problemas e pensavam em como fugir. Mas não conseguiam atinar com uma forma de escapar do castelo, porque ele era constantemente guardado pelos Winkies amarelos, escravos

da Bruxa Malvada e medrosos demais para desobedecer a suas ordens.

A menina trabalhava duro o dia inteiro e a Bruxa sempre ameaçava bater-lhe com a mesma sombrinha velha que nunca largava. Mas na verdade ela não ousava bater em Dorothy, por causa da marca na testa. A menina não sabia disso e temia muito por si e por Totó. Certa vez a Bruxa bateu em Totó com a sombrinha e o bravo cachorrinho pulou sobre ela e mordeu-lhe a perna. A Bruxa não sangrou no lugar do ferimento porque ela era tão má que todo o sangue do seu corpo secara havia muitos anos.

A vida de Dorothy ficou muito triste quando ela percebeu que estava cada vez mais difícil voltar para o Kansas e para a tia Ema. Às vezes ela chorava amargamente durante horas, com Totó sentado a seus pés, olhando seu rosto e ganindo tristemente para mostrar o quanto sentia por sua dona. Para Totó não fazia muita diferença estar no Kansas ou na Terra de Oz, contanto que estivesse com Dorothy. Mas ele sabia que a menina se sentia muito infeliz e, por isso, ele também se sentia assim.

A Bruxa Malvada começou a desejar muito ter para si os sapatos de prata que a menina usava. Suas abelhas, corvos e lobos estavam secando em pilhas e ela já usara os poderes mágicos do Capuz de Ouro. Mas, se ela pudesse se apoderar dos sapatos de prata, eles lhe dariam mais poder que tudo que havia perdido. Ela observava Dorothy o tempo todo, para ver se a menina tirava os sapatos, porque pretendia roubá-los. Mas a menina tinha tanto orgulho de seus belos sapatos que nunca os tirava exceto à noite, quando tomava banho. A bruxa tinha muito medo do escuro e não ousava entrar no quarto de Dorothy à noite para roubar-lhe os sapatos, e seu medo de água era ainda maior. Por isso ela nunca se aproximava quando Dorothy estava no banho. A velha Bruxa nunca tomava banho e nunca tocava em água nem deixava que ela a molhasse.

Mas a má criatura era muito esperta e, finalmente, pensou numa artimanha para conseguir o que queria. Ela pôs uma barra de ferro no chão da cozinha e, com seus poderes mágicos, tornou-a invisível aos olhos humanos. Quando Dorothy estava cruzando a cozinha, tropeçou na barra e caiu no chão. Ela não se machucou muito, mas na queda um dos sapatos de prata saiu e, antes que ela pudesse alcançá-lo, a Bruxa pegou-o e o colocou em seus pés grosseiros.

A malvada mulher ficou muito contente com o sucesso do seu plano, pois, enquanto estivesse com um dos sapatos, metade da força de seu encantamento lhe pertencia e Dorothy não poderia usá-la contra ela, a Bruxa, mesmo que soubesse como fazer.

A menina, vendo que perdera um de seus sapatos, ficou com raiva e disse à Bruxa:

— Devolva meu sapato!

— Não, agora ele é meu e não seu — respondeu a Bruxa.

— Você é uma criatura má! — gritou Dorothy. — Você não tem o direito de tomar meu sapato.

— Vou ficar com ele assim mesmo — disse a Bruxa, rindo da menina. — E qualquer dia desses eu tomo o outro.

Dorothy ficou tão furiosa com isso que pegou um balde de água que estava perto e despejou-o sobre a Bruxa, molhando-a da cabeça aos pés.

A Bruxa deu um grande grito de pavor e então, enquanto Dorothy olhava-a assustada, começou a tremer e caiu no chão.

— Veja o que você fez! — gritou ela. — Num minuto vou me dissolver.

— Sinto muito — disse Dorothy, que estava realmente assustada em ver a Bruxa se dissolvendo como açúcar mascavo diante de seus olhos.

— Você não sabia que a água pode me destruir? — perguntou a Bruxa desesperada.

— Claro que não, como eu poderia saber? — respondeu Dorothy.

— Bem, em poucos minutos vou me dissolver inteira e o castelo será seu. Sempre fui má, mas nunca pensei que uma garotinha como você poderia me derreter e acabar com minhas más ações. Veja... aqui vou eu!

Com essas palavras a Bruxa transformou-se numa pasta marrom e informe e começou a se espalhar pelas limpas pranchas do assoalho da cozinha. Vendo que a Bruxa se dissolvera, Dorothy jogou mais um balde de água naquela sujeira. Depois ela varreu tudo para fora, pegou o sapato de prata, a única coisa que restara da velha, limpou-o e secou-o com um pano e pôs nos pés novamente. Então, finalmente livre para fazer o que quisesse, correu para o pátio para dizer ao Leão que a bruxa morrera e que agora eles não eram mais prisioneiros em terra estranha.



O Leão Medroso ficou muito contente em saber que a Bruxa Malvada dissolveu-se com um balde de água. Dorothy abriu o portão de sua prisão e libertou-o. Eles foram juntos ao castelo e a primeira coisa que Dorothy fez foi convocar todos os Winkies e dizer-lhes que não eram mais escravos.

Houve grande júbilo entre os Winkies, pois eles tinham sido obrigados a trabalhar pesado por anos a fio para a Bruxa Malvada, que sempre os tratou com grande crueldade. Eles decretaram feriado naquele dia e decidiram comemorar aquela data daí para frente com festejos e danças.

— Se nossos amigos, o Espantalho e o Homem de Lata, estivessem conosco, eu estaria completamente feliz — disse o Leão.

— Você não acha que podemos resgatá-los? — perguntou a menina ansiosamente.

— Podemos tentar — respondeu o Leão.

Então eles chamaram os Winkies amarelos e pediram-lhes que os ajudassem a resgatar os amigos. Os Winkies disseram que, por Dorothy, teriam o maior prazer em fazer o que estivesse ao seu alcance, pois ela os libertara da escravidão.

Dorothy escolheu entre os Winkies aqueles que pareciam mais sábios e partiram todos juntos. Eles viajaram durante aquele dia e parte do dia seguinte e chegaram à planície pedregosa onde o Homem de Lata jazia todo avariado e amassado.

O machado estava próximo dele, mas a lâmina estava enferrujada e o cabo quebrado.

Os Winkies tomaram-no delicadamente nos braços e levaram-no ao castelo amarelo. No caminho Dorothy derramou algumas lágrimas pelo estado em que se encontrava seu velho amigo, enquanto o Leão fazia uma cara séria e triste. Quando chegaram ao castelo, Dorothy disse aos Winkies:

— Há algum funileiro entre vocês?

— Sim, temos alguns bons funileiros — disseram.

— Então tragam-nos aqui — disse ela.

E, quando os funileiros chegaram trazendo todas as suas ferramentas, ela perguntou:

— Vocês podem desamassar o Homem de Lata, soldar o que for preciso e fazer que fique como antes?

Os funileiros examinaram atentamente o Homem de Lata e responderam que podiam consertá-lo de tal forma que ele ficaria exatamente como era antes. E começaram a trabalhar num dos grandes quartos amarelos do castelo. E trabalharam por três dias e quatro noites, martelando, torcendo, batendo, soldando e polindo as pernas, tronco, cabeça e braços do Homem de Lata, até que ele recuperasse sua antiga forma e suas juntas funcionassem tão bem quanto antes.

Para falar a verdade, o Homem de Lata ficou um pouco manchado, mas os funileiros fizeram um bom trabalho. E, como ele não era vaidoso, não se importou nem um pouco com as manchas.

Quando finalmente ele entrou no quarto de Dorothy e agradeceu por tê-lo salvo, estava tão contente que derramou lágrimas de alegria. E Dorothy teve que enxugar cada uma delas cuidadosamente com seu avental para que as juntas não emperrassem. Ao mesmo tempo que fazia isso, caíam grandes lágrimas de seus próprios olhos, de alegria por ter reencontrado o seu velho amigo — e aquelas lágrimas não precisavam ser enxugadas.

Quanto ao Leão, enxugava suas lágrimas com tanta frequência que a ponta de sua cauda logo ficou encharcada e ele foi obrigado a ir ao pátio secá-la ao sol.

Depois que Dorothy acabou de contar-lhe tudo o que aconteceu, o Homem de Lata falou:

— Se o Espantalho estivesse conosco, eu ficaria completamente feliz.

— Vamos tentar encontrá-lo — disse a menina.

Dorothy chamou os Winkies para ajudá-los e eles andaram durante todo aquele dia e parte do dia seguinte até chegarem à grande árvore em cujos galhos os macacos alados tinham jogado as roupas do Espantalho.

Era uma árvore muito alta e o tronco era tão liso que ninguém conseguia subir por ele. Mas o Homem de Lata falou:

— Vou cortar a árvore e assim poderemos pegar as roupas do Espantalho.

Quando o Homem de Lata estava sendo consertado, outro Winkie, que também era funileiro, tinha feito um cabo de ouro maciço para seu machado para substituir o que se quebrara. Outros poliram a lâmina até tirar toda a ferrugem, deixando-a brilhante como prata. O Homem de Lata começou a cortar a árvore e, dentro de pouco tempo, ela tombou fazendo grande barulho, e as roupas do Espantalho caíram dos galhos e rolaram no chão.

Dorothy pegou as roupas e pediu que os Winkies as levassem para o castelo, onde elas foram recheadas de belas palhas limpas. E lá estava novamente o Espantalho, melhor que nunca, agradecendo e tornando a agradecer por ter sido salvo.

Agora que estavam todos novamente reunidos, Dorothy e seus amigos passaram alguns dias felizes no Castelo Amarelo, onde havia todo conforto. Mas um dia a menina pensou na sua tia Ema e disse:

— A gente precisa voltar até Oz e cobrar o que ele prometeu.

— Sim — disse o Homem de Lata. — Finalmente vou ter meu coração.

— E eu, meu cérebro — disse o Espantalho.

— E eu, minha coragem — disse o Leão.

— E eu vou voltar para o Kansas — gritou Dorothy, batendo palmas. — Vamos amanhã para a Cidade de Esmeralda.

Eles concordaram. No dia seguinte, chamaram todos os Winkies e se despediram deles. Os Winkies ficaram tristes com sua partida. Eles tinham se afeiçoado tanto ao Homem de Lata que lhe pediram para ficar e assumir o governo da Terra Amarela do Oeste.

Vendo que todos estavam determinados a partir, os Winkies deram um colar de ouro a Totó e ao Leão. Deram a Dorothy uma linda pulseira cravejada de diamantes. O Espantalho recebeu uma bengala com cabo de ouro, para evitar que tropeçasse. Ao Homem de Lata eles deram uma lata de óleo, feita de prata, marchetada de ouro e cravejada de pedras preciosas.

Cada um dos viajantes fez um belo discurso de agradecimento, e todos apertaram-se as mãos até doerem os braços.

Dorothy foi até o armário para encher sua cesta com comida para a viagem, e lá ela viu o Capuz de Ouro. Ela o experimentou e viu que lhe servia. A menina nada sabia sobre o encanto do Capuz, mas achou-o bonito e decidiu usá-lo e levar seu boné na cesta.

Prontos para a viagem, começaram a andar rumo à Cidade de Esmeralda. E os Winkies deram três vivas e fizeram muitos votos de felicidade.

OS MACACOS ALADOS



Vocês devem estar lembrados de que não havia estrada e nem mesmo uma vereda que fosse do castelo da Bruxa Malvada até a Cidade de Esmeralda. Quando os quatro viajantes foram em busca da Bruxa, ela os viu chegando e ordenou que os macacos alados os levassem até ela.

Foi muito mais difícil achar o caminho através dos grandes campos de botões-de-ouro e margaridas que quando foram transportados pelos macacos. Evidentemente eles sabiam que deveriam ir em direção ao Leste, rumo ao nascente, e foi isto que fizeram. Mas ao meio-dia, quando o sol estava bem acima de suas cabeças, perderam a noção de onde era Leste e onde era Oeste e, por isso, perderam-se nos grandes campos. Mesmo assim continuaram a andar e à noite a lua apareceu, brilhando intensamente. Deitaram-se, então, entre as perfumadas flores vermelhas e dormiram profundamente até de manhã — todos menos o Espantalho e o Homem de Lata.

Na manhã seguinte o sol estava escondido atrás das nuvens, mas eles continuaram a viagem, como se tivessem absoluta certeza do caminho que estavam fazendo.

— Se andarmos bastante — disse Dorothy —, com certeza chegaremos a algum lugar.

Mas os dias se passavam e a única coisa que eles viam eram os campos de flores vermelhas. O Espantalho começou a reclamar um pouco:

— Com certeza perdemos o caminho e, a menos que o encontrarmos novamente, nunca vou ganhar um cérebro.

— E eu, meu coração — disse o Homem de Lata. — Mal consigo esperar o momento em que vou encontrar Oz e vocês hão de convir que essa viagem é muito longa.

— Sabem — disse o Leão Medroso com um gemido —, não tenho coragem de ficar vagando para sempre, sem chegar a lugar nenhum.

Dorothy fraquejou. Sentou-se na grama e olhou seus companheiros, e eles também sentaram e olharam para ela. E Totó sentiu que, pela primeira vez em sua vida, estava cansado demais para caçar uma borboleta preta que voou perto de sua cabeça. Ele pôs a língua para fora, ofegante, e olhou Dorothy como se para perguntar o que fazer.

— A gente pode chamar os Ratos do Campo — sugeriu ela. — Eles poderiam nos ensinar o caminho da Cidade de Esmeralda.

— Claro que poderiam — gritou o Espantalho. — Por que não pensamos nisso antes?

Dorothy tocou o apito que a Rainha dos Ratos lhe dera e que trazia sempre ao pescoço. Em poucos minutos eles ouviram passos de pequenas patas, e muitos ratinhos cinza vieram correndo até ela. Entre eles, a própria Rainha, que perguntou com sua voz fininha:

— Que posso fazer por vocês, amigos?

— Nós nos perdemos — disse Dorothy. — Você pode nos ensinar o caminho da Cidade de Esmeralda?

— Claro — respondeu a Rainha. — Mas é muito longe daqui. Vocês andaram esse tempo todo na direção contrária. — Então ela notou o Capuz de Ouro e disse: — Por que você não usa os poderes mágicos do Capuz e chama os macacos alados para ajudar? Eles levarão vocês para a cidade de Oz em menos de uma hora.

— Eu não sabia que o Capuz era encantado — respondeu Dorothy surpresa. — Como é que isto funciona?

— Está escrito dentro do Capuz de Ouro — respondeu a Rainha dos Ratos. — Mas, se vocês forem chamar os macacos alados, vamos ter que fugir, porque eles são muito maus e gostam de nos importunar.

— Eles não vão me fazer mal? — perguntou a menina ansiosamente.

— Oh, não. Eles têm que obedecer à pessoa que usa o Capuz. Adeus!

E ela se foi, com todos os ratos atrás dela.

Dorothy olhou dentro do Capuz de Ouro e viu algumas palavras escritas no forro:

— Estas devem ser as palavras mágicas.

Ela leu as instruções e pôs o Capuz na cabeça.

— Ep-pe, pep-pe, kak-ke! — disse ela, apoiando-se no pé esquerdo.

— O que você falou? — perguntou o Espantalho, que não sabia o que ela estava fazendo.

— Hil-lo, hol-lo, hel-lo! — continuou Dorothy, apoiando-se no pé direito.

— Olá! — respondeu o Homem de Lata calmamente.

— Ziz-zy, zuz-zy, zik! — disse Dorothy, agora apoiada em ambos os pés. Com isso acabou a recitação das palavras encantadas e eles ouviram um grande vozerio e bater de asas, quando o bando de macacos alados voou sobre eles. O Rei inclinou-se diante de Dorothy e perguntou:

— O que você ordena?

— Queremos ir para a Cidade de Esmeralda, mas perdemos o caminho — disse a menina.

— Vamos levar vocês até lá — respondeu o Rei. E mal acabou de falar dois macacos pegaram Dorothy nos braços e alçaram voo, carregando-a.

Outros pegaram o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão, e um macaquinho pegou Totó e voou atrás deles, embora o cachorrinho tentasse mordê-lo.

O Espantalho e o Homem de Lata a princípio ficaram assustados, porque lembravam da forma como os macacos alados os maltrataram. Mas logo perceberam que eles não os iriam

maltratar, então deixaram-se levar pelo ar alegremente e divertiram-se olhando os lindos jardins e as matas lá embaixo.

Dorothy achou-se suspensa entre dois dos maiores macacos, e um deles era o próprio Rei. Eles fizeram uma cadeira com as mãos e tinham bastante cuidado para não machucá-la.

— Por que vocês têm que obedecer ao Capuz de Ouro? — perguntou ela.

— É uma longa história — respondeu o Rei com um sorriso. — Mas, como temos um longo caminho pela frente, vou matar o tempo falando sobre isso, se você quiser.

— Será um prazer — respondeu ela.

— Houve um tempo — começou o chefe — em que éramos um povo livre, vivendo feliz numa grande floresta, voando de árvore em árvore, comendo nozes e frutas, fazendo o que queríamos e não chamando ninguém de senhor. Talvez alguns de nós às vezes fossem maus: voavam até o chão para puxar a cauda dos animais sem asas, caçavam passarinhos e jogavam nozes nas pessoas que passavam pela floresta. Mas éramos despreocupados, alegres, engraçados e aproveitávamos cada minuto do dia. Isso foi há muitos anos, bem antes de Oz descer das nuvens para governar esta terra.

Naquela época vivia no Norte uma bela princesa que também era mágica. Todas as suas mágicas eram usadas para beneficiar o povo e nunca se soube que ela tivesse feito mal a alguém que fosse bom. Seu nome era Gayelette e ela vivia num lindo palácio construído de grandes blocos de rubi. Todos a amavam, mas seu maior desgosto era não encontrar ninguém a quem pudesse amar, pois todos os homens eram estúpidos e feios demais para casar com uma pessoa tão linda e tão sábia. Um dia ela encontrou um rapaz belo, corajoso e mais sábio que os de sua idade. Gayelette decidiu que, quando ele crescesse e se tornasse homem, casaria com ele. Gayelette levou-o para o seu palácio e usou todos os seus poderes mágicos para torná-lo forte, bom e amável como toda mulher deseja. Quando atingiu a maioridade, Quelala, como era chamado, era considerado o melhor e mais sábio do país, e sua beleza máscula era tão grande que Gayelette o amava cada dia mais e apressou-se em fazer todos os preparativos para o casamento.

Nessa época meu avô era o Rei dos macacos alados que viviam na floresta próxima ao castelo de Gayelette, e o velho gostava mais de uma boa troça que de um bom jantar. Certo dia, antes do casamento, meu avô estava voando com seu bando quando viu Quelala andando ao longo do rio. Ele trajava uma rica vestimenta de seda rosa e de veludo vermelho e meu avô logo teve uma ideia.

Obedecendo às suas ordens, os macacos pegaram Quelala, carregaram-no nos braços até a altura do leito do rio e deixaram-no cair na água.

— Nade para fora do rio, meu rapaz — gritou meu avô — e veja se a água manchou suas roupas. Quelala era sábio demais para não nadar e sua boa sorte não fizera dele uma pessoa arrogante. Quando ele voltou à superfície da água, riu e nadou até a margem. Mas, quando Gayelette veio ao seu encontro, viu que a água estragara as sedas e os veludos de sua roupa.

A princesa ficou furiosa e sabia, é claro, quem havia feito aquilo. Ela convocou todos os macacos alados à sua presença e disse-lhes que suas asas seriam amarradas e que teriam o mesmo tratamento que Quelala: seriam jogados no rio. Mas meu avô argumentou contra o castigo, pois sabia que os macacos se afogariam se fossem lançados no rio com as asas amarradas. Quelala também falou em favor deles, de forma que Gayelette decidiu poupá-los, com a condição de que eles, daí por diante, realizassem os três desejos do portador do Capuz de Ouro. Esse Capuz seria o presente de casamento de Quelala, e diz-se que ele custou à princesa metade do seu reino. Claro que meu avô e todos os outros macacos concordaram imediatamente com a proposta, e é por isso que somos obrigados a atender, por três vezes, os desejos do dono do Capuz de Ouro, independentemente de quem seja.

— E o que aconteceu com Quelala e a princesa? — perguntou Dorothy, que se interessou bastante pela história.

— Quelala foi o primeiro dono do Capuz de Ouro e, portanto, o primeiro a formular os três desejos. E, como sua noiva não suportasse nos ver, ele nos chamou para a floresta, depois do casamento, e ordenou que ficássemos fora da vista da princesa, o que fizemos com prazer, porque todos tínhamos medo dela.

Essa foi a única coisa que tivemos de fazer até cairmos nas mãos da Bruxa do Oeste, que nos obrigou a escravizar os Winkies e a expulsar o próprio Oz da Terra do Oeste. Agora o Capuz de Ouro é seu, e você pode formular três desejos.

Quando o Rei Macaco acabou sua história, Dorothy olhou para baixo e viu as muralhas verdes e brilhantes da Cidade de Esmeralda. Ela espantou-se com a velocidade dos macacos e ficou contente com o fim da viagem.

As estranhas criaturas deixaram os viajantes diante do portão da cidade, o Rei inclinou-se diante de Dorothy e depois foi-se embora voando, seguido de todo o bando.

— Foi uma boa viagem — disse a menina.

— Sim, nossos problemas ficaram para trás — disse o Leão.

— Que bom que você trouxe o Capuz Mágico!

A DESCOBERTA DE OZ, O TERRÍVEL



Os quatro viajantes andaram até o portão da Cidade de Esmeralda e tocaram a campainha. Depois de vários toques o mesmo Guardião abriu o portão.

— O quê? Vocês já estão de volta? — perguntou surpreso.

— Você não está vendo? — perguntou o Espantalho.

— Mas eu pensei que vocês tivessem ido em busca da Bruxa Malvada do Oeste.

— Nós a visitamos — disse o Espantalho.

— E ela os deixou ir embora? — perguntou o homem admirado.

— Ela não pôde impedir isso, porque se dissolveu — explicou o Espantalho.

— Dissolveu-se! Que boa notícia! — disse o homem. — Quem a dissolveu?

— Foi Dorothy — disse o Leão gravemente.

— Meu Deus! — exclamou o homem, inclinando-se diante dela.

Então ele os levou ao seu quartinho e prendeu os óculos da grande caixa em suas faces, como fizera antes. Em seguida entraram pelo portão na Cidade de Esmeralda. Quando o Guardião dos Portões contou que eles haviam dissolvido a Bruxa Malvada do Oeste, as pessoas rodearam os viajantes e seguiram-nos em grande multidão para o palácio de Oz.

O soldado de bigode verde ainda estava de guarda diante da porta, mas deixou-os entrar imediatamente, e a bela garota verde foi ao encontro deles e levou-os imediatamente a seus quartos, para que pudessem descansar e esperar a hora de serem recebidos por Oz.

O soldado comunicou a Oz que Dorothy e seus companheiros haviam voltado, depois de terem liquidado a Bruxa Malvada. Mas Oz não fez nenhum comentário. Eles pensaram que o Grande Mágico iria chamá-los imediatamente, mas não foi isso que aconteceu.

Eles não tiveram notícias de Oz no dia seguinte, nem no outro, nem no outro. A espera era cansativa, aborrecida e por fim eles ficaram chateados pela forma como Oz os tratava, depois de tê-los mandado suportar dificuldades e até escravidão.

Então o Espantalho pediu à moça verde que levasse outra mensagem a Oz, dizendo que, se ele não os recebesse imediatamente, eles iriam chamar os macacos alados para ajudá-los e para ver se Oz cumpriria ou não as suas promessas. Quando o Mágico recebeu essa mensagem ficou tão assustado que mandou dizer-lhes que os receberia na Sala do Trono às nove horas e quatro minutos da manhã seguinte. Ele já encontrara os macacos alados na Terra do Oeste, e não queria tornar a encontrá-los.

Os quatro viajantes não dormiram à noite, cada um pensando no presente que Oz prometera. Dorothy dormiu só um pouquinho e sonhou que estava no Kansas, onde a tia Ema lhe dizia estar muito contente de tê-la de volta.

Exatamente às nove horas do dia seguinte o soldado de bigode verde chegou, e quatro minutos depois estavam todos na Sala do Trono do Grande Oz.

Todos esperavam que o Mágico se apresentasse com a mesma forma que tinham visto antes, por isso ficaram surpresos ao verem que não havia ninguém na sala. Eles ficaram bem juntos, perto da porta, porque o vazio da sala era mais assustador que qualquer das formas que Oz assumira.

Ouviram, então, uma voz solene, que parecia vir de algum ponto próximo ao centro da abóbada:

— Sou Oz, o Grande e Terrível. Por que vocês me procuram?

Eles tornaram a olhar por todas as partes da sala e, como nada viram, Dorothy perguntou:

— Onde está você?

— Estou em toda parte — respondeu a voz. — Mas para os olhos dos mortais sou invisível. Agora vou sentar-me no trono e vocês poderão conversar comigo.

E, de fato, a voz parecia vir agora do trono. Eles aproximaram-se e ficaram em fila. Dorothy falou:

— Viemos cobrar as promessas que nos fez, Oz.

— Que promessas? — perguntou Oz.

— Você prometeu me mandar de volta ao Kansas quando a Bruxa Malvada fosse morta — disse a menina.

— E você me prometeu um cérebro — falou o Espantalho.

— E a mim, um coração — acrescentou o Homem de Lata.

— E a mim, coragem — disse por fim o Leão Medroso.

— A Bruxa Malvada está mesmo morta? — perguntou a voz, que deu a Dorothy a impressão de estar um pouco trêmula.

— Sim — respondeu ela. — Dissolvi-a com um balde de água.

— Meu Deus! — disse a voz. — Foi tão rápido! Bem, voltem amanhã, pois preciso de tempo para pensar.

— Você já teve tempo demais — respondeu o Homem de Lata enfurecido.

— Não vamos esperar mais um dia — completou o Espantalho.

— Você tem que cumprir suas promessas! — finalizou Dorothy.

O Leão achou que devia assustar o Mágico e deu um rugido alto e longo, tão terrível que Totó fugiu dele com um pulo e bateu contra um biombo que havia num canto. O biombo caiu, fazendo grande barulho. Todos olharam na direção dele e ficaram espantadíssimos. Viram que exatamente no lugar que o biombo escondia havia um homem pequeno e de faces enrugadas que parecia tão surpreso quanto eles. O Homem de Lata levantou o machado para o homenzinho e falou:

— Quem é você?

— Eu sou Oz, o Grande e Terrível — disse o homenzinho com voz trêmula. — Mas não me machuque, por favor, vou fazer tudo o que vocês desejam.

Nossos amigos olharam-no com surpresa e espanto.

— Pensei que Oz era uma cabeça — disse Dorothy.

— E eu, que era um animal feroz — disse o Homem de Lata.
— E eu pensei que Oz era uma bola de fogo — exclamou o Leão.

— Não. Todos se enganaram — respondeu o homem humildemente. — Eu estava fingindo.

— Fingindo! — gritou Dorothy. — Você não é um grande mágico?

— Psst! Não fale tão alto — ele disse — que alguém pode ouvir e eu estaria perdido. Todos imaginam que sou um grande mágico.

— E não é? — perguntou a menina.

— Nem um pouco, minha cara. Sou um homem comum.

— Você é mais que isso — disse o Espantalho irritado. — Você é um impostor.

— Exatamente — declarou o homenzinho, esfregando as mãos como se isso fosse motivo de satisfação. — Sou um impostor.

— Mas isso é terrível — disse o Homem de Lata. — Como vou conseguir meu coração?

— E a minha coragem? — perguntou o Leão.

— E o meu cérebro? — queixou-se o Espantalho, enxugando as lágrimas dos olhos com a manga do casaco.

— Meus caros amigos — disse Oz —, peço-lhes que não falemos dessas ninharias. Pensem em mim e na terrível enrascada em que me encontro.

— Ninguém mais sabe que você é um impostor? — perguntou Dorothy.

— Só vocês quatro e eu mesmo — respondeu Oz. — Eu enganei todo mundo por tanto tempo que achei que nunca seria descoberto. Foi um grande erro deixar vocês entrarem na Sala do Trono. Normalmente não vejo nem meus subordinados e por isso eles imaginam que sou algo terrível.

— Mas não estou entendendo — disse Dorothy admirada. — Como você se apresentou a mim na forma de uma grande cabeça?

— É um dos meus truques — respondeu Oz. — Vamos por aqui que eu vou explicar tudo.

Ele os levou a um quartinho atrás da Sala do Trono. Apontou para um canto no qual jazia uma grande cabeça, feita de muitas camadas de papel e com a cara pintada com todo cuidado.

— Pendurei-a do teto com um arame — disse Oz. — Eu fiquei por trás do biombo e puxei o fio para fazer os olhos se moverem e a boca abrir.

— E a voz? — perguntou Dorothy.

— Sou ventríloquo — disse o homenzinho. — Posso projetar minha voz onde eu quiser. Por isso você pensou que a voz vinha da cabeça. Aqui estão as outras coisas que usei para enganá-los. — Ele mostrou ao Espantalho o vestido e a máscara que usou para parecer a bela jovem; e o Homem de Lata viu que sua horrível fera não passava de um monte de peles, costuradas umas às outras, com estrutura feita de sarrafos. Quanto à bola de fogo, o falso mágico também havia pendurado no teto. Era na verdade uma bola de algodão, mas, quando embebida em óleo, queimava intensamente.

— Você devia era ter vergonha de ser o impostor que é — disse o Espantalho.

— Mas eu tenho vergonha, pode crer que tenho — respondeu o homenzinho com tristeza. — Mas era a única coisa que eu podia fazer. Sentem-se, por favor, há cadeiras para todos. Vou contar-lhes minha história.

Sentaram-se todos e ouviram a seguinte narração:

— Nasci em Omaha...

— Ora, não fica longe do Kansas! — exclamou Dorothy.

— Não. Mas é muito longe daqui — disse ele, abanando a cabeça tristemente. — Quando cresci me tornei ventríloquo e nisso fui muito bem treinado por um mestre. Eu consigo imitar qualquer tipo de pássaro ou animal.

E ele imitou um gatinho tão bem que Totó ficou de orelha em pé, olhando para todos os lados para descobrir onde ele estava.

— Depois de certo tempo — continuou Oz —, cansei daquilo e me tornei balonista.

— O que é isso? — quis saber Dorothy.

— Um homem que vai num balão em dia de circo para chamar as pessoas para o espetáculo — explicou ele.

— Entendo — disse Dorothy.

— Bem, um dia subi num balão e as cordas que o prendiam ao chão rebentaram e não pude descer. Subi, subi até acima das nuvens, tão alto que uma corrente de ar me carregou por milhas

e milhas. Viajei por um dia e uma noite pelo ar e, na manhã do segundo dia, acordei e vi que o balão estava flutuando sobre uma região bela e estranha.

Ele foi descendo aos poucos e não me machuquei. Mas achei-me no meio de um povo que, vendo-me descer das nuvens num balão, pensou que eu era mágico. Claro que deixei que pensassem assim, porque eles tinham medo de mim e me prometeram fazer tudo o que eu quisesse.

Só para me divertir e manter a boa gente ocupada, ordenei que construíssem esta cidade e meu palácio. E eles fizeram tudo com boa vontade e bem. Então pensei que, como a região era tão verde e bela, eu a chamaria de Cidade de Esmeralda. E, para fazer que o nome se adequasse melhor, pus óculos em toda a gente de forma que tudo parecesse verde.

— Mas todas as coisas aqui não são verdes? — perguntou Dorothy.

— Não mais que nas outras cidades — respondeu Oz.

— Mas, quando você usa óculos verdes, tudo o que você vê parece verde. A Cidade de Esmeralda foi construída há muitos anos, pois eu era jovem quando o balão me trouxe para cá, e agora sou um velho. Mas meu povo usou óculos por tanto tempo que muita gente pensa que esta cidade é mesmo de esmeralda, e é certo que o lugar é muito bonito, rico em joias, metais preciosos e tudo que é necessário para fazer as pessoas felizes. Fui bom para o povo, que gosta de mim. Mas, logo que o palácio foi construído, isolei-me e não me deixei mais ver por ninguém.

O que mais me dava medo eram as bruxas, pois, como eu não tinha poderes mágicos, logo descobri que elas eram realmente capazes de fazer encantamentos. Havia quatro bruxas nesta terra, que governavam os povos do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste. Felizmente, as bruxas do Norte e do Sul eram boas e eu sabia que elas não iriam me fazer mal. Mas as bruxas do Leste e do Oeste eram terrivelmente más e, se elas não pensassem que eu era mais poderoso que elas, teriam com certeza me destruído.

Por muito tempo vivi com medo. Por isso vocês podem imaginar o quanto fiquei contente quando soube que sua casa caíra sobre a Bruxa Malvada do Leste. Quando vocês vieram me procurar, eu estava disposto a prometer qualquer coisa, desde que vocês dessem

conta da outra bruxa. Mas, agora que vocês a dissolveram, tenho vergonha de dizer que não posso cumprir minhas promessas.

— Acho que você é um homem muito mau — disse Dorothy.

— Oh, não, minha cara. Na verdade sou um homem muito bom. Mas tenho que admitir que sou um mau mágico.

— Você não pode me dar um cérebro? — perguntou o Espantalho.

— Você não precisa de cérebro. Cada dia você aprende alguma coisa. Um bebê tem cérebro, mas pouco sabe. A experiência é a única coisa que traz conhecimento e, quanto mais tempo você fica na terra, mais você adquire experiência.

— Isso pode ser verdade — disse o Espantalho —, mas vou ficar muito infeliz, a menos que você me dê um cérebro.

O falso mágico olhou-o com atenção.

— Bem — disse ele com um suspiro. — Se você voltar amanhã de manhã, vou colocar um cérebro na sua cabeça. Mas não sei lhe explicar como usá-lo. Você vai ter que descobrir sozinho.

— Oh, obrigado, obrigado! — gritou o Espantalho. — Vou descobrir uma maneira de usá-lo, não se preocupe.

— E quanto a minha coragem? — perguntou o Leão ansiosamente.

— Com certeza você tem bastante coragem. Você só precisa de confiança em si mesmo. Não existe nenhum ser vivo que não tenha medo quando enfrenta o perigo. A verdadeira coragem é enfrentar o perigo mesmo tendo medo, e esse tipo de coragem você tem.

— Talvez eu tenha, mas ainda assim tenho muito medo — disse o Leão. — Vou ficar muito infeliz, a menos que você me dê aquele tipo de coragem que faz esquecer que se tem medo.

— Muito bem, amanhã vou lhe dar esse tipo de coragem — respondeu Oz.

— E o meu coração? — perguntou o Homem de Lata.

— Acho que você está errado em querer um coração — respondeu Oz. — Ele faz a gente infeliz. Se você soubesse... Você tem sorte em não ter coração.

— Isso é uma questão de opinião — disse o Homem de Lata.

— De minha parte, vou suportar toda a infelicidade, sem um lamento, se você me der um coração.

— Muito bem — respondeu Oz humildemente. — Procure-me amanhã e lhe darei um coração. Fiz-me de mágico por tanto tempo que posso continuar a desempenhar essa função um pouco mais.

— E como vou voltar para o Kansas? — perguntou Dorothy.

— Vamos ter que pensar sobre isso — respondeu o homenzinho. — Dê-me dois ou três dias para estudar o assunto e vou tentar descobrir uma forma de levá-la sobre o deserto. Nesse meio-tempo, vocês serão tratados como convidados meus e, enquanto viverem no palácio, meu povo cuidará de vocês e atenderá até ao menor de seus desejos. A única coisa que peço em troca é que mantenham em segredo o fato de que sou um impostor.

Eles concordaram em nada dizer e voltaram para seus quartos muito animados. Até Dorothy tinha esperança de que o “Grande e Terrível Impostor”, como ela o chamava, iria achar uma forma de mandá-la de volta ao Kansas e, se ele o fizesse, ela perdoaria tudo.

A MAGIA DO GRANDE IMPOSTOR



Na manhã seguinte o Espantalho disse a seus amigos:

— Podem me parabenizar. Vou ao grande Oz e finalmente ele vai me dar um cérebro. Quando eu voltar já serei como os outros homens.

— Sempre gostei de você como você é — disse Dorothy com simplicidade.

— É muito gentil de sua parte gostar de um Espantalho — respondeu ele. — Mas com certeza você vai me considerar mais quando ouvir os esplêndidos pensamentos que meu novo cérebro produzirá.

Então ele se despediu dos amigos com grande animação, foi à Sala do Trono e bateu à porta.

— Pode entrar — disse Oz.

O Espantalho entrou e encontrou o homenzinho sentado junto à janela, mergulhado em profunda reflexão.

— Vim buscar o meu cérebro — falou o Espantalho um tanto sem graça.

— Oh, sim. Sente nesta cadeira, por favor. — respondeu Oz. — Desculpe-me por tirar sua cabeça, mas terei que fazer isso para pôr seu cérebro no lugar certo.

— Está bem — disse o Espantalho. — Não tem importância que você tire minha cabeça, desde que ela fique muito melhor quando for recolocada.

O mágico retirou a cabeça do Espantalho e tirou a palha de dentro dela. Foi ao quatinho dos fundos, pegou uma medida de farelo e misturou com muitas agulhas e alfinetes. Depois de misturar tudo muito bem, encheu a parte de cima da cabeça do Espantalho com aquela massa e preencheu o resto do espaço com palha, para mantê-la no lugar. Quando ele recolocou a cabeça do Espantalho, disse-lhe:

— Daqui pra frente você vai ser um grande homem, pois dei-lhe um cérebro de farelos.

O Espantalho estava alegre e orgulhoso com a realização de seu maior desejo. Depois de agradecer a Oz calorosamente, voltou à companhia dos amigos.

Dorothy olhou-o com curiosidade. A parte de cima da cabeça estava completamente inchada com cérebro.

— Como você está se sentindo? — perguntou ela.

— Sinto-me realmente sábio — respondeu ele sério. — Quando me acostumar com meu cérebro vou saber tudo.

— Por que essas agulhas e alfinetes estão saindo de sua cabeça? — perguntou o Homem de Lata.

— Isso é a prova de que o cérebro dele é penetrante — observou o Leão.

— Bem, vou até Oz para receber meu coração — disse o Homem de Lata. Foi até a Sala do Trono e bateu à porta.

— Entre — disse Oz.

O Homem de Lata entrou e disse:

— Vim buscar meu coração.

— Muito bem — disse o homenzinho. — Mas preciso fazer um buraco no seu peito para colocar o coração no lugar certo. Espero que não doa.

— Oh, não — respondeu o Homem de Lata. — Não vou sentir nada.

Oz trouxe uma tesoura própria para cortar metal e fez um buraco quadrado no lado esquerdo do peito do Homem de Lata. Em seguida tirou de uma gaveta um belo coração todo feito de seda e recheado de serragem.

— Não é bonito? — perguntou ele.

— Realmente! — respondeu o Homem de Lata, que estava exultante. — Mas é um coração bom?

— Oh, muito! — respondeu Oz. Ele pôs o coração no peito do Homem de Lata e recolocou o quadrado de lata, soldando-o com cuidado.

— Aí está — disse ele. — Agora você tem um coração de que qualquer um poderia se orgulhar. Sinto pelo remendo que tive de fazer no seu peito, mas não podia ser de outra forma.

— O remendo não importa — exclamou o alegre Homem de Lata. — Sou profundamente grato a você e nunca vou esquecer sua generosidade.

— Ora, esqueça — respondeu Oz.

O Homem de Lata voltou à companhia dos amigos, que lhe desejaram toda a alegria que poderia advir de sua boa sorte.

O Leão dirigiu-se também à Sala do Trono e bateu à porta:

— Entre — disse Oz.

— Vim em busca da minha coragem — falou o Leão, entrando na sala.

— Muito bem, vou dar coragem a você — respondeu o homenzinho.

Ele foi até um armário e pegou de uma prateleira alta uma garrafa verde quadrada. Despejou seu conteúdo num prato verde dourado, lindamente decorado. Colocou-o diante do Leão Medroso, que farejou o líquido como se não gostasse. O mágico disse:

— Beba.

— O que é isso? — quis saber o Leão.

— Bem — respondeu Oz —, se estivesse dentro de você seria coragem. Você sabe muito bem que a coragem está sempre dentro da gente. Assim, isso só pode ser chamado de coragem quando você beber. Por isso, recomendo-lhe que beba o mais rápido possível.

O Leão não hesitou mais e bebeu até esvaziar o prato.

— Como se sente agora? — perguntou Oz.

— Cheio de coragem — respondeu o Leão, voltando em seguida para a companhia dos amigos.

Quando Oz ficou sozinho, sorriu de seu sucesso em dar ao Espantalho, ao Homem de Lata e ao Leão exatamente o que eles queriam.

— Como posso deixar de ser um impostor — disse ele —, se todo mundo fica me pedindo que faça coisas que todos sabem ser impossíveis? Foi fácil fazer o Espantalho, o Leão e o Homem de Lata felizes, porque eles imaginavam que eu poderia fazer qualquer coisa. Mas vai ser mais difícil levar Dorothy de volta ao Kansas e não sei como fazer isso.

COMO O BALÃO SUBIU



Passaram-se três dias sem que Dorothy soubesse nada de Oz. Foram dias muito tristes para a menina, embora todos os seus amigos estivessem felizes e contentes. O Espantalho dizia que havia pensamentos maravilhosos em sua cabeça, mas que não poderia contar pra ninguém, porque só ele os podia entender.

O Homem de Lata andou um pouco e sentiu o coração me-xendo dentro do peito. Ele disse a Dorothy que o coração novo era mais terno que o antigo, de carne. O Leão afirmava que não temia nada no mundo e enfrentaria um exército de homens ou uma dezena de Kalidahs.

Todos do pequeno grupo estavam felizes, exceto Dorothy, que a cada dia sentia mais vontade de voltar ao Kansas.

No quarto dia, para sua grande alegria, Oz mandou chamá-la e, quando ela entrou na Sala do Trono, ele disse animadamente:

— Sente-se, minha querida. Acho que encontrei um meio de tirá-la desta terra.

— E mandar-me de volta para o Kansas? — perguntou ela ansiosa.

— Bom, não tenho muita certeza sobre o Kansas — disse Oz. — Não tenho a mínima ideia sobre em que direção fica. Mas a primeira coisa a fazer é atravessar o deserto e aí será fácil achar o caminho de casa.

— Como vou conseguir cruzar o deserto? — perguntou ela.

— Bem, vou dizer o que acho — disse o homenzinho. — Sabe, cheguei a esta terra num balão. Você também veio pelo ar, carregada por um ciclone. Por isso acho que a melhor maneira de cruzar o deserto vai ser pelo ar. Agora, está totalmente fora do meu alcance produzir um ciclone. Mas andei pensando sobre esse problema e posso fazer um balão.

— Como? — perguntou Dorothy.

— Um balão — respondeu Oz — é feito de seda coberta com cola para reter o ar quente. Ar quente não é tão bom quanto gás, porque se o ar esfriar nós cairemos no deserto e estaremos perdidos.

— Nós?! — exclamou a menina. — Você vai comigo?

— Sim, claro — respondeu Oz. — Estou cansado de ser o impostor que sou. Se eu sáísse desse palácio, logo descobririam que não sou mágico e ficariam aborrecidos comigo por tê-los enganado. Por isso fico o tempo todo trancado nestes quartos e isso é cansativo. Prefiro ir ao Kansas com você e depois voltar para o circo.

— Vou ficar contente de ir com você — disse Dorothy.

— Obrigado — respondeu ele. — Se você me ajudar a costurar as sedas, vamos começar a trabalhar no nosso balão.

Dorothy pegou agulha e linha e, no mesmo ritmo em que Oz cortava as tiras de seda, ela as costurava umas às outras. Vinha primeiro uma tira de seda verde-clara, depois uma tira verde-escura e uma tira esmeralda, porque Oz queria fazer um balão com diferentes tonalidades. Foram necessários três dias para costurar as tiras de seda, mas quando o trabalho terminou eles tinham um grande saco de seda verde com mais de seis metros de comprimento.

Oz passou por dentro dele uma fina camada de cola, para torná-lo impermeável, e depois anunciou que o balão estava pronto.

— Mas precisamos de um cesto para nos carregar — disse ele. Mandou então o soldado de bigode verde pegar um grande cesto de roupas, que ele amarrou com muitas cordas no fundo do balão.

Quando tudo ficou pronto, Oz mandou avisar a seu povo que ia fazer uma visita a um irmão mágico que vivia nas nuvens. A notícia se espalhou rapidamente por toda a cidade e todos vieram ver o maravilhoso espetáculo.

Oz ordenou que o balão fosse levado para a frente do palácio e o povo o olhava com grande curiosidade. O Homem de Lata cortara uma grande pilha de lenha e acendera uma fogueira para que o ar enchesse o saco de seda. O balão foi enchendo aos poucos, até que o cesto apenas roçava o chão.

Oz então entrou no cesto e disse para todo mundo em voz alta:

— Vou fazer uma visita. Enquanto eu estiver fora, o Espantalho governará vocês. Vocês devem obedecê-lo como se fosse a mim.

O balão agora estava puxando forte a corda que o prendia à terra, pois o ar que o enchia era muito quente e isso o fazia muito mais leve que o ar exterior.

— Venha, Dorothy! — gritou o mágico. — Depressa, ou o balão vai embora.

— Não consigo achar Totó em parte alguma — respondeu Dorothy, que não queria deixar seu cachorrinho para trás. Totó fora para o meio da multidão, latindo atrás de um gato, e Dorothy finalmente o achou. Ela o pegou e correu para o balão.

Ela estava a poucos passos dele e Oz estendia os braços para ajudá-los a subir quando — crach! — as cordas rebentaram e o balão subiu sem ela.

— Volte! — gritou a menina. — Quero ir também!

— Não posso voltar, minha cara — gritou Oz do cesto. — Adeus!

— Adeus! — gritou a multidão, e todos os olhos voltaram-se para o mágico que estava dentro do cesto, cada vez mais alto, subindo ao céu.

E foi a última vez que eles viram Oz, o Mágico Maravilhoso. Ele deve ter chegado são e salvo a Omaha, e deve estar lá agora, pelo que sabemos. Mas as pessoas lembravam dele com carinho e diziam umas às outras:

— Oz sempre foi amigo nosso. Quando ele estava aqui, construiu para nós a Cidade de Esmeralda e, agora que foi embora, deixou o Sábio Espantalho para nos governar.

Apesar disso, por muitos dias eles choraram, inconsoláveis, a perda do Maravilhoso Mágico.



Dorothy chorou amargamente quando perdeu as esperanças de voltar ao Kansas. Mas, quando ela pensava sobre tudo o que acontecera, ficava contente por não ter ido no balão, embora também lamentasse a perda de Oz, da mesma forma que seus companheiros.

O Homem de Lata aproximou-se dela e falou:

— Eu seria um ingrato se não lamentasse a perda do homem que me deu um coração amoroso. Eu gostaria de chorar um pouco a partida de Oz. Queria que você fizesse a bondade de enxugar as minhas lágrimas, para que eu não enferruje.

— Com prazer — respondeu ela, e trouxe uma toalha imediatamente.

O Homem de Lata chorou por muitos minutos e ela ia enxugando cada uma das lágrimas. Quando ele terminou, agradeceu-lhe amavelmente e lubrificou-se com o óleo de sua lata cravejada de pedras preciosas, para evitar qualquer problema.

Agora quem governava a Cidade de Esmeralda era o Espantalho e, embora ele não fosse um mágico, as pessoas se orgulhavam dele.

— Não existe nenhuma outra cidade no mundo que seja governada por um homem empalhado — diziam elas. E, pelo que elas sabiam, isso era a pura verdade.

Na manhã seguinte à da partida de Oz, os quatro viajantes encontraram-se na Sala do Trono para conversar. O Espantalho

sentou no grande trono e os outros sentaram-se respeitosamente à sua frente.

— Nossa situação não é tão ruim — disse o novo governante. — Este palácio e a Cidade de Esmeralda nos pertence, e podemos fazer o que quisermos. Quando lembro que há pouco tempo eu estava na estaca do milharal de uma fazenda e que agora governo esta bela cidade, sinto-me satisfeito com minha sorte.

— Eu também estou muito contente com meu coração novo — disse o Homem de Lata. — Isso era a única coisa no mundo que eu gostaria de ter.

— Da minha parte, estou contente de saber que sou tão corajoso quanto qualquer outro animal, se não mais bravo — disse o Leão modestamente.

— Se Dorothy pudesse ficar contente morando na Cidade de Esmeralda — continuou o Espantalho —, poderíamos todos ser felizes juntos.

— Mas não quero viver aqui — falou Dorothy. — Quero ir para o Kansas viver com tia Ema e tio Henrique.

— Bem, o que podemos fazer então? — perguntou o Homem de Lata.

O Espantalho decidiu pensar, e ele pensou tanto que os alfinetes e as agulhas começaram a apontar fora de sua cabeça. Finalmente ele falou:

— Por que não chamamos os macacos alados e lhes pedimos para carregar você por cima do deserto?

— Nunca pensei nisso! — disse Dorothy alegremente. — É isso mesmo. Vou pegar o Capuz de Ouro imediatamente.

Ela levou o Capuz para a Sala do Trono e falou as palavras mágicas, e logo um bando de macacos alados entrou voando pela janela aberta e ficou perto dela.

— É a segunda vez que você nos chama — disse o Rei Macaco, inclinando-se diante da menina. — O que você deseja?

— Quero que você me leve ao Kansas — disse Dorothy.

Mas o Rei Macaco balançou a cabeça:

— Isso é impossível — disse ele. — Nós pertencemos a este lugar e somente a ele. Não podemos deixá-lo. Nunca houve nenhum macaco alado no Kansas e acho que nunca vai haver, porque eles não são de lá. Teremos o maior prazer em

servir você no que estiver ao nosso alcance, mas não podemos cruzar o deserto. Adeus.

E com outra mesura o Rei Macaco abriu as asas e voou janela afora, seguido de seu bando.

Dorothy quase chorou de decepção.

— Usei os poderes do Capuz de Ouro em vão, porque os macacos alados não podem me ajudar.

— Isso é horrível! — disse o bondoso Homem de Lata.

O Espantalho recomeçou a pensar e sua cabeça inchava tão horrivelmente que Dorothy temia que ela explodisse.

— Vamos chamar o soldado de bigode verde e pedir-lhe um conselho — disse ele.

Então o soldado foi convocado à Sala do Trono, onde entrou timidamente, pois Oz nunca lhe permitiu ir além da porta.

— Esta menina — disse o Espantalho ao soldado — quer cruzar o deserto. De que forma ela pode conseguir isso?

— Não sei dizer — respondeu o soldado —, pois ninguém cruzou o deserto a não ser o próprio Oz.

— Não há ninguém que possa me ajudar? — perguntou Dorothy com voz grave.

— Talvez Glinda.

— Quem é Glinda? — perguntou o Espantalho.

— A Bruxa do Sul. Ela é a mais poderosa de todas as bruxas e governa os Quadlings. Além disso, seu castelo fica à beira do deserto, assim ela pode saber como cruzá-lo.

— Glinda é uma bruxa boa, não é? — perguntou a menina.

— Os Quadlings consideram-na muito boa — disse o soldado. — E ela é amável com todos. Ouvi dizer que Glinda é uma mulher bonita, que sabe manter-se jovem apesar dos muitos anos que já viveu.

— Como posso chegar ao seu castelo? — perguntou Dorothy.

— A estrada vai direto para o Sul — respondeu ele. — Mas dizem que é cheia de perigos para os viajantes. Há animais selvagens nas florestas e uma raça de homens esquisitos que não gostam que estrangeiros passem por sua terra. Por isso nenhum dos Quadlings vem para a Cidade de Esmeralda.

O soldado deixou-os e o Espantalho falou:

— Pelo visto, a melhor coisa que Dorothy tem a fazer é ir para a Terra do Sul, apesar dos perigos, e pedir ajuda a Glinda. Porque, claro, se Dorothy ficar aqui, nunca conseguirá voltar para o Kansas.

— Você deve ter pensado outra vez — observou o Homem de Lata.

— Sim — disse o Espantalho.

— Vou com Dorothy — disse o Leão. — Estou cansado desta cidade e tenho saudades da floresta e do campo. Sou um animal selvagem, vocês sabem. Além do mais, Dorothy precisa de alguém para protegê-la.

— Isso é verdade — concordou o Homem de Lata. — Meu machado estará a seu serviço. Eu também vou com ela à Terra do Sul.

— Quando partimos? — perguntou o Espantalho.

— Você também vai? — disseram todos, surpresos.

— Sim. Se não fosse Dorothy, eu nunca teria conseguido meu cérebro. Ela me tirou da estaca do milharal e me trouxe para a Cidade de Esmeralda. Por isso devo-lhe toda a minha boa sorte e nunca vou me separar dela até que volte definitivamente para o Kansas.

— Obrigada — disse Dorothy agradecida. — Vocês são muito bons comigo. Mas eu preciso partir o mais rápido possível.

— Partiremos amanhã de manhã — respondeu o Espantalho. — Vamos nos preparar, pois será uma longa viagem.

ATACADOS PELAS ÁRVORES BRIGUINTAS



Na manhã seguinte Dorothy deu um beijo de despedida na jovem bonita e todos apertaram a mão do soldado de bigode verde. A jovem e o soldado os acompanharam até o portão. Quando o Guardiã dos Portões os viu novamente, estranhou que eles pudessem sair da bela cidade mais uma vez para arranjar mais problemas. Mas imediatamente ele tirou os óculos dos viajantes, colocou-os na caixa verde e desejou-lhes boa sorte.

— Agora você é nosso governante — disse ele ao Espantalho.
— Você deve, pois, voltar o mais rápido possível.

— Com certeza voltarei logo que puder — respondeu o Espantalho. — Mas primeiro tenho que ajudar Dorothy a voltar para casa.

Quando Dorothy se despediu do Guardiã dos Portões, disse:

— Fui muito bem tratada em sua encantadora cidade e todo mundo foi muito gentil comigo. Nem sei dizer o quanto sou grata a vocês.

— Não tente dizer, minha cara — respondeu ele. — Gostaríamos que ficasse conosco, mas, se o seu desejo é voltar para o Kansas, espero que você ache o caminho.

Então ele abriu o portão que dava para fora da cidade, o grupo passou por ele e começou a viagem.

O sol brilhava intensamente quando nossos amigos voltaram suas faces para a Terra do Sul. Todos estavam muito animados,

riam e tagarelavam. Dorothy novamente encheu-se de esperança de voltar para casa, e o Espantalho e o Homem de Lata estavam contentes de poder ajudá-la. Quanto ao Leão, farejava o ar fresco deliciado e balançava a cauda de pura alegria por estar de volta ao campo, enquanto Totó corria em volta deles e caçava mariposas e borboletas, latindo alegremente todo o tempo.

— A vida na cidade não é pra mim — comentou o Leão, enquanto andavam a passos rápidos. — Perdi muito peso desde que fui para lá, e agora estou ansioso por uma chance para mostrar aos outros animais como fiquei corajoso.

Então eles se voltaram e lançaram um último olhar à Cidade de Esmeralda. Tudo o que conseguiram ver foi um amontoado de torres e campanários por trás das muralhas verdes e, destacando-se de tudo o mais, os pináculos e a abóbada do Palácio de Oz.

— Pensando bem, Oz não era um mágico tão ruim assim — disse o Homem de Lata, sentindo o coração chacoalhando no peito.

— Ele teve poderes para me dar um cérebro — disse o Espantalho.

— Se Oz tivesse tomado a mesma dose de coragem que me deu, seria um homem corajoso — disse o Leão.

Dorothy não falou nada. Oz não cumpriu a promessa que lhe fizera, mas fez o melhor que pôde, e ela o perdoou. Como ele mesmo dizia, era um homem bom, ainda que fosse um mau mágico.

O primeiro dia de viagem foi pelos verdes campos floridos que se espalhavam em toda a volta da Cidade de Esmeralda. Naquela noite eles dormiram na grama e descansaram bastante.

Pela manhã andaram até chegar a uma mata cerrada. Não havia meio de contorná-la, pois ela parecia estender-se à direita e à esquerda até onde a vista alcançava. Além disso, eles não ousavam mudar o rumo de sua viagem, porque temiam perder-se. Então, procuraram um lugar que desse acesso mais fácil ao interior da floresta.

O Espantalho, que ia na frente, finalmente descobriu uma grande árvore com galhos tão compridos que fornecia abrigo suficiente para todo o grupo durante a noite. Então ele andou até a árvore e, no exato momento em que ficou sob os primeiros galhos, estes inclinaram-se para baixo, envolveram-no e, no

minuto seguinte, foi levantado do chão e jogado de cabeça entre os seus companheiros.

O Espantalho não se machucou, mas ficou muito surpreso e parecia estar tonto quando Dorothy o levantou do chão.

— Há outro espaço entre as árvores — disse o Leão.

— Deixe-me tentar primeiro — disse o Espantalho —, porque eu não me machuco quando sou jogado no chão. Enquanto falava, andou até outra árvore, mas seus galhos imediatamente seguraram-no e jogaram-no no chão.

— Isso é estranho — exclamou Dorothy. — O que vamos fazer?

— As árvores parecem decididas a lutar contra nós e interromper nossa viagem — observou o Leão.

— Acho que eu vou tentar — disse o Homem de Lata. E pondo o machado no ombro foi até a primeira árvore que jogara o Espantalho no chão de forma tão brutal. Quando um galho grande inclinou-se para pegar o Homem de Lata, ele golpeou-o com tanta força que partiu-o em dois. Imediatamente a árvore começou a balançar todos os galhos, como se sentisse dor, e o Homem de Lata passou ileso sob seus galhos.

— Venham! — gritou ele para os outros. — Rápido!

Todos correram e passaram sob a árvore sem problema, exceto Totó, que foi pego por um galhinho. Este o sacudiu tanto que o cachorrinho começou a latir. Mas o Homem de Lata cortou o galho e libertou Totó.

As outras árvores da floresta nada fizeram para expulsá-los, então eles imaginaram que só as árvores da primeira fileira podiam inclinar os galhos para baixo e que, provavelmente, elas eram as guardiãs da floresta, com o extraordinário poder de afastar os forasteiros.

Os quatro viajantes andaram com facilidade entre as árvores até chegarem ao fim da floresta. Para sua surpresa, acharam-se diante de um muro alto que parecia feito de porcelana branca. Era liso como a superfície de um prato e mais alto que suas cabeças.

— Vou fazer uma escada — disse o Homem de Lata —, porque a gente vai precisar subir no muro.

A GRACIOSA CIDADE DE PORCELANA



Enquanto o Homem de Lata estava fazendo uma escada com a madeira da floresta, Dorothy deitou e dormiu, porque estava cansada da longa caminhada. O Leão também se ajeitou para dormir e Totó deitou-se ao seu lado.

O Espantalho, que observava o trabalho do Homem de Lata, disse-lhe:

— Não consigo entender por que existe este muro aqui, nem de que é feito.

— Descanse seu cérebro e não se preocupe com o muro — respondeu o Homem de Lata. — Quando subirmos nele vamos descobrir o que há do outro lado.

Depois de certo tempo a escada ficou pronta. Era meio tosca, mas o Homem de Lata garantiu que serviria para o que eles queriam. O Espantalho acordou Dorothy, o Leão e Totó e disse-lhes que a escada já estava pronta. Ele subiu primeiro, mas era tão desajeitado que Dorothy teve que subir bem atrás dele para evitar que caísse. Quando ele pôs a cabeça um pouco acima do muro, gritou:

— Meu Deus!

— Continue — exclamou Dorothy.

Então o Espantalho subiu mais um pouco, sentou no alto do muro e Dorothy levantou a cabeça acima do muro e gritou:

— Meu Deus!

Totó subiu em seguida e começou a latir, mas Dorothy mandou que ele se calasse.

Depois foi a vez do Leão e por fim veio o Homem de Lata. Ambos gritaram “Meu Deus!” quando olharam por cima do muro. Quando todos estavam sentados enfileirados no alto do muro, olharam para baixo e viram uma estranha paisagem.

Diante deles havia uma vasta extensão de terra pavimentada, branca e brilhante como o fundo de uma travessa. Espalhadas em volta havia muitas casas feitas de porcelana pintada de cores brilhantes. Eram casas bem pequenas. As maiores chegavam apenas à cintura de Dorothy. Havia também pequenos celeiros, com cercas de porcelana; e vacas, ovelhas, cavalos, porcos e galinhas, todos também de porcelana. Havia também pastoras e leiteiras com vestidos coloridos com bolinhas douradas. E princesas com esplêndidos mantos de prata, ouro e púrpura. E pastores vestidos com calções com listras cor-de-rosa, amarelas e azuis e fivelas de ouro nos sapatos. E príncipes com coroas cobertas de joias, trajes de arminho e casacos de cetim. E palhaços engraçados com roupas bufantes, manchas vermelhas nos rostos e chapéus pontudos na cabeça. E, o que era mais esquisito, essas pessoas eram de porcelana, inclusive as roupas, e tão pequenas que a maior delas não passava da altura dos joelhos de Dorothy.

A princípio ninguém olhou para eles, exceto um cachorrinho de porcelana com uma cabeça enorme, que veio até o muro, deu uns latidos fracos para eles e depois foi embora.

— Como vamos descer? — perguntou Dorothy.

A escada era tão pesada que eles não puderam levá-la. O Espantalho pulou do muro e os outros pularam em cima dele para não se machucarem no chão duro. Eles tiveram o cuidado de não pular em sua cabeça para não espetarem os pés nos alfinetes. Quando estavam no chão, pegaram o Espantalho, cujo corpo estava todo amassado, e com tapinhas fizeram que voltasse à sua forma normal.

— Precisamos atravessar esse lugar estranho para chegar ao outro lado — disse Dorothy. — Porque seria insensato ir em outra direção que não a do Sul.

Começaram a atravessar a terra de porcelana, e a primeira coisa que encontraram foi uma leiteira de porcelana ordenhando uma vaca também de porcelana. Quando se aproximaram a vaca deu um coice no banquinho, no balde e na própria leiteira, que caíram no chão de porcelana fazendo grande barulho.

Dorothy ficou chocada ao ver que a vaca quebrara a perna esquerda e que o balde fizera-se em pedacinhos, ao passo que a pobre leiteira ficou com uma rachadura no cotovelo esquerdo.

— Aí está — gritou a leiteira enfurecida. — Vejam só o que vocês fizeram! Minha vaca quebrou a perna e vou ter que levá-la à oficina para colar. Por que vocês vieram aqui espantar minha vaca?

— Sinto muito — respondeu Dorothy. — Perdoe-nos, por favor.

Mas a linda leiteira estava aborrecida demais para responder. Ela pegou a perna quebrada e saiu furiosa puxando sua vaca. O pobre animal pulava em três pernas. Enquanto se afastava, a leiteira lançou por sobre os ombros muitos olhares de reprovação aos indelicados forasteiros, mantendo o cotovelo ferido bem junto ao corpo.

Dorothy ficou muito triste com esse acidente.

— Precisamos ter muito cuidado aqui — disse o bondoso Homem de Lata. — Senão vamos machucar essa gente bonita e pequenina de forma irremediável.

Um pouco mais adiante Dorothy encontrou uma jovem princesa com roupas maravilhosas. Ao ver o grupo, a princesa parou imediatamente e em seguida disparou a correr.

Dorothy queria ver a princesa melhor e correu atrás dela. Mas a moça de porcelana gritou:

— Não corra atrás de mim! Não corra!

Sua voz parecia tão assustada que Dorothy parou e disse:

— Por quê?

— Porque — respondeu a princesa, que também tinha parado a uma boa distância — se eu correr posso me quebrar.

— Mas não pode ser consertada? — perguntou a menina.

— Sim. Mas a gente não fica bonita como antes do conserto — respondeu a princesa.

— Acho que você tem razão — disse Dorothy.

— O senhor Gozador, um dos nossos palhaços — continuou a princesa de porcelana —, está sempre tentando equilibrar-se sobre a própria cabeça. Já se quebrou tantas vezes que está remendado em cem lugares diferentes, o que não é nada bonito. Ele está vindo aqui e você vai ver.

E, de fato, um divertido palhacinho vinha andando em sua direção, e Dorothy pôde ver que, apesar de suas belas roupas vermelhas, amarelas e verdes, seu corpo era coberto de fendas que revelavam os inúmeros consertos que sofrera.

O palhaço pôs as mãos nos bolsos e, depois de encher as bochechas de ar e bufar, começou a falar, balançando a cabeça insolentemente:

— Minha bela senhora
Que olhas de cima
Com pouco respeito,
És dura e altiva
Como se tivesses
Comido um espeto.

— Pare com isso — disse a princesa. — Você não está vendo que são estrangeiros e merecem ser tratados com respeito?

— Bem, isto é uma prova de respeito, espero — declarou o palhaço, e imediatamente equilibrou-se sobre a cabeça.

— Não ligue para o senhor Gozador — disse a princesa a Dorothy. — Ele quebrou tantas vezes a cabeça que ficou meio louco.

— Não me incomodo com ele nem um pouco — disse Dorothy. — Mas você é tão bonita que eu poderia vir a gostar muito de você. Não gostaria que eu a levasse para o Kansas e a colocasse na prateleira de tia Ema? Eu a carregaria na minha cesta.

— Eu ficaria muito infeliz — respondeu a princesa de porcelana. — Sabe, aqui em nossa terra vivemos contentes e podemos falar e andar o quanto quisermos. Mas, quando qualquer um de nós é tirado daqui, as articulações endurecem e a única coisa que se pode fazer é ficar ereto e servir de enfeite. É claro que é isso mesmo que se espera de nós quando estamos em prateleiras, armários e salas de visitas, mas somos muito mais felizes aqui em nossa terra.

— Eu não gostaria de fazer você infeliz por nada deste mundo!
— exclamou Dorothy. — Então me despeço de você: adeus!
— Adeus — disse a princesa.

Continuaram a andar, com muito cuidado, pela terra de porcelana. Os animaizinhos e todas as pessoas fugiam do seu caminho, com medo que eles os quebrassem, e depois de uma hora mais ou menos os viajantes tinham atravessado aquela terra e chegado a outro muro de porcelana.

Não era, porém, tão alto quanto o primeiro, e subindo nas costas do Leão conseguiram chegar até o topo. Então o Leão saltou sobre o muro. No salto, atingiu com a cauda uma igreja de porcelana e fê-la em pedacinhos.

— Isto é horrível! — exclamou Dorothy. — Mas acho que tivemos sorte de não ter feito mais estragos nesta terra: quebramos apenas a perna de uma vaca e uma igreja. Eles são tão frágeis!

— São mesmo — disse o Espantalho —, e tenho sorte em ser de palha e não poder me quebrar. Existem coisas piores no mundo que ser um Espantalho.

O LEÃO SE TORNA O REI DOS ANIMAIS



Depois de descer do muro de porcelana, os viajantes encontraram-se numa terra inóspita, cheia de charcos e pântanos cobertos de capim alto e cerrado. Era difícil andar sem cair em buracos enlameados, porque o capim era tão alto que os escondia. Contudo, andando com cuidado, conseguiram passar a salvo e chegar a solo firme. Mas aqui a terra parecia mais selvagem que nunca e, depois de uma caminhada longa e cansativa através dos arbustos, entraram em outra floresta, onde as árvores eram maiores e mais velhas que quaisquer outras que eles tinham visto.

— Essa floresta é uma maravilha — disse o Leão, olhando em volta todo contente. — Nunca vi lugar mais bonito que este.

— Ela é meio sombria — disse o Espantalho.

— Não é nem um pouco — respondeu o Leão. — Gostaria de passar toda a minha vida aqui. Veja como as folhas secas sob nossos pés são macias e como é verde e abundante o musgo que pende daquelas velhas árvores. Posso garantir que nenhum animal selvagem poderia querer um lugar melhor que este.

— Talvez existam animais selvagens na floresta agora — disse Dorothy.

— Acho que sim — respondeu o Leão. — Mas não consigo ver nenhum.

Eles andaram através da floresta até que ficou muito escuro e não puderam avançar mais. Dorothy e o Leão deitaram-se para

dormir, enquanto o Homem de Lata e o Espantalho montavam guarda, como de costume.

Quando amanheceu, eles continuaram a viagem. Mal tinham começado a andar ouviram um ruído surdo, como o rugir de muitos animais selvagens. Totó gemeu um pouco, mas ninguém mais ficou com medo e continuaram a andar pela trilha até chegarem a uma clareira onde se reuniam centenas de animais de todos os tipos. Havia tigres, elefantes, lobos, ursos, raposas. Por um momento Dorothy teve medo. Mas o Leão explicou que os animais estavam fazendo uma reunião e que, a julgar pelos rugidos e rosados, eles estavam muito perturbados.

Quando o Leão falou, muitos animais o viram e imediatamente a grande assembleia se dissolveu, como por encanto. O maior dos tigres veio até o Leão e inclinou-se, dizendo:

— Seja bem-vindo, Rei dos Animais! Você chegou em boa hora para lutar contra nosso inimigo e trazer de volta a paz para a floresta.

— Qual é o problema? — perguntou o Leão calmamente.

— Todos estamos ameaçados por um feroz inimigo que chegou recentemente a esta floresta. É um monstro terrível, parecido com uma aranha gigantesca, do tamanho de um elefante e com pernas semelhantes a troncos de árvores. Ele tem oito dessas pernas. Quando ele anda pela floresta, pega um animal pela perna e leva-o à boca e o come da mesma forma que uma aranha come uma mosca. Nenhum de nós está a salvo enquanto viver essa criatura, por isso convocamos uma reunião para decidir como nos proteger. Foi então que você chegou.

O Leão ficou pensando um pouco.

— Há outros leões na floresta? — perguntou ele.

— Não. Havia alguns, mas o monstro comeu todos. E nenhum deles era tão grande e corajoso quanto você.

— Se eu liquidar o inimigo, vocês vão se inclinar diante de mim e me obedecer como Rei da Floresta? — perguntou o Leão.

— Com muito prazer — respondeu o tigre. E todos os outros animais deram um grande rugido:

— Nós o faremos!

— Onde está agora essa aranha gigante? — perguntou o Leão.

— Lá, entre os carvalhos — disse o tigre, apontando com uma pata dianteira.

— Cuidem bem desses meus amigos — disse o Leão. — Vou imediatamente lutar contra o monstro.

Ele se despediu dos amigos e andou orgulhosamente rumo à batalha.

A grande aranha estava dormindo quando o Leão a encontrou. Era tão feia que ele torceu o focinho de repugnância. As pernas eram compridas como o tigre dissera e o corpo coberto de pelo escuro e áspero. Tinha uma boca enorme, com uma fileira de dentes afiados, com uns trinta centímetros de comprimento. Mas a cabeça unia-se ao corpo atarracado por um pescoço fino como a cintura de uma vespa. Isso deu ao Leão uma ideia sobre a melhor forma de atacar a criatura. Como era mais fácil atacar enquanto o inimigo dormia, o Leão deu um grande salto e caiu em cima do monstro. Depois, com um golpe de sua pesada pata, cheia de garras afiadas, arrancou a cabeça da aranha. Com um salto, desceu e ficou observando, até as longas pernas pararem de mexer. Viu, então, que estava morta.

O Leão voltou à clareira onde os animais da floresta o esperavam e disse orgulhosamente:

— Vocês não precisam mais temer o inimigo.

Os animais inclinaram-se diante do Leão, reconhecendo nele seu rei, e ele prometeu voltar para assumir seu reinado tão logo Dorothy estivesse a caminho do Kansas.



A TERRA DOS QUADLINGS



Os quatro viajantes atravessaram em segurança o resto da floresta e, quando saíram de suas sombras, viram-se diante de um morro íngreme, coberto de alto a baixo com grandes blocos de rocha.

— Vai ser difícil escalar — disse o Espantalho.

— Mas temos que passar por esse morro de qualquer forma.

Então ele tomou a dianteira e os outros o seguiram. Estavam quase chegando à primeira rocha quando ouviram uma voz grossa gritar:

— Para trás!

— Quem é você? — perguntou o Espantalho. Então uma cabeça apontou por trás da rocha e ouviu-se a mesma voz falar:

— Esse morro é nosso e não permitimos que ninguém passe por ele.

— Mas precisamos passar — disse o Espantalho. — Vamos à terra dos Quadlings.

— Mas vocês não passarão! — replicou a voz. E de trás da rocha saiu o homem mais estranho que eles tinham visto. Era pequeno e atarracado, tinha a cabeça grande, chata na parte de cima, plantada no pescoço grosso cheio de rugas. Mas ele não tinha braços. Vendo isto, o Espantalho achou

improvável que uma pessoa tão desarmada os impedisse de subir o morro. Falou, então:

— Sinto muito não fazer como você quer, mas precisamos passar por seu morro quer você queira, quer não — e avançou resolutamente.

Rápida como um raio, a cabeça do homem pulou para a frente e o pescoço esticou até que a parte de cima da cabeça, que era chata, atingiu o Espantalho. Este veio caindo morro abaixo. Quase com a mesma rapidez, a cabeça voltou ao corpo e o homem deu um riso e disse:

— Não é tão fácil como você imagina!

Um coro de gargalhadas veio das outras rochas e Dorothy viu centenas de Cabeças-de-Martelo, todas sem braços, na encosta do morro, uma atrás de cada rocha.

O Leão ficou furioso com as gargalhadas provocadas pela queda do Espantalho e, dando um grande rugido que ecoou como um trovão, lançou-se morro acima.

Novamente uma cabeça golpeou o Leão, que rolou morro abaixo como se tivesse sido atingido por uma bala de canhão.

Dorothy correu para ajudar o Espantalho a levantar-se e o Leão veio até ela, machucado e triste, e disse:

— Não adianta lutar contra essa gente de cabeça de martelo. Ninguém consegue enfrentá-la.

— Que vamos fazer? — perguntou ela.

— Chamar os macacos alados — sugeriu o Homem de Lata. — Você tem o direito de fazer mais um pedido.

— Muito bem — respondeu ela, colocando o Capuz de Ouro e pronunciando as palavras mágicas. Os macacos vieram tão rápido quanto das outras vezes e em pouco tempo todo o bando estava diante dela.

— O que ordena? — perguntou o Rei dos Macacos, inclinándose diante dela.

— Carregue-nos por cima do morro até a terra dos Quadlings — respondeu a menina.

— Assim o faremos — disse o rei, e imediatamente os macacos alados pegaram os quatro viajantes e Totó e carregaram-nos pelo ar. Quando passaram por cima do morro, os Cabeças-de-Martelo berraram enfurecidos e atiraram as

cabeças para cima, mas não conseguiram atingir os macacos alados, que deixaram os quatro na bela terra dos Quadlings.

— Esta foi a última ordem a que você tinha direito — disse o chefe a Dorothy.

— Adeus, e muito obrigada — disse a menina.

Os macacos alçaram voo e desapareceram num piscar de olhos.

A terra dos Quadlings aparentava ser rica e feliz. Havia campos e mais campos de cereais amadurando, cortados por estradas bem pavimentadas e belos e murmurantes riachos atravessados por pontes seguras. As cercas, casas e pontes eram todas vermelhas, da mesma forma que na terra dos Winkies eram amarelas e na terra dos Munchkins eram azuis. Os próprios Quadlings, pequenos e gordos, bonachões e bem-humorados, vestiam roupas vermelhas que se destacavam contra o fundo de grama verde e o campo de cereais, já com tonalidades amarelas.

Os macacos deixaram-nos perto de uma casa de fazenda e os quatro viajantes foram até lá e bateram à porta. A mulher do fazendeiro atendeu e, quando Dorothy pediu comida, ela lhe ofereceu uma boa refeição com três tipos de bolo e quatro tipos de biscoito e uma tigela de leite para Totó.

— Qual a distância daqui ao castelo de Glinda? — perguntou a menina.

— Não é muito longe — respondeu a mulher do fazendeiro. — Siga pela estrada que vai para o Sul, e logo chegarão lá.

Depois de agradecerem à mulher, continuaram a viagem com novo ânimo, atravessando os campos e as belas pontes até chegarem diante de um lindo castelo. Diante dos portões havia três jovens trajando belos uniformes vermelhos enfeitados com fitas vermelhas. Quando Dorothy se aproximou, uma delas perguntou:

— Por que vocês vieram para a Terra do Sul?

— Para falar com a Bruxa Boa que reina aqui — respondeu a menina. — Você nos leva até ela?

— Digam-me seus nomes e eu vou perguntar a Glinda se ela pode recebê-los.

Eles disseram quem eram e a guarda entrou no castelo. Daí a algum tempo ela voltou e disse que Dorothy e os outros iam ser recebidos naquele mesmo instante.

GLINDA ATENDE AO PEDIDO DE DOROTHY



Antes de irem ver Glinda, porém, foram conduzidos a um aposento do castelo, onde Dorothy lavou o rosto e penteou o cabelo, o Leão sacudiu a poeira da juba, o Espantalho ajeitou as palhas do corpo da melhor maneira possível e o Homem de Lata poliu seu corpo e pôs óleo nas juntas.

Quando todos estavam apresentáveis, seguiram a guarda até a grande sala onde a bruxa Glinda os esperava num trono de rubis.

Ela lhes pareceu bela e jovem. Seus cabelos eram de um vermelho vivo e caíam em cascatas aneladas sobre os ombros. Seu vestido era branco e os olhos, azuis. Ela olhou carinhosamente para a menina.

— Que posso fazer por você, minha filha? — perguntou ela.

Dorothy contou à bruxa toda a sua história: como o ciclone a levava à Terra de Oz, como achara seus companheiros e as extraordinárias aventuras que viveram.

— Meu maior desejo agora — acrescentou ela — é voltar para o Kansas, porque certamente minha tia Ema está pensando que aconteceu alguma coisa terrível comigo, o que a fará usar luto; e, a menos que a colheita deste ano tenha sido melhor que a do ano passado, tenho certeza que o tio Henrique não vai ter dinheiro para isso.

Glinda inclinou-se e beijou o suave rosto da menina.

— Graças ao seu bondoso coração vou poder ensinar-lhe o caminho do Kansas. — E acrescentou: — Mas, em troca, quero que você me dê o Capuz de Ouro.

— Combinado! — exclamou Dorothy. — Na verdade, ele não serve mais para mim mesmo! Quando ele for seu, você pode fazer três pedidos aos macacos alados.

— E acho que vou precisar dele justamente por três vezes — respondeu Glinda sorrindo.

Dorothy deu-lhe o Capuz de Ouro e a bruxa disse ao Espantalho:

— O que você vai fazer quando Dorothy for embora?

— Vou voltar à Cidade de Esmeralda — respondeu ele —, porque Oz me passou o governo da cidade e o povo gosta de mim. A única coisa que me incomoda é como vou conseguir atravessar o morro dos Cabeças-de-Martelo.

— Vou usar os poderes do Capuz de Ouro para ordenar aos macacos alados que o leve à Cidade de Esmeralda. Seria uma vergonha privar o povo de tão extraordinário governante.

— Sou mesmo extraordinário? — perguntou o Espantalho.

— Você é único — respondeu Glinda.

E voltando-se para o Homem de Lata perguntou:

— O que você vai fazer quando Dorothy for embora?

Ele descansou um pouco o machado e disse:

— Os Winkies foram muito gentis comigo e queriam que eu os governasse quando a Bruxa Malvada morreu. Gosto dos Winkies e, se pudesse voltar para a Terra do Oeste, gostaria de governá-los para sempre.

— Minha segunda ordem aos macacos alados — disse Glinda — será para que eles o levem são e salvo à terra dos Winkies. Seu cérebro pode não ser tão grande quanto o do Espantalho, mas quando seu corpo está bem polido você é mais brilhante do que ele. E tenho certeza de que você governará os Winkies sabiamente e bem.

Então a bruxa voltou-se para o grande e peludo Leão e perguntou:

— Quando Dorothy tiver voltado para casa, o que você pretende fazer?

— Do outro lado do morro dos Cabeças-de-Martelo — ele respondeu — há uma grande e velha floresta e todos os animais

que moram lá querem que eu seja seu rei. Se eu pudesse voltar para a floresta iria ficar muito feliz de passar o resto da vida lá.

— Minha terceira ordem aos macacos alados — disse Glinda — será para que o levem à sua floresta. Então, depois de usar os poderes do Capuz de Ouro, vou presentear com ele o Rei dos Macacos para que ele e todo o seu bando fiquem livres para sempre.

O Espantalho, o Homem de Lata e o Leão agradeceram à Bruxa Boa pela sua generosidade e Dorothy exclamou:

— Você é tão boa quanto bonita! Mas ainda não me falou como poderei voltar ao Kansas.

— Seus Sapatos de Prata vão transportá-la por cima do deserto — respondeu Glinda. — Se você soubesse de seus poderes mágicos, poderia ter voltado para o Kansas no mesmo dia em que chegou a esta terra.

— Mas se assim fosse eu não teria conseguido meu maravilhoso cérebro! — exclamou o Espantalho. — Eu iria passar minha vida inteira no milharal.

— E eu não teria meu maravilhoso coração — disse o Homem de Lata. — Iria ficar na floresta e enferrujar até o fim do mundo.

— E eu continuaria medroso — disse o Leão — e nenhum animal da floresta teria uma palavra amiga para me dizer.

— Tudo isso é verdade — disse Dorothy — e estou contente de ter sido útil a esses bons amigos. Mas, agora que cada um deles conseguiu o que mais desejava e além disso um reino para governar, acho que gostaria de voltar para o Kansas.

— Os Sapatos de Prata — disse a Bruxa Boa — têm poderes extraordinários. E uma das coisas mais curiosas a seu respeito é que podem levá-la a qualquer parte do mundo em três passos, e cada passo será dado num piscar de olhos. Você só precisa bater os calcanhares três vezes e ordenar aos sapatos que a transportem para o lugar que quiser.

— Se é assim — disse a menina alegremente —, vou pedir que me levem ao Kansas imediatamente.

Ela abraçou o pescoço do Leão e beijou-o, acariciando suavemente sua grande cabeça. Depois beijou o Homem de Lata, que chorava, pondo em risco suas juntas. Mas, em vez de beijar a face pintada do Espantalho, abraçou seu macio corpo

empalhado e notou que ela mesma estava chorando a despedida de seus ternos companheiros.

A boa Glinda desceu de seu trono de rubi para dar um beijo de despedida na menina, e Dorothy agradeceu pelo bem que fizera a ela e aos seus amigos.

E então Dorothy, com gestos solenes, pegou Totó nos braços e, depois de dar o último adeus, bateu os calcanhares dos sapatos um contra o outro três vezes, dizendo:

— Levem-me à minha tia Ema!

Imediatamente ela se viu deslocando-se a toda velocidade no ar, tão rápido que a única coisa que percebia era o vento assoviando em suas orelhas.

Os Sapatos de Prata só deram três passos e pararam tão de repente que ela rolou na grama muitas vezes antes de perceber onde estava.

Finalmente ela conseguiu sentar-se e olhar em volta:

— Meu Deus! — gritou ela.

Pois estava na ampla campina do Kansas, e tinha à sua frente a nova casa de fazenda que o tio Henrique havia construído depois que o ciclone carregou a antiga.

Tio Henrique estava ordenhando as vacas no curral, e Totó pulou de seus braços e correu em direção ao celeiro latindo alegremente.

Dorothy levantou-se e notou que estava só de meias. Os Sapatos de Prata caíram quando ela voava e perderam-se no deserto para sempre.

DE VOLTA A CASA



Tia Ema acabara de sair de casa para aguar os repolhos quando levantou os olhos e viu Dorothy correndo em sua direção.

— Minha querida menina! — gritou ela, apertando-a nos braços e cobrindo-lhe as faces de beijos. — De que confins você veio?

— Da Terra de Oz — disse Dorothy gravemente. — E aqui está Totó também. Oh, tia Ema, estou tão contente de estar em casa novamente!



L. Frank Baum e sua máquina de escrever, em 1899.

L. Frank Baum

NA ESTRADA DE TIJOLOS AMARELOS

Mário Vilela

Moderno era um adjetivo que se aplicava bem a Lyman Frank Baum. Caixeiro-viajante, jornalista, músico, ator, produtor teatral, romancista, cineasta, ele foi uma combinação muito americana de criador e empresário, um precursor (malsucedido, é verdade) de figuras como Disney e Spielberg.

Nasceu em 1856, no estado de Nova York. Os Estados Unidos eram um país jovem, e, na grande expansão econômica da época, o pai de Baum já enriquecera com um negócio bastante novo, o petróleo, e com outro bastante antigo, o teatro. É quase certo que essa associação familiar com dinheiro e entretenimento tenha sido a influência mais marcante na carreira de Baum.

Quando pequeno, os médicos disseram que sofria do coração e o proibiram de fazer esforço físico. Hoje, desconfia-se de que ele fosse até bem sadio. Em todo caso, passou a infância longe dos esportes, fazendo aquilo de que mais gostava: ler e cuidar de galinhas. Depois, quando estava com doze anos, resolveram mandá-lo para um colégio militar, onde o regime era mesmo de quartel. Baum adoeceu (ou fingiu adoecer) e foi levado às pressas para casa. Vida militar, nunca mais.



L. Frank Baum aos doze anos, com a farda do colégio militar.

Aos quinze anos, em 1871, começou a imprimir um jornal mensal, com histórias e poemas que ele mesmo escrevia. Infelizmente, como costuma acontecer nesses casos, não sabemos se o jornal era bom ou mesmo se alguém o lia. Mas, em 1873, ele e um amigo lançaram outro jornal mensal, modestamente intitulado *O Império*. Isso durou dois anos, até Baum virar criador de galinhas e ator.

O mais extraordinário é que ele tenha conseguido conciliar avicultura e dramaturgia. Suas galinhas foram papando prêmios em exposições (anos depois, Baum até escreveria uma monografia, bastante conceituada, em que ensinava como criar esses bichos). E, de quebra, ele percorria o estado de Nova York com uma trupe mambembe, que representava peças de Shakespeare em teatros iluminados a vela e lamparina.

Mas, a bem dizer, Baum não tinha aspecto lá muito dramático: alto e magro, era bastante parecido com o comediante Groucho Marx. Além disso, seus colegas de palco se revelaram uns pilantras. Só o deixavam participar do grupo porque ele, filho de pai rico e mão-aberta, lhes dava milhares de dólares em figurinos de seda, veludo e renda (não custa lembrar que, naquela época, o dólar valia muitíssimo mais do que hoje).



L. Frank Baum como ator em *A donzela de Arran* em 1882.

Um belo dia, caiu em si, descobriu que não teria muito futuro com essa turma e foi trabalhar numa das empresas do pai. Mas, de vez em quando, voltava a atuar. Começou, também, a ganhar a vida como jornalista.

Em 1882, escreveu e montou o drama musical *A donzela de Arran*. A peça era bem lacrimosa, ao gosto da época, e foi um sucesso. Saiu em turnê pelo Canadá e pelo Kansas, uma região semisselvagem onde os índios ainda atacavam caravanas e os caubóis trocavam tiros no meio da rua. Naquele mesmo ano, Baum se casou com a filha de uma famosa sufragista, ou seja, uma mulher que fazia campanha em prol do voto feminino (coisa que, aliás, as americanas só conseguiriam bem mais tarde).

ÓLEO DE MACHADO

Esse casamento era prova do espírito tolerante e pouco convencional do moço. Quase todo mundo achava as sufragistas uma chateação, mas Baum se dava bastante bem com a sogra, mesmo quando precisaram morar debaixo do mesmo teto. As más-línguas dizem que ela serviu de modelo para a Bruxa Malvada do Oeste, mas não é verdade.

Com mulher e filho para sustentar, o jornalismo e uma ou outra produção teatral já não eram suficientes. Para complicar, a rede de pequenos teatros que o pai lhe dera quebrou, pois o responsável pela contabilidade era um total incompetente. Como desgraça pouca é bobagem, todos os cenários e figurinos de *A donzela de Arran* pegaram fogo, e Baum não pôde mais remontar a peça.

Voltou às empresas da família, agora como vendedor de lubrificante para machados. Então o pai morreu, a companhia foi vendida, e Baum se mudou para Dakota do Sul, um território onde disputas à bala eram café-pequeno. Certa vez, o próprio Baum acabou desafiado para um duelo, mas, como não sabia nem por onde segurar o revólver, a coisa ficou nisso mesmo.

Outra mudança, dessa vez para Chicago. Ali, trabalhou como jornalista e depois caixeiro-viajante. Tinha quarenta anos e muito pouco dinheiro, mas sua carreira estava prestes a deslanchar.

Para divertir os quatro filhos, contava histórias que ele mesmo adaptava de rimas infantis tradicionais. As crianças adoravam, e Baum percebeu o potencial disso. Em 1897, publicou um livro com tais histórias, *Mamãe Ganso em prosa*. O último capítulo, a propósito, introduzia a personagem Dorothy, que voltaria em *O Mágico de Oz*.

Pouco depois, Baum conheceu um ilustrador de muito talento, W. W. Denslow. Da parceria entre os dois, surgiu em 1899 *O livro do Papai Ganso*, uma coletânea de rimas ilustradas que logo se tornou *best-seller*. Em 1900, Baum lançou mais dois livros nessa linha, sempre com desenhos de Denslow.

Animado, escreveu e publicou no mesmo ano seu primeiro romance, partindo de uma história de ninar que inventara para os filhos. Nascia então *O Mágico de Oz*, uma das narrativas mais famosas da literatura infantil. Denslow, de novo, era quem assinava as ilustrações.



Dorothy, o Homem de Lata e o Espantalho numa das clássicas gravuras que W. W. Denslow produziu para a edição original de *O Mágico de Oz* (1900). O trabalho de Denslow fixou-se de tal maneira na imaginação do público que se tornou impossível visualizar de outra forma os personagens de Baum.



Da esquerda para a direita, Bert Lahr, Jack Haley, Judy Garland, Frank Morgan e Ray Bolger, numa foto publicitária de *O Mágico de Oz*, o grande musical que a Metro produziu em 1939. Foi um dos filmes mais vistos de todos os tempos: no cinema e na televisão, já teve mais de um bilhão de espectadores.

As vendas foram enormes, e já em 1902 Baum produzia em Chicago um musical inspirado no livro. A peça estreou com tanto êxito que logo foi para a Broadway, o centro teatral de Nova York, e depois viajou pelo país durante vários anos. Baum se animou a escrever outros livros sobre Oz, começando com *A terra maravilhosa de Oz* em 1905 e incluindo mais doze títulos até sua morte.



Cena do filme *O Mágico de Oz* em que Dorothy e o Espantalho encontram o Homem de Lata.



Em 1978, Sidney Lumet dirigiu o musical *Wiz*, uma versão muito mais adulta e pessimista de *O Mágico de Oz*, com um elenco só de atores negros. Os astros do filme eram: Michael Jackson (Espantalho), Nipsey Russell (Homem de Lata), Diana Ross (Dorothy) e Ted Ross (Leão).

“LAURA” E “EDITH”

Como a renda dessa série tinha seus altos e baixos, ele produzia outras aventuras, especificamente para meninos. Uma delas combinava a fantasia e a ficção científica num título muito bem-humorado: era *A chave geral*, um conto de fadas elétrico baseado nos mistérios da eletricidade e no otimismo de seus adeptos; foi escrito para garotos, mas outros, se quiserem, podem lê-lo.

Sempre de olho no mercado, Baum também criava histórias para meninas. Como escrever para moças não era coisa de homem, ele muitas vezes assinava “Laura Bancroft” ou “Edith van Dyne”. Em 1906, com os lucros do primeiro desses livros “cor-de-rosa”, a família pôde viajar pela Europa.

Na França, Baum se encantou com o cinematógrafo e, ao voltar para casa, fez uma série de curtas-metragens baseados nas histórias de Oz. Eram coloridos à mão, quadro por quadro, e usavam truques de fotografia semelhantes aos do pioneiro francês Georges Méliès. Baum saiu em turnê com os filmes, apresentando-os pessoalmente às plateias, mas o projeto não justificou o dinheiro empatado.

Em 1911, mudou-se com a família para Hollywood. Não andava bem de saúde, e esperava que o clima quente da Califórnia ajudasse. Hollywood era então apenas um subúrbio de Los Angeles, com muitos laranjais e nenhum grande estúdio de cinema. Baum voltou a criar suas galinhas e começou a cultivar dalias e crisântemos. Ganhou prêmios e mais prêmios em exposições de flores, mas não teve tanta sorte nos negócios: faliu tentando construir um parque temático, uma espécie de Ozlândia. Décadas mais tarde, em circunstâncias bastante diferentes, esse mesmo tipo de ideia renderia bilhões de dólares para a Disney.

Baum ainda conseguiu se recuperar e voltou a insistir no cinema. Em 1914, produziu e dirigiu *A garota de retalhos de Oz*, baseado no sétimo livro de sua série. Mais um fracasso: fitas infantis ainda não tinham apelo comercial, e o filme era mesmo muito aborrecido. A Companhia Cinematográfica Oz fechou as portas, e Baum passou o resto de seus

dias atormentado por uma angina e uma infecção na vesícula. Mas manteve o bom humor e não deixou de dar duro, continuando a escrever até a morte, em 1919. Era um otimista incorrigível e, como a Dorothy de *O Mágico de Oz*, sempre acreditou em sua própria estrada de tijolos amarelos.

Logo depois de ter lançado *Mamãe Ganso em prosa*, ele fez uma anotação que resume sua carreira de autor: “Quando eu era moço, queria muito escrever um romance que me tornasse famoso. Mas, agora que estou ficando velho, meu primeiro livro é escrito para divertir as crianças. Pois, afora minha óbvia incapacidade de escrever ‘grande literatura’, descobri que a fama é ilusória e, quando alcançada, não vale a pena; já agradar uma criança é uma coisa adorável, que nos alegra e tem suas próprias recompensas”.

Fotografia de L.
Frank Baum, em 1914.



CRÉDITO DAS IMAGENS

p. 136 UtCon Collection/Alamy/Fotoarena

p. 137 Gibson Green/Alamy/Fotoarena

p. 138 Reprodução/(<www.commonswikimedia.org>)

p. 140 AF Fotografie/Alamy/Fotoarena

p. 141 e 142 Pictorial Press Ltd/Alamy/Fotoarena

p. 142 TCD/Prod.DB/Alamy/Fotoarena

p. 144 Granger Historical Picture Archive/Alamy/Fotoarena

BIBLIOGRAFIA

CINEMA

A garota de retalhos de Oz (1914)

DRAMA MUSICAL

A donzela de Arran (1882)

OBRAS

The Book of Hamburgs (1896)

By the Candelabra's Glare (1897)

Mother Goose in Prose (*Mamãe Ganso em prosa*, 1897)

Father Goose: His Book (*O livro do Papai Ganso*, 1899)

The Army Alphabet (1900)

The Navy Alphabet (1900)

The songs of Father Goose (1900)

The Art of Decorating Dry Goods Windows and Interiors (1900)

Dot and Tot of Merryland (1901)

American Fairy Tales (1901)
The Master Key: An Electric Fairy Tale (1901)
The Life and Adventures of Santa Claus (1902)
The Magical Monarch of Mo (1903) — publicado originalmente em 1900 como *A New Wonderland*)
The Enchanted Island of Yew (1903)
Queen Zixi of Ix (1905)
John Dough and the Cherub (1906)
The Sea Fairies (1911)
Sky Island (1912)

OBRAS DA SÉRIE OZ ESCRITAS POR L. FRANK BAUM

The Wonderful Wizard of Oz (*O Mágico de Oz*, 1900)
The Marvelous Land of Oz (*A maravilhosa Terra de Oz*, 1904)
Ozma of Oz (1907)
Dorothy and the Wizard in Oz (1908)
The Road to Oz (1909)
The Emerald City of Oz (1910)
The Patchwork Girl of Oz (1913)
Tik-Tok of Oz (1914)
The Scarecrow of Oz (1915)
Rinkitink in Oz (1916)
The Lost Princess of Oz (1917)
The Tin Woodman of Oz (1918)
The Magic of Oz (1919)
Glinda of Oz (1920) — publicação póstuma

OBRAS ESCRITAS SOB O PSEUDÔNIMO DE EDITH VAN DYNE

Aunt Jane's Nieces (1906)

Aunt Jane's Nieces Abroad (1906)

Aunt Jane's Nieces at Work (1906)

Aunt Jane's Nieces at Millville (1908)

Aunt Jane's Nieces in Society (1910)

Aunt Jane's Nieces and Uncle John (1911)

The Flying Girl (1911)

Aunt Jane's Nieces on Vacation (1912)

The Flying Girl and Her Chum (1912)

Aunt Jane's Nieces on the Ranch (1913)

Aunt Jane's Nieces Out West (1914)

Aunt Jane's Nieces in the Red Cross (1915, republicado em 1918)

Mary Louise (1916)

Mary Louise in the Country (1916)

Mary Louise Solves a Mystery (1916)

Mary Louise and the Liberty Girls (1918)

Mary Louise Adopts a Soldier (1919)

OBRAS ESCRITAS SOB O PSEUDÔNIMO DE LAURA BANCROFT

The Twinkle Tales (1906)

Policeman Bluejay (1907)



EU LEIO

CONFIRA ABAIXO OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE

Charles Dickens

Uma história de Natal

Conan Doyle

O cão dos Baskerville

Um estudo em vermelho

Edgar Allan Poe

Histórias de crime e mistério

O escaravelho de ouro

Gaston Leroux

O fantasma da Ópera

Júlio Verne

Viagem ao centro da Terra

A volta ao mundo em oitenta dias

Lewis Carroll

Alice no País das Maravilhas

Mark Twain

As aventuras de Tom Sawyer

O príncipe e o mendigo

Mary Shelley

Frankenstein

R. L. Stevenson

A ilha do tesouro

O médico e o monstro

Rudyard Kipling

O livro da selva





Este livro foi composto nas fontes Fairfield,
Gorri Sans, Neutra Text, Pine Forest, DK Lemon
Yellow Sun, Black Pearl Personal, Sutter Camp e em
letterings desenhados por Kristian Hammerstad e Luiz
Dominguez, e impresso sobre papel Pólen Soft® 70 g/m².